FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 27 DE JANEIRO DE 1962

ANO 41.º — NÚMERO 14 053

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 — REDACÇÃO COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 - LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º — NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A votação na O. N. U. das moções sobre Angola

efectuar-se-á na terça-feira

NOVA YORK, 27 — A Assembleia Geral das Nações Unidas, que suspendeu as sessões para o fim de semana, calcula, que o debate sobre Angola termine na segunda-feira e que se realize na terça-feira a votação das duas moções presentes á Assembleia Geral: a afro-asiática, apoiada por 43 países, e a polaco-bulgara, que tem o apoio do bloco comunista.

Já intervieram no debate 43 países e ainda há 11 inscritos na lista dos oradores. Entretanto, outros indicaram o desejo de contestar pormenores das moções antes que sejam postas á votação.

Depois de Angola, fica aberto o caminho para a Assembleia Geral examinar a permanente acusação cubana de «agressão» norte-americana. O chefe da delegação cubana, numa reunião secreta realizada ontem para solicitar o apoio afro-asiático, declarou que a conferência mi-

(Continua na 3.ª página)

Antoine Gizenga e sua secretária, após a chegada a Leopoldville do antigo vice-primeiro-ministro congolês. Gizenga viajou de Stanleyville, onde foi preso á ordem do Governo Central, num avião da O. N. U.

A Suíça julga seu dever armar-se para a defesa

BERNE, 27. — A Suíça «neutral» afirmou ser seu dever defender-se «com todas as armas possíveis».

O Conselho Federal (o Governo) afirmou que a Suíça «não pode basear a sua defesa nacional no recurso de quaisquer outros Estados».

O comunicado foi emitido em resposta a uma petição do Movimento Antinuclear Suíço para um compromisso formal, por parte da Suíça, para não produzir ou comprar armas nucleares. — (R.).

5 mil contos da Fundação Gulbenkian para reparar os danos causados pela cheia do rio Douro

A Fundação Gulbenkian, após o inquérito directo realizado pelos seus serviços nas zonas marginais ao rio Douro mais afectadas pela ultima cheia, resolveu prestar a sua colaboração ás entidades oficiais e particulares que tenham o encargo de reparar alguns dos danos ali causados, mediante a construção de novas habitações que substituam as que foram destruídas ou gravemente danificadas e a beneficiação dos bairros insalubres ribeirinhos do Porto.

Para esse efeito, o conselho de administração da Fundação votou uma verba de 5000 contos. Esta resolução foi já comunicada ao sr. ministro das Obras Publicas pelo presidente da instituição.

Embora a utilização desta verba se faça de acordo com o plano de acção que o Ministério das Obras Publicas e as respectivas Camaras Municipais hajam elaborado ou venham a estabelecer com a mesma finalidade, ela não substituirá as de entidades oficiais ou particulares que tomaram a seu cargo a execução desse plano. O subsídio da Fundação destina-se, essencialmente, a permitir o alargamento do plano por forma a beneficiar um maior numero de sinistrados ou a aumentar os auxílios de que nos dois oludidos sectores — construção de novas habitações ou melhoramentos nos bairros ribeirinhos do Porto — os sinistrados careçam.

O CORONEL GLENN não foi lançado no espaço em virtude de serem más as condições meteorológicas

CAPE CANAVERAL, 27. — O lançamento do coronel Glenn no espaço foi adiado, em consequência de serem más as condições meteorológicas.

Densas nuvens pairam sobre a zona da experiência. Anuncia-se que o coronel Glenn vai sair da cápsula.

O coronel Powers declarou que não se sabe ainda quando se procederá á próxima tentativa. — (R., F. P. e A. N. I.).

A CONTAGEM INVERSA FORA JÁ INTERROMPIDA ANTES

CAPE CANAVERAL, 27. — Eram duas horas locais (7 horas T. M. G.) quando o coronel John Glenn foi acordado no quarto posto á sua disposição no hangar «S» de Cape Canaveral. Havia-se deitado ontem, pouco depois de jantar, pelas 20 horas. O pequeno almoço do coronel (da infantaria naval) começou ás 2 e 23, e terminou uns vinte minutos depois. A seguir a esta refeição, relativamente frugal, Glenn foi submetido a um exame médico geral, que apenas levou cinco minutos. Pouco depois, fez uma série de exercícios físicos para dar aos médicos uma ideia da sua forma actual que, segundo as

(Continua na ultima página)

ECHEVARRIA É ACUSADO de torturar e assassinar treze presos políticos

S. DOMINGOS (Republica Dominicana), 27. — O antigo secretário de Estado das Forças Armadas Pedro Rodriguez Echavarria e mais nove oficiais do Exército foram oficialmente acusados de torturar e assassinar treze presos políticos durante o regime de Trujillo.

O caso registou-se no dia 13 de Janeiro, segundo informa um comunicado oficial. — (A. N. I.).

A MORTE NA ESTRADA

HOMS, 27. — Dois automóveis que seguiam a grande velocidade entre as cidades sírias de Homs e Hama, chocaram de frente. Os dois motoristas e os sete passageiros tiveram morte instantanea. — (F. P.).

Onde irá parar a moda se pegar? Trata-se de desenhos originais ou em série nas meias de senhora, cujas pernas poderão ser desta feita exposições ambulantes

CARLOS LACERDA PROCESSADO POR DIFAMAR o presidente da República e o chefe do Governo

RIO DE JANEIRO, 27 — O Governo federal acaba de processar por difamação o governador do Estado de Guanabara, Carlos Lacerda, que numa série de artigos, actualmente em publicação no seu jornal «Tribuna de Imprensa» injuria «o presidente João Goulart e o primeiro-ministro Tancredo Neves».

Lacerda, cuja violência polémica é bem conhecida, qualificou Goulart de «cretino, impubere mental e desonesto», num artigo publicado na passada quarta-feira. Esta frase levou o ministro da Justiça, Alfredo Nasser a processar Lacerda que por outro lado afirma que o presidente João Goulart tem o hábito de «meter as mãos nos cofres publicos» e chama «bacia» D. João Goulart ao primeiro-ministro Tancredo Neves.

Nos círculos políticos recorda-se que as relações entre Goulart e Lacerda sempre foram más. Depois da demissão do presidente Quadros, o governador Lacerda colocou-se ao lado dos ministros militares que tinham então vetado a investidura de Goulart. Depois disto, Lacerda sempre se recusou a encontrar o chefe

(Continua na ultima página)

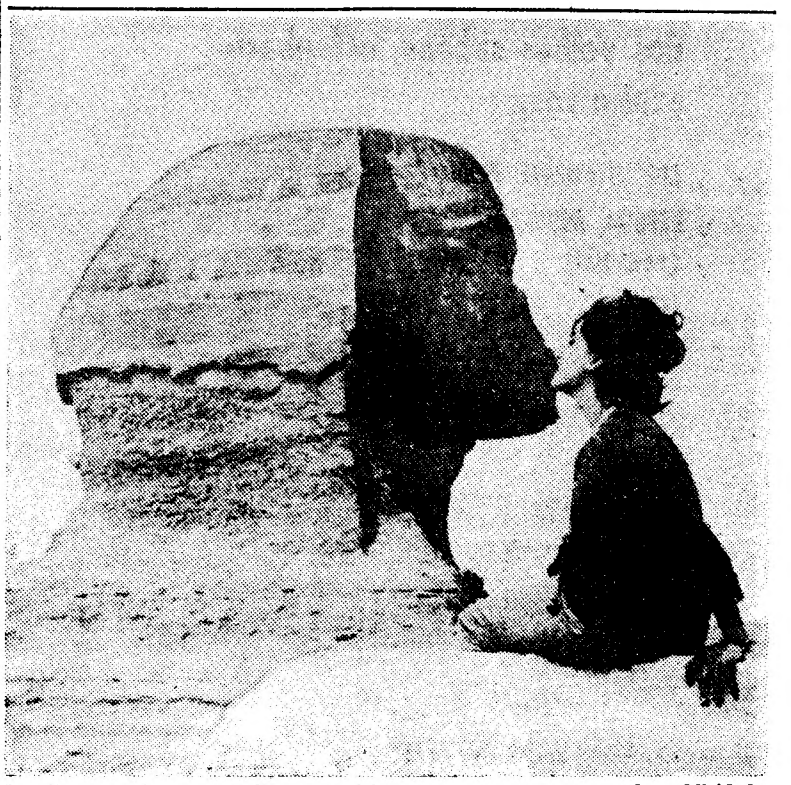
★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine

Diario de Lisbôa

de hoje é de 32 páginas e inclui

Magazine e Juvenil

VISADO PELA CENSURA



O beijo da Esfinge não é flor de retórica neste caso, mas truque de publicidade. Uma bailarina libanesa que trabalha no Cairo foi ao deserto e lá foi fotografada a beijar os lábios frios da Esfinge, graças a uma habilidade do fotógrafo

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Dé ontem para hoje

CONFRATERNIZAÇÃO DE GOESES

Convivio entre estudantes goeses se verificou ontem á noite no Colégio de Pio XII, na cidade universitária. Primeiro o jantar de confraternização, tendo na presidência o sr. ministro do Ultramar e ao lado o rev. Joaquim António de Aguiar, director do colégio. Depois a sessão de convívio, na biblioteca do colégio. Nela falaram os srs. Pedro Festas Pinto, João Rebelo de Carvalho e por ultimo o sr. ministro do Ultramar que respondeu a perguntas.

Alguns dos estudantes goeses agora na Metrópole procuraram saber quais as possibilidades, por parte do Governo, de garantir a sua subvenção. O sr. ministro respondeu ser já do conhecimento publico, que todos os naturais daquela província se poderiam fixar em qualquer parcela do território nacional, e que está a ser feito um recenseamento dos estudantes goeses, a fim de que se possa ter uma ideia de como essa subvenção virá a ser efectivada, verificando-se, pois, que o problema está a ser estudado o mais atentamente possível. Um membro do Movimento perguntou, depois, até que ponto se podia contar com o Governo, informando o ministro que também o Governo está interessado em saber até que ponto pode contar com a juventude.

O MURO QUE CAI

Em Perrais, na freguesia de Ocã, ruiu um muro e os destroços atingiram a pequenita Lucia Almeida Ferreira, de 7 anos, filha do sr. Manuel Ferreira da Conceição; e Angela Fernandes, da mesma idade, filha do sr. Alvaro da Conceição, as quais andavam a brincar com outras crianças. A Lucia teve morte instantanea e a Angela recolheu, com graves lesões internas, ao hospital de Oliveira do Bairro.

*

A CURVA DO MAZOLO

Não longe de Porto de Mós, em Alqueidão da Serra, vivia o operário sr. José Vieira Saragoça, de 51 anos. Casa humilde e com a alegria dos oito filhos, quatro deles de tenra idade. Ontem vinha do trabalho o sr. Saragoça. Montado na sua bicicleta descia a serra do Mazolo. Numa curva caiu e teve morte imediata. O que vai ser feito de toda aquela ninhada de filhos, sem ninguém que lhes dê o pão para a boca!...

A CRIANÇA E A CABRA

O miudo segurava a cabra por um cadeado. Bem firme não a largava. Mas a cabra é cabra e teimosa. Queria correr e saltar e o cadeado não a deixaxa. Puxou, puxou, até que arrastou o pequenito José Pinto Ribeiro, de 6 anos, que caiu do muro e ficou muito contuso. Isto passou-se em terras de S. Pedro do Sul, na freguesia de Bordonhos.

*

VIDA POLÍTICA

Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministro de Estado, Corrêa de Oliveira e ministro do Exército.

NO PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o sr. prof. dr. Adriano Moreira, ministro do Ultramar. Esteve a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado o sr. dr. José Antunes de Miranda Vasconcelos, conservador do Registo Predial de Tomar.

*

OS LOBOS

Essas feras que chacinam os rebanhos têm dado que falar muito ultimamente, por esse País fora. Nessa Beira dura, onde mestre Aquilino lhes escreveu a crónica, é por demais! Ainda ontem em S. João do Monte, nas faldas do Caramulo, os lobos se atiraram ao rebanho do sr. Manuel Ferreira, de Covelo. Duas ovelhas e um carneiro foram piteus, comidos até sem sal e pimenta.

«Amigos de Lisboa»

Os corpos gerentes do Grupo «Amigos de Lisboa» vão no dia 8 do Concelho, apresentar cumprimende Fevereiro, ás 15 horas, aos Paços tos ao presidente da Camara Municipal de Lisboa, general António Vitorino França Borges.

ROTARY CLUBE

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa, do próximo dia 30, ás 13 horas, no Hotel Tivoli, na Avenida da Liberdade, o rotário sr. Fernando David e Silva falará sobre: «Perfumaria e cosmética, ramos da Ciência aplicada».

O regresso à Metrópole dos portugueses internados em Goa, Damão e Dio

Do Ministério dos Negócios Estrangeiros recebemos a seguinte nota oficiosa:

Em relação com o embarque dos nacionais portugueses, militares e civis, que se encontram em Goa, Damão e Dio, foi recebida com data de 17 de Janeiro corrente uma nota do Governo Indiano definindo a atitude deste na matéria.

Tendo ponderado todos os aspectos do problema, e no intuito de apressar aquele embarque, comunicou o Governo Português ao Governo Indiano, por nota de 20 daquele mês, a sua disposição de tomar medidas imediatas para rápida solução do assunto.

Para conhecimento geral, tornam-se publicos os textos acima referidos.

Por intermédio dos Governos do Brasil e da Republica Arabe Unida têm prosseguido entretanto as negociações, sublinhando-se desde já a delicadeza e a inevitável demora na conclusão das mesmas entre outras razões por ser indispensável obter a cooperação de terceiros países, além dos complexos problemas de organização que suscita o transporte marítimo e aéreo de milhares de pessoas num curto espaço de tempo.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros não deixará, sempre que oportuno, de dar conta do desenvolvimento e progresso daquelas negociações.

A nota da União Indiana

«A Embaixada da Republica Arabe Unida apresenta os seus atenciosos cumprimentos ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e tem a honra de transmitir a seguinte Nota recebida do Ministério das Relações Exteriores da União Indiana:

«1. O Ministério das Relações Exteriores apresenta os seus cumprimentos á Embaixada da Republica Arabe Unida e tem a honra de se referir á Nota da Embaixada n.º 21, de 9 de Janeiro de 1962, respeitante aos portugueses detidos em Goa, Dio e Damão e aos indianos detidos em Portugal e nas suas colónias.

2. O Ministério das Relações Exteriores tem a honra de comunicar que o Governo da India concorda com o repatriamento dos civis portugueses detidos pelo Governo da India em Goa, Dio e Damão. Entende-se que os cinco cidadãos indianos seguintes, detidos em Portugal — sr. M. A. Blantleman, sr. E. D. Fernandez, sr. D. J. Pandua, dr. H. N. Wadia, dr. Mahintura — terão também autorização do Governo português para partirem para onde desejarem.

3. Está a ser preparada, e será fornecida logo que possível, uma lista completa dos civis portugueses detidos em Goa, Dio e Damão. O Ministério das Relações Exteriores agradeceria ser informado sobre o local onde se realizarão as negociações a respeito do repatriamento destas pessoas. O Ministério sugere que estas pessoas embarquem em Bombaim, por barco ou por avião, segundo o que as Autoridades Portuguesas decidirem.

4. O Ministério igualmente agradeceria se, depois das negociações, um membro da Embaixada da Republica Arabe Unida em Lisboa pudesse visitar os indianos presos, para se assegurar do seu bem-estar, em conformidade com as condições estipuladas pelo Governo Português e com o fim de preparar as modalidades do seu repatriamento, por via marítima ou aérea, para o destino que eles desejarem.

5. O Ministério das Relações Exteriores nota que as Autoridades Portuguesas concordaram em permitir ás mulheres dos indianos detidos comunicar com os seus maridos por telefone ou por telegrama.

6. A Nota da Embaixada da Republica Arabe Unida declara que o ministro dos Negócios Estrangeiros português informou o encarregado de Negócios da R. A. U. em Lisboa de que a questão da repatriação dos militares detidos em Goa, Dio e Damão estava ainda a ser considerada. O Governo Indiano, por seu lado, está disposto a permitir a repatriação dos militares, para Portugal. O Ministério das Relações Exteriores agradeceria ao Governo de Portugal que informasse a India a respeito do meio de transporte que, por seu lado, deseja utilizar. O Governo da India sugere que esses preparativos sejam feitos de forma que os militares portugueses possam deixar a India por Bombaim.

7. O Ministério das Relações Exteriores tem igualmente a honra de comunicar que, segundo informações recebidas, um grande numero de cidadãos indianos, incluindo mulheres e crianças, vivendo há longos anos nas colónias portuguesas e exercendo profissões pacíficas, sobretudo negócio e comércio, foram presos e detidos pelas Autoridades portuguesas nessas colónias. O Ministério não conhece o numero exacto desses cidadãos, mas crê que será de alguns milhares. Foi também comunicado que as propriedades, contas comerciais e outros bens pertencentes a esses cidadãos foram igualmente arrestados. O Ministério agradeceria que a Embaixada da Republica Arabe Unida em Portugal, tendo em atenção os pontos mencionados no parágrafo 6.º, insistisse junto das Autoridades portuguesas a respeito da libertação urgente desses cidadãos indianos detidos e da restituição dos seus bens, etc., para que eles possam continuar a exercer em paz as suas profissões, sem qualquer restrição ás suas pessoas ou ás suas propriedades. Faz-se referência nesta comunicação a uma exposição feita pelo ministro dos Negócios Estrangeiros português ao sr. John K. Colley, correspondente especial do «Shristian Science Monitor» de Boston, segundo a qual Portugal estaria disposto a libertar os indianos internados em Moçambique, avaliados não oficialmente em 12 000, contra a libertação e repatriamento de cerca de 3200 portugueses detidos em Goa pela ocupação das tropas indianas. Esta exposição foi publicada no numero daquele jornal de 6 de Janeiro de 1962.

O Ministério das Relações Exteriores aproveita esta oportunidade para reiterar os protestos da sua mais alta consideração».

A Embaixada da Republica Arabe Unida aproveita esta ocasião para reiterar ao Ministério dos Negócios Estrangeiros os protestos da sua mais alta consideração.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1962».

Junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros apurámos não constituir reprodução fiel a declaração atribuída ao sr. ministro dos Negócios Estrangeiros no ultimo período da nota indiana, nem o numero de subditos indianos referido corresponde á realidade.

A nota de Portugal

«Para transmissão ao Governo da União Indiana, e tendo em conta a nota da Embaixada da Republica Arabe Unida em Lisboa, de 17 de Janeiro de 1962, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, em relação com o embarque de militares e civis portugueses de Goa, Damão e Dio, comunica o seguinte:

«a) O Governo Português enviará ao porto de Karachi, Paquistão, se obtida autorização do respectivo Governo, os navios portugueses necessários ao embarque, para território nacional, dos elementos militares e civis portugueses a evacuar de Goa, Damão e Dio.

b) O Governo Português fretará os aviões estrangeiros necessários para o transporte dos nacionais portugueses, militares e civis, de Bombaim ou de outro porto que for escolhido para o embarque, para Karachi, sendo neste ultimo porto aguardados pelos navios acima referidos.

c) O Governo Português espera que sejam embarcados todos os militares portugueses, e que igualmente todos os nacionais civis portugueses, seja qual for a terra da sua naturalidade, sejam autorizados a sair de Goa, Damão e Dio, quando o desejarem.

d) O Governo Português libertará no momento apropriado, quando em relação aos nacionais civis portugueses for obtida a necessária garantia do Governo Brasileiro, os subditos indianos que se encontram detidos em território português.

e) O Governo Português não tem objecção a que navios indianos, para esse fim exclusivo, venham buscar a portos portugueses do ultramar os subditos indianos que se encontram internados e que, no momento apropriado, serão libertos, devendo abandonar o território português com os seus familiares.

2. O Governo Português desejaria saber, com urgência, a partir de que data pode começar o embarque dos militares e civis portugueses em Bombaim ou no porto que for escolhido e, pela sua parte, esclarece que o embarque dos subditos indianos em território português pode começar quando mais convier ao Governo da União Indiana, desde que obtida a garantia a que se refere a alínea d)».

Bombeiros de Oeiras

Amanhã á tarde efectua-se, na sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Ceiras, um baile abrilhantado pelo conjunto musical Costa Santos, cuja receita reverte inteiramente para os dos cofres daquela instituição.

PROF. DR. LUÍS DA CAMARA REYS

AGRADECIMENTO

Sua viuva e mais família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente ou por escrito, por desconhecimento de moradas, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que de qualquer forma manifestaram o seu pesar e bem assim a todos aqueles que o acompanharam á sua ultima morada.

A CIDADE

Pelos hospitais

DESCONHECIDO ATROPELADO — Esta manhã, na Rua de S. Bento, foi gravemente atropelado um homem que aparenta 50 anos e do qual se desconhece a identidade. Está gravemente ferido e sem fala na sala de observações do Hospital de S. José.

COLHIDO POR UM AUTOMÓVEL — Quando transitava na Avenida de Roma foi gravemente colhido por um automóvel o trabalhador José Baptista, de 20 anos, residente na Quinta dos Peixinhos. Muito contuso na cabeça deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma bolsa de calfe, contendo um terço de contas de vidro; um relógio de pulso, para senhora; um sapatinho de criança; uma meia de «nylon», para senhora; uns óculos graduados; um relógio de pulso, para homem; uma pasta de cartão hidráulico; uma quantia em dinheiro; um porta-moedas com dinheiro; 1 cartão em nome de Manuel Luís Enes; diversas luvas desirmanadas; uma roda completa; um tampão de roda de automóvel; um tampão de depósito de gasolina; um aro de roda de automóvel; diversas argolas com chaves, e chaves desirmanadas.

NÃO HÁ CASOS DE VARÍOLA

no Liceu Maria Amália

Como, ultimamente, se têm registado, no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, faltas de comparência de diversas alunas, levantou-se a hipótese de, entre as que não têm comparecido por doença, haver algumas atacadas de varíola. Essa suspeita alarmou as famílias de algumas das educandas, que nos comunicaram a sua preocupação.

Pedimos informações na secretaria do liceu, e foi-nos garantido, peremptòriamente:

—Graças a Deus, não se registou, até agora, qualquer caso de varíola neste liceu. Têm, realmente, faltado algumas alunas por motivo de gripe, durante dois, três, quatro dias.

—Mas falaram-nos, também, em casos de varicela...

—Houve apenas um, mas, felizmente, essa aluna já está curada.

VIDA MILITAR

Intendência e Contabilidade da Força Aérea

Na sede da Direcção dos Serviços da Intendência e Contabilidade da Força Aérea, na Avenida António Augusto de Aguiar, efectuou-se, hoje, com começo ás 10 horas, mais um encontro de Formação Profissional da Força Aérea.

Este encontro — o 27.º — foi orientado pelo director, coronel João Francisco Calado; e os problemas tratados foram a organização e o funcionamento dos comandos administrativos.

Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 11

O Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 11, com sede em Setubal avisou os recrutas do referido distrito, que aguardam incorporação no corrente ano, inclusive os classificados pelas Juntas de Recrutamento aos C. S. M., que não comprovaram no respectivo distrito as suas habilitações literárias até 31 de Outubro do ano findo, de que devem verificar pelos editais mandados afixar nas regedorias das freguesias do seu recenseamento, qual a unidade onde se devem apresentar, impreterìvelmente, nos dias indicados nas mesmas, com destino ao 1.º turno de incorporação, o qual se realiza de 10 a 13 de Fevereiro próximo futuro.

O prédio que vai ser demolido

VAI SER DEMOLIDA

uma casa que fora atingida por uma granada na revolução de 1910

O prédio de quatro andares e águas furtadas que ainda existe na esquina das ruas de Tomás Ribeiro e de Pedro Nunes, vai ser demolido e naturalmente substituído por outro, de rendas «modernizadas»... O caso seria banal na Lisboa dos nossos dias, se esta velha casa não tivesse uma pequena história, que faz dela uma das recordações do movimento que implantou, em 5 de Outubro de 1910, o regime republicano em Portugal.

O edifício, durante a revolução, foi atingido por uma granada, facto ali evocado por uma lápida singela. A casa resistiu á granada, embora sofrendo estragos, mas não resistirá á revolução demolidora da Lisboa de hoje. Desaparecerá também a lápida, que tem a seguinte inscrição: «Recordação de uma granada para o advento da Republica em Portugal»?

A SITUAÇÃO EM ANGOLA

(Continuação da 1.ª página)

nisterial da Organização dos Estados Americanos, em curso em Punta del Este, no Uruguai, visa a preparação de uma invasão a Cuba patrocinada pelos Estados Unidos.

A INGLATERRA DESEJA QUE A O. N. U. NÃO TOME QUALQUER DECISÃO QUE ISOLE PORTUGAL

A sessão de ontem da Assembleia Geral encerrou com o discurso do delegado britanico, «sir» Patrick Dean, que declarou apoiar o pedido da Austrália para que a Assembleia Geral não tome qualquer atitude que isole Portugal mas que o induza a seguir na direcção que reconhecemos ser aquela que o mundo segue.

Lembrou, a propósito, que a Grã-Bretanha exprimirá as suas duvidas sobre a competência legal da O. N. U. para intervir, e disse que a Grã-Bretanha continua a acreditar que a sua posição neste ponto é ainda válida. — (A. N. I., F. P. e R.).

O GOVERNO CANADIANO NEGA O FORNECIMENTO DE ARMAS A PORTUGAL

OTTAWA, 27 — O Governo canadiano não efectuou qualquer envio de armas para Portugal e não tenciona fazê-lo, declarou, ontem, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Canadá, Howard Green, respondendo a uma pergunta relativamente a Angola. — (F. P.).

NO NORTE DE ANGOLA ENTREGARAM-SE JÁ ÀS AUTORIDADES CERCA DE 150 MIL NATIVOS

LUANDA, 27 — Sobe a 150 000 o numero de nativos que até hoje já se apresentaram ás autoridades administrativas no Norte de Angola.

Estas dezenas de milhar de nativos tinham sido afastados das suas terras, pelos terroristas, desde que se registaram no Norte da Província, os tristes acontecimentos em Março do ano findo. O seu regresso fica a dever-se, em grande parte, á acção de recuperação psico-social, em tão boa hora iniciada pelas forças militares. Contando com as populações que sempre se mantiveram nas suas localidades, estima-se em três por cento a população que ainda não regressou ás suas terras. Nesta percentagem estão incluídos os que, eventualmente, tenham morrido.

Acentua-se que esta estimativa foi feita de acordo com o recenseamento nominal e já foi efectuada este ano, por comparação com o recenseamento passado.

PUBLICADAS AS NORMAS PARA A INTEGRAÇÃO DE CIVIS NO CORPO DE VOLUNTÁRIOS

Foram publicadas as normas da integração de civis no Corpo de Voluntários para a defesa civil de Angola.

Pelo novo sistema — já há tempos anunciado pelo general Venancio Deslandes, governador-geral de Angola — será assegurada na retaguarda a devida segurança, evitando-se que as forças militares, combatendo na frente tenham de se preocupar com as situações de perigo que possam vir a surgir nos meios citadinos.

No Corpo de Voluntários para a defesa civil de Angola poderão ser integrados todos os civis maiores de 18 anos.

No caso especifico de Angola, todas estas medidas, não são de mais para se assegurar definitivamente o clima de paz tão necessário ao regresso á normalidade nos territórios que mais sofreram com o espectro do terrorismo. — (L.).

O «Diário de Lisboa» vende-se em Moscavide na Agência D. Laura Massano, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, lote 5.

Está a ser reprimida

a especulação verificada na venda do vinho de consumo

A acção fiscalizadora da I. G. A. tem encontrado dificuldades, junto dos proprietários dos estabelecimentos de vinho á medida, casas de pasto e similares, para esclarecer os preços por que é adquirido o vinho directamente nos produtores, uma vez que esses proprietários nem sempre se encontram munidos dos documentos comprovativos das compras.

Devem, portanto, os interessados providenciar nesse sentido, a fim de evitarem o procedimento legal por parte daqueles serviços.

Entretanto, foram processados: um retalhista de vinhos, na área de Alcântara, que vendia vinho a copo com o lucro de 75 por cento; uma cervejaria da Praça do Bocage e um restaurante-bar da Avenida 5 de Outubro, ambos em Setubal, que no vinho servido á mesa, em garrafas, apuravam lucros de 43 e 75 por cento; um outro retalhista da Rua Serpa Pinto, em Viseu, também vendia vinho a copo com lucros de 53 e 75 por cento.

Outras especulações

Os agentes da Intendência têm, ainda, desenvolvido intensa actividade noutros sectores do comércio retalhista, tendo verificado os seguintes abusos: quatro retalhistas de Lisboa estavam vendendo banha a preços bastante superiores aos que seriam legítimos, devido á baixa do fornecedor; diversos comerciantes forneciam «caras» e «línguas» de bacalhau com lucros de 40 a 55 por cento; um comerciante por grosso, de Setubal, também auferia 44 por cento na venda deste artigo, tendo sido organizados doze processos por especulação.

Também a alpista estava a ser alvo da ganância excessiva dos armazenistas de mercearia, que obtinham lucros de 34 a 36 por cento nos fornecimentos respectivos ao comércio, e um retalhista de Viseu vendia o artigo com lucro de 59 por cento. Foram instruídos mais cinco processos.

Carne de vitela por mais dez escudos em quilo

No Porto, num talho da Rua Costa Cabral, foi preso, pelos fiscais da I. G. A., o cortador Armindo Fernandes Lourenço, gerente daquele estabelecimento, que vendia carne de vitela (fundo sem osso) por mais dez escudos em quilo, além da tabela. Apresentado em tribunal, foi caucionado em dez mil escudos, aguardando em liberdade o julgamento.

Por sua vez, o comerciante António dos Santos Reis, de Ucanha (Tarouca), processado há algum tempo por transporte ilegal de baga de sabugueiro, foi condenado em 10 contos de multa, perda da mercadoria a favor do Estado, e mil escudos de imposto de justiça.

UM EMPRÉSTIMO

para a produção do filme «Um Dia de Vida»

Um despacho emanado da Presidência do Conselho e Ministério das Finanças, autoriza a Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência a dispor da importancia de 250 000$00, do Fundo de Cinema Nacional, a favor de Filmes Castelo Lopes, Lda., como empréstimo concedido pelo Conselho de Cinema para a produção do filme de grande metragem «Um Dia de Vida».

Este empréstimo é feito pelo prazo de um ano, prorrogável por períodos de seis meses e com a taxa de juro de 3,5 por cento ao ano.

EM 3 LINHAS

Foi publicado um folheto, com o título «Rumo ao futuro», contendo o discurso proferido pelo secretário de Estado da Agricultura, dr. João Mota Pereira de Campos, na sessão do Conselho Superior de Agricultura de 12 do corrente.

///

A conta publica provisória dos meses de Janeiro a Novembro de 1961, acusa um excesso das receitas sobre as despesas orçamentais, de 101 878 contos.

///

Foi acrescentada ao efectivo das navios da Armada, no estado de armamento, a lancha de fiscalização «Regulus», que fica pertencendo á classe «Antares».

///

Vai ser posta em vigor em todas as províncias ultramarinas, com modificações, a Lei n.º 1922, que cria, na Administração-geral dos C. T. T., o Fundo de Cauções.

///

Foi nomeado vogal do Conselho da Ordem Militar de Avis, o general, na situação de reserva, Raul Martinho.

///

O escritor e conferencista dr. Luís de Oliveira Guimarães foi agraciado com o oficialato da Ordem de Benemerência.

///

Foi constituida a comissão encarregada de rever, estudar e definir as condições de aplicação do óleo de bagaço de azeitona refinado. Presidirá o engenheiro-Agrónomo João da Mota Furtado.

///

Os irmãos António Sérgio e José Pedro Carneiro Bustorff Silva, pretendem construir uma pousada num terreno que possuem em Sesimbra.

///

O dr. Fernando Moreira foi nomeado delegado do Governo junto da Sociedade Portuguesa de Lapidação de Diamantes.

///

O dr. Artur Nobre de Gusmão foi nomeado prof. do 8.º grupo da Escola Superior da Belas-Artes, de Lisboa.

///

E' de 116 000 contos o custo aproximado da empreitada, que está a concurso, de construção dos reservatórios e das obras de construção civil do depósito de P. O. L. O. T. A. N., da Nato, na área de Lisboa, e de 50 000 contos o do fornecimento e da montagem das respectivas instalações mecanicas.

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS»

MARIA HELENA

Aplaudida intérprete da canção brasileira

ARTUR RIBEIRO

nas suas populares criações

e

BELINDA and DEBECKER

estilistas da dança

(Maiores 17 anos)

AMANHÃ: «Matinée» com atracções. Chá completo. 25$00

O TEATRO MODERNO DE LISBOA

SATISFAZENDO INÚMEROS PEDIDOS, DARÁ

AMANHÃ, às 11.30 da manhã (Adultos)

Um espectáculo extraordinário com o seu grande êxito

«O TINTEIRO»

Elenco: ARMANDO CORTÊS, FERNANDO GUSMÃO, COSTA FERREIRA, CARMEN DOLORES, ROGÉRIO PAULO, RUI DE CARVALHO, TOMÁS DE MACEDO, NICOLAU BREYNER, MARIA SCHULZE, CLARA JOANA, ARMANDO CALDAS CARLOS CABRAL e MORAIS E CASTRO

UMA COMPANHIA E UMA PEÇA QUE O PÚBLICO CONSAGROU!

A sessão terminará às 13.30 horas

IMPERIO

Bilhetes à venda aos preços normais

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

● O realizador Artur Duarte iniciou já os trabalhos que se prendem com a sua próxima película produzida pelo famoso empresário brasileiro Walter Pinto, a que, provisòriamente, chamou «Alô Portugal — Aqui Brasil» e que terá Raul Solnado como protagonista. A principal intérprete feminina será a artista brasileira Iris Bruzzi, considerada no ultimo ano a primeira vedeta do teatro ligeiro do Brasil.

● O conjunto vocal «4 de Espadas», constituído pelos cançonetistas Américo Lima, Fernando La Rua, Paulo Alexandre e Nuno de Almeida, deslocar-se-á a Madrid, para uma série de actuações na televisão.

● Depois do seu regresso da Madeira e dos Açores, Fernando Farinha pensa deslocar-se a Moçambique para uma estadia de dois meses.

● Eva Todor reaparecerá em breve na TV, para apresentar a segunda série das «Aventuras de Eva».

● A versão cinematográfica da peça «O rapto», de Figueiredo de Barros que, como noticiámos, será realizada por Fernando Frazão, foi aprovada pela R.T.P.

Palmira Bastos

foi ontem homenageada

O Grupo Boa Esperança, de Algés, prestou ontem homenagem a Palmira Bastos, para o que alguns sócios de colectividade se deslocaram ao Teatro D. Maria II, onde a eminente actriz desempenha a principal figura de «As árvores morrem de pé», de novo em cena com o êxito que a consagra há onze anos.

Num dos intervalos do espectáculo, a directora do Grupo entregou um belo ramo de flores a Palmira Bastos, que se mostrou sinceramente comovida com a simples e espontanea homenagem.

No Monumental

estreia-se esta noite Yma Sumac e o «Ballet» de Alfredo Alária

Yma Sumac, que há alguns anos se apresentou entre nós no Casino do Estoril, é um nome de cartaz. Primeira figura de alguns filmes norte-americanos baseados ou relacionados com lendas do povo Inca, o seu nome e a sua figura exótica correram Mundo. Fenómeno vocal extraordinário, pois consegue emitir desde as notas mais graves, do baixo, aos agudos do soprano dramático, Yma Sumac deixou há tempos o cinema para se dedicar ao palco, onde tem continuado a deslumbrar o publico com a sua arte. Pois Yma voltou ao nosso País e apresentar-se-á esta noite, em duas sessões, no Teatro Monumental. Isto já seria bas-

(Continua na 10.ª página)

ALÁRIO

5.ª SEMANA

UM FILME QUE TEM SIDO ALVO DA MAIS VIVA POLÉMICA E AO MESMO TEMPO SE IMPÔS PELA SUA EXCEPCIONAL CATEGORIA CINEMATOGRÁFICA!

ROMA

TELEF.: P. 727778 - B. 729192

(Adultos) Às 15.30, 18.30 e 21.30

um filme de VALÉRIO ZURLINI

A RAPARIGA DA MALA

(LA RAGAZZA CON LA VALIGIA)

DOPPIATO IN ITALIANO

CLAUDIA CARDINALE — JACQUES PERRIN

UMA HISTÓRIA DIRIGIDA À SENSIBILIDADE DO PÚBLICO!

BRAVO!

GRITOU ONTEM O PÚBLICO

NA ESTREIA DO FABULOSO ARTISTA

José VASCONCELOS

O MAIOR! O ÚNICO!! O INIMITÁVEL!!!

Eu Sou O ESPECTÁCULO

NO ACOLHEDOR E SIMPÁTICO TEATRO

SÓ MAIS 9 DIAS

A BILHETEIRA ABRE ÀS 13 HORAS

A B C

O TEATRO DOS GRANDES ÊXITOS POPULARES

HOJE, EM 2 SESSÕES, ás 20.45 e 23 horas

LOTAÇÕES ESGOTADAS

ATENÇÃO: AMANHÃ DOMINGO, TARDE às 16 h.

ESPECTÁCULO PARA 12 ANOS

É UM NOVO E ENORME ÊXITO DE GARGALHADA!!!

A ALEGRE E ORIGINALISSIMA COMÉDIA QUE RIBEIRINHO E HENRIQUE SANTANA APRESENTAM NO VARIEDADES

Ribeirinho | Henr. Santana | Eunice Munhoz | Costinha | António Silva

O 2.º GRANDE ESPECTÁCULO ALEGRE DA TEMPORADA!

QUE HOJE SE REPRESENTA EM 2 SESSÕES, ÀS 20.45 e 23 HORAS

A LINHA DA SORTE

P. 17 ANOS

Maria Helena | Aida Baptista | Henr. Santana | Carlos Alves | Lili Neves | Manuela Maria

POR UM ELENCO DE EXCEPCIONAL CATEGORIA!

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO PELO SISTEMA INFRA-VERMELHO «AKO»

AMANHÃ À TARDE ÀS 16 HORAS À NOITE: 2 SESSÕES

Recintos de diversões

Os locutores Artur Agostinho, Jorge Alves e Igrejas Caeiro, e os artistas Helena Tavares e Carlos Coelho, deram a sua adesão para a festa de Manuel Fernandes, que brevemente se efectua, para festejar as suas bodas de prata.

— Acompanhada á viola por Francisco Peres e á guitarra por Jorge Fernandes, está a actuar com pleno êxito, na «Toca», de Carlos Ramos, a artista Fernanda Maria.

— No «Faia», sob a direcção artística de Lucília do Carmo, está a actuar, com muito agrado, o fadista Fernando Maurício.

MARIA VITÓRIA

Emp. Hermes Portela · Tel. 31740

As 20.45 e 23 h. Ad. M/ 17 anos

A MELHOR REVISTA DOS ULTIMOS ANOS

BATE O PÉ!

2 HORAS DE GARGALHADA!

no teatro MONUMENTAL Vasco Morgado apresenta

HOJE EM ESTREIA SENSACIONAL

2 SESSÕES às 20.45 e 23 H.

com LOTAÇÕES ESGOTADAS

UM ACONTECIMENTO ARTÍSTICO!!!

10 ÚNICOS DIAS

PARA MAIORES **12** ANOS

YMA SUMAC A VOZ INCONFUNDÍVEL

e OS FAMOSOS

BALLETS DE ALFREDO ALÁRIA

com **INÊS MARCO** e o 1.º Bailarino **RICARDO FERRANTE**

Ajudante de direcção e iluminotécnica de **MANUEL BARRIO**

Bailarinas: ANTONIA CAMACHO, PAMELA GARRET, BEATRIZ MARGENAT, MARIA MAYER, MARIA SOLEDAD, BONIL PARKER

Bailarinos: OSCAR ARAIZ, IGNACIO ARRIETA, ANTONIO BARDIZ, ARTURO BERMULZ, MANUEL CASTRO

● BILHETES À VENDA PARA OS 5 PRIMEIROS DIAS ●

ATENÇÃO: NÃO SE REALIZAM ESPECTÁCULOS NAS TARDES DE DOMINGO, DADO O ESFORÇO DESPENDIDO PELOS BALLETS, NOS SEUS ALUCINANTES NÚMEROS

TRINDADE

Telef. 32 09 00 (M. 12 anos)

As 21.45

Em 6.ª semana de representações

O PRÍNCIPE DE HOMBURGO

com **Brunilde, Alves da Costa, Benamor, Figueiredo, Lígia** e **MÁRIO PERFIRA** no protagonista

Em Ensaios: «O PAI» de Strindberg

UM CARTAZ ARREBATADOR!

*** COLISEU ***

(Emp. Ricardo Covões Herds.)

Telef. 31997

HOJE, ás 21 e 30

Podem assistir crianças a partir dos 6 anos

LEÕES — ZEBRAS — CAMELOS — CAVALOS

CIRCO

Duas parelhas de palhaços

DOMINGO, ás 16 horas — Entrada gratuita a todas as crianças até aos 10 anos quando devidamente acompanhadas — ás 21 e 30 — Maiores de 12 anos

---

CAFÉ RESTAURANTE EXPRESSO TERMINUS

Rua Primeiro Dezembro, 67-69

Telefone 324597

Amanhã: Domingo

Lampreia á Moda do Minho

Paelha Valenciana

Pato com Arroz no forno á Portuguesa

Frango Grelhado no Espeto com Piri Piri

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 327172

As 15.15, 18.15 p. red. e 21.30

(M 12 anos)

Danny Kaye — Dana Wynter

1 GENERAL E MEIO

O dobro da alegria . o dobro do divertimento, a mais louca aventura de todas as guerras.

EDEN — Telefone 320768

As 15.30 e 21.30 (M 12 anos)

6.ª SEMANA

EL CID

Uma produção de **Samuel Bronston** com **Charlton Heston** e **Sophia Loren**

O filme começa a ser exibido logo no início dos espectáculos

ROMA

A's 15.30, 18.30 e 21.30 (M 17 anos)

5.ª SEMANA

A RAPARIGA DA MALA

Uma rapariga lançada no turbilhão duma vida incerta, desperta a primeira aventura sentimental num jovem de dezasseis anos

Com **Claudia Cardinale—Jacques Perrin**

ODEON — Telefone 326283

A's 15.15, 18.15 e 21.30

O EXITO DE QUE MAIS SE FALA EM TODA A LISBOA!

O filme mais discutido do mundo

EM NOME DE UMA MÃE

com a famosa vedeta sueca **ULLA JACOBSSON, Claus Holm** e **Sabine Sunwold!** (M. 17 anos)

AVIS — Telefone 47163

A's 15.30, 18.30 e 21.45

(M. 12 anos)

A mais espantosa comédia do ano

ROMANOFF E JULIETA

com **Peter Ustinov — Sandra Dee — John Gavin**

CAPITÓLIO — Telefone 327493

A's 15.30, 18 e 21.30

(M. 12 anos)

O AVENTUREIRO DOS MARES

As lutas entre os piratas que fizeram da Ilha da Tortuga o reduto mais poderoso do século XVI

C/ Lex Barker e Liana Orfei

LUZ — Telefone 48560

A's 21 horas (M. 17 anos)

IDÍLIO EM SETEMBRO A TORTURA DO MEDO

TIVOLI — Telefone 50595

A s 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite

2.ª SEMANA

Um filme de choque e uma rajada de mistério

OS INOCENTES

A história dum amor fantástico para além da morte

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)

Clark Gable, Marylin Monroe e **Montgomery Clift**

OS INADAPTADOS

O melhor de John Huston

CONDES — Telefone 322523

A's 15.15, 18.15 e 21.30

Um filme de extraordinária grandeza épica

A ESCRAVA DE ROMA

Romanos contra bárbaros numa aventura gloriosa!

C/ **Rossana Podesta** e **Guy Madison** (M. 12 anos)

POLITEAMA — Telefone 326385

A's 15.15, 18.15 e 21.30

UM DOS MAIORES EXITOS DE SENSAÇÃO DA TEMPORADA

OS COMANCHEROS

com **John Wayne** e **Stuart Whitman**

A história de três vidas que aniquilam uma sociedade secreta de assassinos.

Cinemascope (M. 17 anos)

Voz do Operário

A's 21 h. (M. 12 anos)

OS COSSACOS e WINCHESTER 73

5.ª-Feira: **O CAPACETE VERDE** (M. 12 anos)

ROYAL — Telefone 865037

As 15 e 21 h. (M. 17 anos)

UMA BARRIGA DE RESPEITO MEU REINO MINHA VIDA

IMPÉRIO — Telefones 555134/5

A's 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)

2.ª SEMANA

do filme que o público aplaudiu!

O MILAGRE DE MALAQUIAS

Realização de **Bernard Wicki**

MONUMENTAL — Telefone 55131

A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)

Uma hilariante comédia

UM SOLTEIRÃO NO PARAÍSO

Aprendam uns segredos... com a autoridade máxima do amor

Bob Hope — Lana Turner

ALVALADE

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.45 (M 12 anos)

Uma estupenda comédia

1 GENERAL E MEIO

com **Danny Kaye — Dana Wynter** na mais louca aventura de todas as guerras!

RESTELO — Telefone 610375

A's 21.15 (M. 17 anos)

IDÍLIO EM SETEMBRO

com Rock Hudson — Gina Lollobrigida

TERRASSE — Telefone 320917

A's 21 (M. 17 anos)

O GUME DA NAVALHA OS 4 GATOS PINGADOS

CINEMA IDEAL — Telefone 324194

A's 21 horas (M. 12 anos)

SHANE

PERDIDO EM PARIS

CASINO ESTORIL

A's 21.30 (M. 17 anos)

ATRÁS DO ESPELHO

com James Mason — Barbara Rush — Walter Matthan

Pensão Monumental

Magníficos aposentos.

Serviço de bom hotel.

R. da Glória, 21—Tel. P.P.C. 36 9807

HOJE

MAXIME

BAILE DE MÁSCARAS

ÚLTIMA APRESENTAÇÃO DA EXTRAORDINÁRIA ATRACÇÃO CUBANA

LOS RIVERO

MARQUE A SUA MESA

MAIORES 21 ANOS — TELEF. 35366/7

N-I-N-A

Boite de Nuit — Maiores de 21 anos

1.º SÁBADO DE CARNAVAL

KUBRAH

bailarina oriental

Brevemente:

GOGO ROJO

escultural bailarina Sul-Americana

Bailes de Máscaras todas as 5.as e Sábados

NO **Avenida** T. 327273

AS 21.30 HORAS

12 ANOS

QUANDO O PUBLICO GOSTA... NÃO HÁ NADA A FAZER!!!

LOTAÇÕES ESGOTADAS

UM ESPECTÁCULO INÉDITO ENTRE NÓS

UM SÓ ARTISTA

DEZENAS DE PERSONAGENS

BADAROSCOPI

com

a colaboração especial de **HELDER MARTINS** gentilmente cedido pela Boite «CARPA»

AMANHÃ À TARDE ÀS 16 H.

DOÇARIA CASEIRA

UMA PEGA 6$50

só no BAR DO RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D

Fecha às 3,30 — Abre às 7 horas — Telef. 724111

DESPORTOS

A «Taça de Portugal em futebol

VINTE CLUBES NA 1.ª MÃO DA 2.ª ELIMINATÓRIA

BENFICA-CUF, NA LUZ, O EMBATE MAIS IMPORTANTE

SPORTING - ORIENTAL em Alvalade

BELENENSES - PENICHE no Restelo

A «Taça», encravada como um espinho, por sinal bastante incómodo, na estrutura dos campeonatos, nacionais tem amanhã nova edição com a disputa dos jogos correspondentes á 1.ª mão da segunda eliminatória. Presentes vinte clubes nos dez jogos que a seguir se indicam:

Entre clubes da 1.ª Divisão

Benfica-C. U. F.
Beira-Mar-F. C. Porto

Entre clubes da 1.ª e 2.ª Divisões

Sporting-Oriental
Belenenses-Peniche
Lusitano-Seixal
Académica-Farense
Leixões-Feirense

Entre clubes da 2.ª Divisão

Vianense-Barreirense
Montijo-Sanjoanense
V. Setubal-Marinhense

Sem duvida, o mais importante embate trava-se, no Estádio da Luz, onde a tarefa do grupo local, em véspera de partir para Nuremberg, não se afigura fácil, tendo em consideração a valia da equipa barreirense, realmente um conjunto harmonioso que sabe interpretar o futebol de campeonato.

A natureza do torneio, em que os golos prevalecem, deve influir no estado de espírito dos jogadores. Porventura, conduzi-los-á a uma aplicação extrema, sem tempo para divagações.

Aos avançados benfiquistas apresenta-se o problema do aproveitamento das oportunidades que a dura defesa barreirense proporcionar. Em contrapartida, o mesmo que se oferece em relação aos dianteiros visitantes os quais possuem requisitos para bater a retaguarda do Benfica.

O «onze» lisboeta é favorito.

Em Aveiro, disputa-se um jogo que promete emoção. Os portistas depararão com inumeras dificuldades, mas os aveirenses não deixarão também de experimentá-las.

O empate e a vitória do visitado entram no vaticínio.

No segundo escalão, clubes das duas divisões, o favoritismo vai para o Sporting, Belenenses, Lusitano, Académica e Leixões, mas isso não significa que não se registe uma surpresa, principalmente em Matosinhos e em Coimbra.

Os «leões» e os belenenses podem aliar a vitória á exibição agradável.

No ultimo escalão, avultam as deslocações do Barreirense a Viana do Castelo e do Montijo a S. João da Madeira. Jogos equilibrados, mas com tendência favorável para os visitados.

Os setubalenses, em sua casa, justificam o triunfo, embora se conte com porfiada réplica por parte dos visitantes. — S.

EQUIPAS PROVÁVEIS

BENFICA — Costa Pereira; Mário João (Serra) e Ângelo (Mário João); Neto, Germano e Cruz; José Augusto, Santana, Águas, Coluna e Simões.

G. D. da C. U. F. — Guimarães; Carlos Silva e Abalroado; Carlos Alberto, Durand e José Carlos; Álvaro, Faia, Medeiros, Vieira Dias e Uria.

SPORTING — Carvalho; Lino e Morato; Pérides, Lúcio e Mendes; Hugo, Figueiredo, Monteiro, Géo e Morais.

ORIENTAL — Arnaldo; Ciborro e Pires; Cordeiro, Viriato e Fragona; Évora, Faustino, Lopes, Cruz e Rivera.

BELENENSES — José Pereira; Rosendo e Castro; Cordeiro, Paz e Vicente; Matateu, Abdul, Vítor Silva, Peres e Iaúca.

PENICHE — Aurélio; António Maria e Tito; Medeiros, Varela e Franco; Correia Dias, Carapinha, Rosário, Lívio e Rogério.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Sosa, Falé e Vicente; Adelino, José Pedro, Tonho, Miguel e Fortes (ex-Sporting de Mindelo).

SEIXAL — Nogueira (Barroqueiro); Ferreira e Almeida; Aniceto, Lenine e Oñoro; Cambalacho, Garrido, Teodoro, Helder e Carvalho.

BEIRA-MAR — Violas; Valente e Evaristo; Marçal, Liberal e Jurado; Garcia (Miguel), Ribeiro, Diego, Paulino e Chaves.

F. C. PORTO — Américo; Virgílio e Festa; Ivan, Arcanjo e Paula; Jaime, Pinto, Azumir, Hernâni e Serafim.

ACADÉMICA — Américo; Marta e Araújo; Moreira, Wilson e França; Crispim, Lourenço, Rocha, Gaio e Almeida.

FARENSE — Calota; Reina ou Chabi e Bento; Vítor, Tino e Dias; Júlio, Vinagre, Djunga, Apolinário e Fortes ou José Bento.

LEIXÕES — Roldão; Rocha e Pacheco; Ventura, Raul e Santana; Chico, Abraão, Oliveira, Osvaldo e Joaquim.

FEIRENSE — Martin; Dinis e Oliveira; Lopez, Aurélio e Campanhã; Carlos, Brandão, Rui Maia, Ramalho e Eduardo.

VITÓRIA — Mourinho; Polido e Manuel Joaquim; Jaime Graça, Galaz e Alfredo; Dimas, Emídio Graça, Suarez, Pompeu e Quim.

MARINHENSE — Serrano; Remígio e Artur; Vaz, Zeca e Pinto; Isidro, Garcia, Coutinho, Imbelloni e Telmo.

VIANENSE — Desidério; Ramos e Soares; Pinho, Domingos e Gerardo; Piloto, Passos, Amaral, Pepe e Palhares.

BARREIRENSE — Bráulio; Faneca e Pimenta; Etelvino, Silvino e Lança; Gastão, Bandeira, José António, Bispo e Mira.

MONTIJO — António Júlio; Faustino, Barrigana; Serralha, José António e Zézinho; Celestino, Artur, Ferra, José Paulo e Pataca.

SANJOANENSE — Ramiro; Carlos e Almeida; Calhou, Alvarez e Nelson; Gonçalves, Augusto, Gomes, Gaspar e Grilo.

O «NACIONAL» DA 3.ª DIVISÃO

OS DESAFIOS DA 2.ª JORNADA

Com os desafios correspondentes á 2.ª jornada prossegue amanhã o Campeonato Nacional da 3.ª Divisão. O programa é o seguinte:

ZONA A — 1.ª Série — Freamunde-Chaves, Mirandela-Bragança, Gil Vicente-Famalicão, Bairro Latino-Monção. — 2.ª Série — Arrifanense-Leça, Lamas-Lourosa, Ovarense-Varzim, Tirsense-Vilanovense.

ZONA B — 3.ª Série — Gouveense-Spt. Lamego, Lusitano U. M.-Académico, Mortágua-M. da Panasqueira, Guarda-Spt. Gouveia. — 4.ª Série — Marialvas-U. Coimbra, Norte e Soure-F. C. Caldas, Mirense-Alcobaça, Nazarenos-N. 1. de Maio.

ZONA C — 5.ª Série — C. D. Olivais-Tramagal, «Os Leões»-Estoril, Ferroviários-Torres Novas, U. Tomar-Vilafranquense. — 6.ª Série — C. Caparica-Casa Pia. Luso-Palmelense, Sesimbra-F. Benfica, Amora-Vitória.

ZONA D — 7.ª Série — Calipolense-Portalegrense, Elvas-U. Montemor, Estremoz-Juventude, E. Portalegre-Estrela V. N. — 8.ª Série — Despertar-S. Domingos, Faro e Benfica - Esperança, Aljustrelense - Ferreirense, Silves-Serpa.

Todos os desafios se realizam nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, as 15 horas.

O DOMINGO DESPORTIVO

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — Campeonato de futebol: F. C. Regina-Carris (2.ª Div. A) e B. Boavista-Carris (1.ª Div.), em Alvalade, ás 9 e 11 h.; B. P.-I. N. Estatística e E. N. Publicidade- C. R. P. de Carenque, na Picheleira (Telefones), ás 9 e ás 11 h.

ACTIVIDADES DA M. P. — Corta-mato «Abertura» nos terrenos da Escola D. Dinis — Paiã, ás 10,30 h.

— Campeonato de futebol no Estádio Nacional, ás 10,30 h., Pupilos do Exército-Colégio Moderno.

ANIVERSARIO — Do Clube Naval de Lisboa (70.º): regatas de remo, inter-sócios, em frente do Cais do Gás, ás 10 horas, seguidas de almoço de confraternização, na sede do clube, ás 13 horas.

ATLETISMO — Campeonato Regional de Juniores (corta-mato, 8000 metros), nos terrenos anexos ao campo do Palmense, ás 11 horas.

— Torneio do Benfica, no Campo Grande, ás 9,30.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional de 2.ª Divisão: Rio Seco-Nacional e Sp. Torres-Montijo, nos campos dos primeiros, respectivamente ás 10 e ás 11 horas.

— Campeonato Regional de Juniores (fase final): Sacavenense-C. I. F., Nacional-Sporting, Física-Belenenses e Atlético-Ateneu, no Pavilhão dos Desportos, a partir das 9 horas.

ESGRIMA — 2.ª Prova de Preparação de Sabre, no Centro Espanhol, ás 9,30.

FUTEBOL — Jogos particulares: Guimarães-Braga e Cova da Piedade-Castelo Branco, nos campos dos primeiros, ás 15 horas.

GOLFE — Taça «T. W. A.», no Estoril, ás 10 horas.

HANDEBOL de ONZE — Campeonato Regional da 1.ª Divisão: Liberdade-Almada (1.ª ás 11 horas), Oriental-Benfica (2.ª e 1.ª ás 14 h. e 15,15) Sporting-Alverca (1.ª ás 10,30) e Cova da Piedade-Belenenses (1.ª ás 13 h.), nos campos dos primeiros.

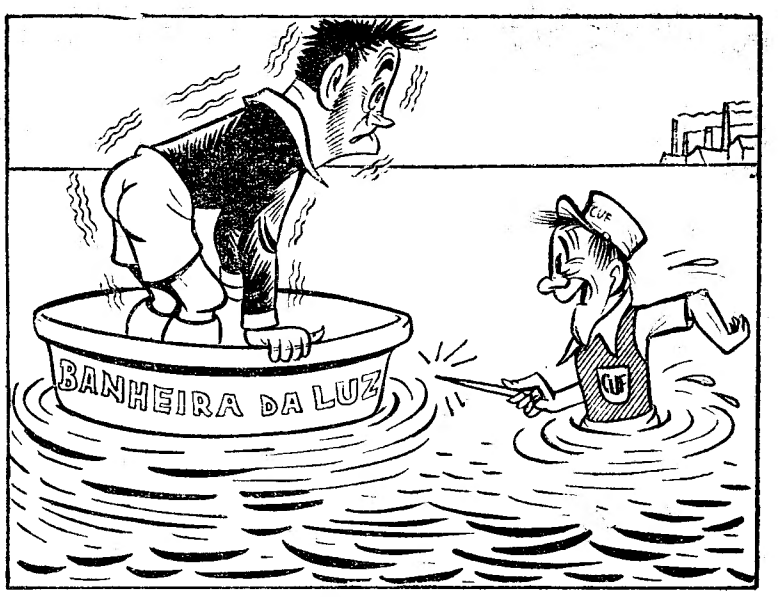
—Campeonato Regional de Juniores: Sporting-C. F. Benfica, Oriental-Almada e Belenenses-Benfica, nos campos dos primeiros, ás 9 horas.

HOQUEI EM CAMPO — Campeonato de Lisboa: C. F. Benfica-Atlético, Benfica-Hóquei e Belenenses-Palmense, nos campos dos primeiros a horas a indicar.

RAGUEBI — Campeonato Nacional: Direito-Académica, no Estádio Nacional, ás 11,15 horas, Belenenses-Agronomia, no Estádio do Restelo, ás 15,30 h. e C. D. U. L.-Benfica, no Estádio Universitário, ás 11 h.

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional de Infantis: Católico C.-Arroios A, Ordem e Progresso-Sporting A, Sporting B-Paço Arcos, Católico A-Sporting C, Encarnação-Católico B e Benfica-Arroios B, nas salas dos primeiros, ás 10 horas.

TIRO — Prova de prancha (30 pratos) e de pombos (5), no Stand do Lumiar, a partir das 14 h.



COM A CUF TUDO PODE ACONTECER...

O 25.º ANIVERSÁRIO

do Grupo Desportivo da Cuf foi ontem comemorado

Várias manifestações não só desportivas como culturais assinalaram o 25.º aniversário do Grupo Desportivo da Cuf.

O vasto programa que desde o dia 16 do mês findo se cumpriu inteiramente, principiando por interessantes exposições de arte fotográfica e de filatelia, e seguindo-se noutras datas encontros de futebol, hóquei em patins e basquetebol, com as visitas do Sporting, Benfica e Barreirenses, um excelente concerto musical pela banda do G. D. da Cuf e a estrela do grupo cénico, terminou ontem com uma sessão solene muito concorrida. Presidiu o dr. Miguel Bastos, governador civil de Setubal, que tinha á sua direita o eng. José Alfredo Garcia, presidente da C. M. do Barreiro, e á esquerda o eng. Rocha e Melo, administrador da Companhia União Fabril, bem como individualidades civis, militares e eclesiásticas, e representantes de colectividades, distritais e concelhias, formando em círculo, devidamente equipados, atletas de várias modalidades do G. D. da Cuf, que ostentavam medalhas e taças.

Depois do sr. Eduardo Sena, em nome da direcção, ter proferido breves palavras alusivas ao acto e apresentado os agradecimentos protocolares, o seu presidente, eng. Bento Louro, fez entrega dos emblemas de dedicação aos sócios inscritos desde a fundação do Grupo, cerca de 120, entre os quais o n.º 1, eng. Rocha e Melo, particularmente ovacionado, e foram distribuídos os prémios e diplomas aos vencedores em 1961 dos jogos florais, e concursos de filatelia e fotografia, após o que o G. D. da Cuf recebeu os troféus conquistados na época finda.

Como fecho do ciclo de festas exibiu-se o filme de grande metragem «Golo», mostrando aspectos diversos do campeonato mundial de futebol.

Dois acontecimentos, porém, se registam, ficando como notas salientes das festas comemorativas do quarto de século. Um deles constitui uma certeza, reveladora do progresso — a electrificação do campo de jogos de Santa Bárbara — e o outro, uma promessa que revela o interesse da agremiação pela cultura popular — a estreia de um grupo cénico formado por amadores, o qual representou com agrado da numerosa assistência, a comédia em 3 actos «O cão e o gato». Reunem-se, assim, o que é de realçar, a musica e o teatro numa colectividade cuja designação é exclusivamente desportiva. — J. D.

OS PRESIDENTES do Barreirense foram designados

Estão ultimadas, com êxito, as diligências de uma comissão, presidida pelo sr. dr. Carlos José da Cruz e França, encarregada de apresentar ao Conselho Geral os presidentes da assembleia geral, direcção e conselho consultivo e de contas, para 1962, do F. C. Barreirense.

Conforme noticiámos, contava-se já com a aceitação dos srs. Aníbal Pereira Fernandes e eng.º Abílio Gaspar Rodrigues, para aqueles dois primeiros cargos. Para o ultimo lugar aceitou convite o conhecido barreirense e antigo jogador de basquetebol, sr. dr. João Manuel Gomes Prates.

Está, também, definitivamente assegurada a colaboração como vice-presidentes da direcção, com vista aos pelouros desportivos e do ginásio-sede, englobando este a exploração comercial, respectivamente dos srs. António Martins, ex-vice-presidente da A. F. de Setubal, e Alberto Costa de Oliveira, que transita do cargo de secretário-geral.

Na popular colectividade da margem Sul do Tejo foram recebidos todos estes nomes com plena satisfação, os quais, dentro de poucos dias, serão eleitos pela assembleia geral.

Os 24 encontros da A. F. L.

No prosseguimento das várias provas que estão em curso, a A. F. L. marcou para amanhã os seguintes desafios:

Campeonato Distrital da II Divisão — Linda-a-Velha-Fanhões, no Estádio Nacional; Charneca-Alverca, no Chão de Loureiro; Amadora-Loures, na Amadora — todos ás 15 e 30 horas, em categorias de honra; U. Povoense-Palmense, no campo do Telhal; Santa Iria-Operário, em Santa Iria — ás 13 e 30 horas, em reservas e ás 15 e 30, em honra.

Campeonato Distrital da III Divisão — Série A — Porto Salvo-Oeiras, em Porto Salvo; Algés-Cascalheira, em Algés; Império-Bom Sucesso, em Chelas; Carcavelos-Boa Hora, em Carcavelos — todos ás 15 e 30 horas. —*Série B* — Belas-Lourel, em Belas; 1.º de Dezembro-Mucifalense, em S. Pedro de Sintra; Vila Verde-Cacém, no Lourel.

Campeonato Distrital de Juniores da I Divisão (2.º fasc) — Série A — Tarujense-Sacavenense, em «Pina Manique», ás 11 e 15 horas; Sporting-Atlético, em Alvalade, ás 10 e 30 horas. — *Série B* — Benfica-Casa Pia, no C. Grande, ás 11 horas; Belenenses-Torriense, no Restelo, ás 10 e 30 horas.

Campeonato Distrital de Juniores da II Divisão — Série A — Vialonga-U. Povoense, em Vialonga; Odivelas-Castanheira, em Odivelas; Alverca-Santa Iria, em Alverca. — *Série B* — Ericeirense-Arroios, na Ericeira; Sintrense-Amoreiras, em Sintra; Cascais-S. Vicente da Beira, em Cascais. — *Série C* — Operário-F. Benfica, em «Pina Manique»; Vitória-Desp. Olivais, na Picheleira; Oriental-Santa Catarina, em Murvila.

Todos ás 10 e 30 horas, excepto o de «Pina Manique», que é ás 9 e 30 horas.

DESPORTOS

DOIS MILHÕES DE PESETAS

recebe por ano o futebolista Puskas

MADRID, 27 — O futebolista Ferenc Puskas, termina o seu contrato com o Real Madrid no fim da presente temporada, mas o compromisso será, imediatamente, renovado, segundo o informador oficial do clube.

Afirma-se que o novo contrato assentará nas mesmas condições do actual, isto é: 25 000 dólares anuais e mais 10 000 em gratificações, o que perfaz um total de 2 100 000 pesetas. — (A. N. I.).

A superioridade do Benfica

nunca esteve em dúvida no encontro com a Cuf para o «Nacional» de basquetebol

Começou, ontem, á noite, com a deslocação do Benfica ao Barreiro, a disputar-se a 4.ª jornada do «Nacional» de basquetebol, torneio que está a despertar interesse em face da invencibilidade, até ao presente momento, do Benfica e do Sporting, e porque também o Barreirense e a Académica contam, no seu activo, com uma derrota cada.

A partida, esperada com expectativa, proporcionou aos «encarnados» mais um passo decisivo para a manutenção do título que ostentam desde o ano passado. A sua vitória sobre a C. U. F., equipa evoluída, com bons elementos a manobrar a bola, por 49-34 (com 25-16 ao intervalo), foi em grande parte devida á acção proeminente dos «homens-de-tabela», servidos por um jogador em grande forma — Joaquim Carlos, que á sua parte obteve cerca de 30 por cento da marcação total da equipa.

Na primeira parte, a rapidez das jogadas dos «encarnados» estonteou os locais, que viram, assim, o marcador acusar logo de entrada uma desvantagem de oito pontos (7-15). A supremacia técnica, quer global e individual dos campeões nacionais, acabou por dominar os cufistas e decidir a sorte do jogo. A imposição «encarnada» foi nascendo e desenvolvendo-se á medida que a partida se desenrolava e, assim a subjugação da defesa barreirense fez-se naturalmente.

Depois dos 15-7, os benfiquistas abrandaram ligeiramente, aceitando uma reacção, que foi, porém, episódica, mas que serviu para demonstrar que a defesa dos «encarnados» não se adaptava com facilidade ao sistema de defesa de «homem-a-homem» e, assim, chegou-se ao intervalo com 25-16 a favor dos campeões.

Na segunda parte, os cufistas falharam na colocação da defesa á zona, permitindo novo avanço dos «encarnados».

No Benfica, salientaram-se Julio Campos, José Alberto e Joaquim Carlos, este ultimo em grande forma e quase impossível de «travá-lo» nas suas fintas. No grupo da C. U. F. os melhores foram Ludgero e Cecílio, excelentes a marcar.

Alinharam e marcaram:

BENFICA — José Alberto, 6; Julio Campos, 6; João Pires, 6; Jorge Silva, 2; Mário Machado, 6; Luís Santos, 5; Joaquim Carlos, 18 e Furtado.

C. U. F. — José Torrão, 7; Ludgero, 14; António Paninho; Cecílio, 12; Barreiros, 1; Próspero e Baptista.

Arbitros — Frederico Sobral e Bernardo Soeiro.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	D.	Marc.	P
Benfica	4	4	—	236-145	12
Sporting	3	3	—	167-135	9
Barreirense	3	2	1	208-105	7
Académica	3	2	1	158-154	7
C. U. F.	4	1	3	135-204	6
Belenenses	3	—	3	96-160	3
F. C. Porto (a)	2	—	2	71-102	2
E Física (a)	2	—	2	65-129	2

(a) Têm um jogo em atraso.

Os «Regionais» universitários

Em voleibol, Ciências venceu a Escola Naval (3-1)

Prosseguiu ontem, no ginásio da Faculdade de Ciências, o Campeonato Regional de Voleibol, com o encontro entre a Faculdade de Ciências e a Escola Naval. A vitória pertenceu aos «cientistas», por 3-1 (7-15, 15-11, 15-13, 16-14), aliás com justiça. A vitória premiou a equipa que possui melhores valores individuais. Os «setes» foram bastante equilibrados, principalmente os três ultimos, e entusiasmaram a assistência até final do jogo.

Alinharam os seguintes jogadores:

Escola Naval — Sales Grade, Tavares da Silva, Jorge Cunha, António Sequeira, S. Fonseca, Carlos Caroço, Jorge Santos e José Neves.

Ciências — Alberto Rocha, Carlos Wanzeller, Rapazote Fernandes, F. Sena, Luís Quental, Ribeiro da Fonseca e Cruz de Lima.

A arbitragem de Melo Cunha foi imparcial.

Distinguiram-se C. Wanzeller e Ribeiro da Fonseca, em Ciências; e Tavares da Silva, Caroço e Neves, na Escola Naval.

De notar o espírito de sacrifício e de camaradagem demonstrado por Luís Quental, de Ciências que, inferiorizado físicamente, não deixou de prestar o seu valioso contributo á equipa, embora a espaços, animando-a nos piores momentos e contribuindo em grande parte para a preciosa vitória obtida. Um exemplo, que agradaria ver imitado, principalmente, entre os que «por favor» representam as suas escolas.

*

Prosseguiu, também, mas no Estádio Universitário, a realização do torneio de raguebi de sete, torneio que está a ter grande êxito e que muito virá contribuir para o desenvolvimento da modalidade entre universitários. Cremos que os frutos desta magnifica campanha de divulgação em breve estarão á vista.

Os resultados foram os seguintes: Direito A, 27-Medicina, 0; Direito B, 5-Técnico, 37.

*

Em futebol, e em substituição, do jogo Farmácia-Técnico B, disputou-se o desafio Direito B-Económicas, vencido pela ultima equipa, por 6-0.

Em ténis de mesa, realizou-se o jogo Academia Militar-Naval, ga direcção de Ciências, que acedeu, embora existissem diversas incompatibilidades, a que a partida se desenrolasse numa mesa da referida escola, colocada na sala onde, por motivo de obras na cantina, se jantava na altura.

Esta partida estava marcada para o Técnico, onde á mesma hora se desenrolava uma tarde cultural. Anomalias que surgem e que convém desapareçam quanto antes.

V. H.

UM PUGILISTA com 28 anos e pai de 7 filhos

vai defrontar o brasileiro Eden Jofre

SAN FRANCISCO, 27 — Anuncia-se que o pugilista brasileiro Eder Jofre, campeão mundial dos «levissimos», enfrenta o norte-americano Herman Marquez, no dia 26 de Fevereiro, nesta cidade, num combate para a disputa de título.

Marquez, que conta 28 anos, é pai de sete filhos. Nos combates já disputados ganhou 19, perdeu 3 e empatou 1. — (A. N. I.).

AUTOMOBILISMO

Uma equipa inglesa

venceu, em Monte Carlo, a prova de maneabilidade e de velocidade

MONTE CARLO, 27. — A prova de maneabilidade e de velocidade, não contando para a classificação do 31.º «Rallye» de Monte Carlo, e em que participaram todas as equipas que chegaram a Monte Carlo, nos prazos dos tempos previstos, realizou-se, ontem, sexta-feira, nos cais do porto de Mónaco.

A classificação foi a seguinte:

1.º, Grant Gregor-Cliff Davis (G. B.), 1'14"52/100; 2.º, Seigle Morris-Ambrose Tony (G. B.), 1'15"87/100; 3.º, Sims Lyndon-Stephens Roger

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Cristóvão Moreira de Figueiredo

Cristóvão Moreira de Figueiredo

LEIRIA, 27 — Em casa de seu filho, o capitão-médico dr. António Bragança Moreira de Figueiredo, faleceu a noite passada, ás 23 e 30, o professor, investigador e publicista sr. Cristóvão Moreira de Figueiredo, de 71 anos.

Cristóvão Moreira de Figueiredo era figura de erudito muito conhecida e estimada em todo o País e particularmente em Viseu onde vivia e a cuja região consagrou mais de uma dezena de livros valiosos e inumeros artigos em revistas e jornais. Mas nem só no que escreveu Cristóvão Moreira de Figueiredo se bateu por sua dama — a Beira. Em toda a sua actividade, desde as conversas de café, ás aulas, aos contactos pessoais, ás conferências, ele sempre advogou os interesses de Viseu e da região de Lafões que era a sua por nela ter nascido, por nela viver e por a trazer de contínuo no coração.

Republicano de sempre, Cristóvão Moreira de Figueiredo deu-se com alguns dos grandes vultos da Republica e permaneceu sempre fiel ao ideal da sua mocidade. Foi amigo de Jaime Cortesão, de Joaquim de Carvalho, de Nuno Simões, de Aquilino Ribeiro — este dedicar-lhe-ia até o romance «Mónica», prestes a sair na edição das Obras Completas, e prefaciaria um dos seus trabalhos —, de Lucio da Rocha e de muitos outros.

Nascera em Calvos, concelho de Vouzela, em 2 de Março de 1891, e na freguesia de Fataunços, bem perto, estabeleceria a sua casa. Lá lhe nasceram os filhos.

Professor da Escola Normal Primária, em Vila Real, foi depois colocado na Escola Comercial e Industrial de Viseu de que chegou a ser director. Pertenceu á Junta de Província da Beira Alta. Participou em todos os congressos provinciais. Foi sua a iniciativa da fundação do Museu Etnológico das Beiras que também dirigiu. Há tempos aposentara-se do professorado, quando a doença começou a afligi-lo, mas permanecera activo e em contacto com tudo o que representasse qualquer interesse para a região.

Cristóvão Moreira de Figueiredo teve uma actividade grande também no jornalismo da província e como correspondente de jornais. O «Diário de Lisboa» de que era correspondente em Viseu, há muitos anos, deve-lhe uma dedicação grande e prestimosa.

Entre as obras publicadas por Cristóvão Moreira de Figueiredo destacam-se 12 conferências sobre as várias regiões da Beira e mais: «Subsídios para o Tombo Genealógico das Beiras», «Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras», com prefácio de Aquilino Ribeiro, «João Ramalho, Patriarca dos Bandeirantes e Filho de Vouzela», com prefácio de Joaquim de Carvalho, «Através da Beira», «O Couto de Alcofa e S. João do Monte», prefácio de José Julio César, «Os Anacoretas do Caramulo: O Lameirão de S. Domingos e a Nossa Senhora do Castelo», «Figueiredo das Donas na Pré-História e na História».

O extinto deixa viuva a sr.ª D. Berta Bragança de Figueiredo, e era pai do dr. António Bragança Moreira de Figueiredo em cuja casa faleceu, e da dr.ª D. Maria Emília Bragança de Figueiredo, farmacêutica em Viseu; era sogro da dr.ª D. Maria Helena Baeta da Veiga de Figueiredo e do sr. Henrique Torres.

O funeral sai amanhã, ás 9 horas, de Leiria, para Viseu onde deve passar por volta do meio-dia, seguindo para Fataunços em cujo cemitério ficará o corpo em jazigo de família.

A toda a família enlutada apresentamos sentidos pêsames.

António Felix dos Santos Lança

Com 41 anos de idade faleceu o sr. António Felix dos Santos Lança. O falecido era natural de Olhão, funcionário do Banco Português do Atlantico e professor de ensino particular. Deixa viuva a sr.ª D. Irene da Silva Santos Lança, e era pai das meninas Ana Maria, Victoria Maria e Irene Maria dos Santos Lança, irmão do sr. dr. Arnaldo dos Santos Lança, juiz do Tribunal da Boa-Hora, e primo do sr. dr. Tomaz Lança Revés, inspector da D. G. S.

Diário da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — *Academia* — Ás 21 e 15: «Os rapinantes» e «Macabro» (17 anos).

ALMADA — *Incrível Almadense* — Ás 21 e 15: «Cinco anos depois» (17 anos).

COSTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* — Ás 21: «O tubo da morte» e «A loucura do rock» (17 anos).

AMORA — *Cine-Teatro* — Ás 20 e 45: «Raptados» (12 anos).

MONTIJO — *Cine-Teatro* — Ás 21: «O mundo de Guliver» e «Pista de gigantes» (6 anos).

PALMELA — *S. João* — Ás 21: «Quase nos teus braços» (17 anos).

SETUBAL — *Luisa Todi* — Ás 21 e 30: «Criada para todo serviço» (17 anos). — *Salão* — Ás 16 e ás 21: «A diligência fantasma» e «O julgamento do capitão Dreyfus» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — *Clube Recreativo* — Ás 21 e 15: «Joselito, os dois garotos» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gameiro* — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 034100).

ALMADA — *Central* — Rua de Olivença, 11-B (Tel. 070504).

BARREIRO — *Central* — Av. da Bélgica, 48 (Tel. 023207).

COVA DA PIEDADE — *Castro Rodrigues* — Praça 5 de Outubro, 62 (Tel. 070121).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 039025).

MONTIJO — *Diogo* — Rua Almirante Reis, 42 (Tel. 030032).

SESIMBRA — *Leão* — Avenida Salazar (Tel. 029025).

SETUBAL — *Normal do Sul* — Praça do Bocage, 137 (Tel. 22216).

PENHORES

ALMADA

Cruzamento D. Nuno-O. Salazar

PARAGENS: PANCAO E AQUARIO

COLUMBOFILIA

A ACÇÃO

do «Afonso de Albuquerque» testemunhada pelo eng. Muñoz de Oliveira

Com pedido de publicação, recebemos a seguinte carta do sr. eng.º Muñoz de Oliveira, recem-chegado de Goa, onde desempenhava as funções de director do porto de Mormugão, quando da invasão indiana, altura em que prestou valiosa assistência aos refugiados que ali embarcaram nalguns navios mercantes estrangeiros:

Sr. director — Surpreendido com o teor do comunicado do Gabinete de Sua Ex.ª o ministro da Marinha, ontem publicado nesse conceituado jornal, rogo a V. se digne esclarecer que nas breves palavras que proferi, a pedido dos representantes da Imprensa e da Rádio, acentuei que «o aviso *Afonso de Albuquerque*, mesmo depois de encalhado, ainda respondia ao ataque da armada indiana».

E' aceitável que, na confusão da chegada, tenha escapado a algum dos presentes, uma parcela das minhas declarações, que, de resto, suponho estarem gravadas pelos serviços da Emissora Nacional. O que me magoou profundamente é que o Gabinete de Sua Ex.ª o ministro da Marinha não tivesse procurado esclarecer-se antes de redigir o comunicado a que me refiro. A própria emoção com que aludi á batalha naval traduzia claramente a minha admiração e respeito pelo glorioso navio *Afonso de Albuquerque* e pela bravura da sua guarnição.

Antecipadamente agradecido, aproveito a oportunidade para declarar a V. a minha maior admiração e estima pessoal e pelo «Diário de Lisboa». a) *Fernando Muñoz de Oliveira.*

Grémios da Lavoura

Estiveram no gabinete do ministro das Finanças, prof. Pinto Barbosa, os presidentes das Federações dos Grémios da Lavoura do continente que eram acompanhados pelo eng. Caldas de Almeida, presidente da Corporação da Lavoura.

Recebidos por aquele membro do Governo, o presidente da Corporação da Lavoura agradeceu, em nome de todos os grémios da lavoura do País, a promulgação do Decreto-Lei que isentou, aqueles organismos corporativos, do pagamento da contribuição industrial.

O ministro da Educação entrega as insígnias da Ordem de Sant'Iago á actriz Amélia Rey Colaço

Amélia Rey Colaço

recebeu a comenda da Ordem de Sant'Iago da Espada das mãos do ministro da Educação

Amélia Rey Colaço representa um caso singular na vida cultural portuguesa destes ultimos quarenta anos, na medida em que contribuiu, decisivamente, para o enriquecimento dos valores positivos e válidos da história teatral do nosso tempo. Representa ainda um valioso e amplo capítulo dessa história onde inscreveu páginas brilhantes com o seu talento, inteligência e amor por uma arte que conquistou totalmente, através de uma personalidade inconfundível, de uma força de vontade inquebrantável e de uma vocação inata servida por uma experiência multimoda.

Filha de um grande pianista e compositor nasceu para uma arte que lhe palpitava, estuante, nas velas e no coração, moldando-lhe uma sensibilidade de ressonancias fundas. O seu temperamento e vocação deram-lhe os primeiros êxitos, nesse dia já longínquo de 17 de Novembro de 1917, quando no antigo D. Amélia, hoje S. Luiz, iniciou uma carreira gloriosa, sob os auspícios do mestre Augusto Rosa. E com «Marianela», de Perez Galdós, começou a povoar e a animar uma galeria notável de personagens, que marcam outras tantas crlações magistrais, ao longo destes quarenta e quatro anos duma actividade, que valorizou as fontes e as

(Continua na 14.ª página)

SALDOS

SÓ ARTIGOS DE VESTUÁRIO
PARA CRIANÇAS
A PREÇOS EXCEPCIONAIS

CASA BENARD
RUA GARRETT, 84

TRÊS MORTOS

numa passagem de nível

BONN, 27. — Três pessoas perderam a vida, numa passagem de nível sem guarda, perto de Diepholz.

Uma automotora colheu um carro de turismo conduzido por um lavrador de 21 anos e que levava como passageiros a mãe, de 47 anos, e a avó, de 86. — (F. P.).

UMA OPERAÇÃO A UM CORAÇÃ COM CIRCULAÇÃO EXTRA

O «ENCONTRO» DOS AMIGOS

DO «DIÁRIO DE LISBOA-JUVENIL» com Rogério Paulo

Depois dos aliciantes momentos de convívio com mestre Aquilino Ribeiro e o grande escritor Manuel da Fonseca, os colaboradores, leitores e amigos do «Diário de Lisboa-Juvenil» tiveram, esta tarde, o encontro com Rogério Paulo, o notável actor, que é, ao mésmo tempo no Teatro português, uma figura de relevo intelectual.

Encheu-se, como sempre nestes colóquios sobre arte e literatura, a vasta sala do «Diário de Lisboa», e a presença do admirável artista, com a sua vincada personalidade, o brilho do seu espírito e a comunicabilidade envolvente que é um dos segredos dos grandes actores, proporcionou momentos de encanto e entusiasmo ao vasto auditório. Rogério Paulo falou do Teatro e dos seus problemas na vastidão da sua cultura especializada e com elevado espírito artístico e emotividade estéctica; e no animado diálogo com os jóvens interlocutores respondeu ás suas curiosidades, aos seus problemas, na insatisfação do saber e nos anseios de cultura. Foi um novo êxito desta valiosa iniciativa cultural do «Diário de Lisboa-Juvenil».

General França Borges

O sr. general França Borges, presidente da Camara Municipal de Lisboa, teve a gentileza de nos agradecer as referências que no nosso jornal lhe foram feitas quando da sua promoção ao mais alto posto do Exército.

O dr. Negrão de Lima

só se deslocará ao Brasil na segunda quinzena de Fevereiro

Ao contrário do que foi anunciado, o sr. dr. Negrão de Lima, embaixador do Brasil em Lisboa, não seguirá amanhã para o Rio de Janeiro.

Aquele diplomata pensa, porém, deslocar-se ao seu país na segunda quinzena do próximo mês de Fevereiro, a fim de visitar a sua família e, ao mesmo tempo, estabelecer contactos políticos, com vista á sua candidatura a deputado federal pelo Estado de Guanabara.

Segundo nos informaram na chancelaria da Embaixada do Brasil, o sr. dr. Negrão de Lima não pensa, de momento, abandonar o seu posto em Lisboa, pelo que regressará a Portugal em meados de Março.

FOI HOJE RE PELA PRIMI NO HOSPITAL DE

Por motivos certamente ponderosos e respeitáveis — rigor dos regulamentos e deontologia profissional — quase sempre o grande publico é mantido no desconhecimento das grandes batalhas, das heroicas lutas travadas contra a morte no silêncio aparente dos hospitais. Quantas vezes essa luta toma aspectos de especial grandeza, risco e devoção a uma causa, a mais nobre de todas; quantas vezes, na modéstia do anonimato, as nossas equipas médicas realizam verdadeiros milagres, procurando estar á altura da sua missão, equiparando-se em saber, devoção e sacrifício, ao que se faz nos centros mais evolúidos na ciência médica e na técnica operatória.

E é de certo modo pena que assim seja, pois o conhecimento dos casos mais expressivos muito podia contribuir para prestigiar, como é de justiça, a medicina portuguesa, dar confiança aos doentes e estimular, dum modo mais efectivo, o interesse da classe médica pelo progresso científico e sua aplicação actualizada.

Foram atrib do XXXIII Concu

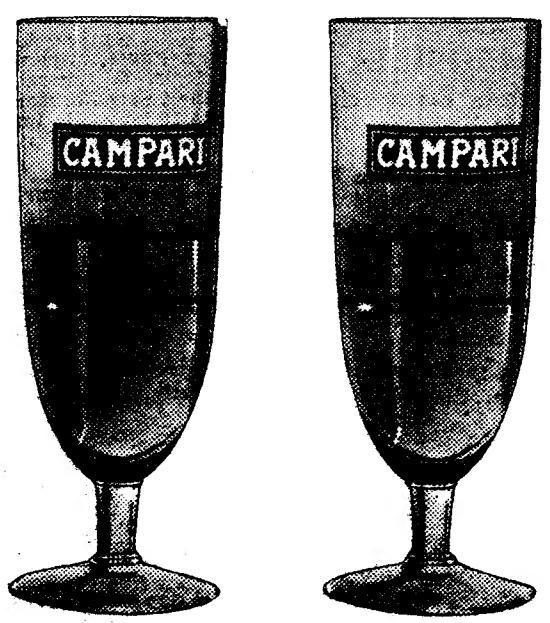
Tendo por objectivo consagrar os escritores, que têm dedicado o seu labor aos problemas ultramarinos e, ainda, revelar nomes novos nesse campo da literatura nacional, a Agência-Geral do Ultramar teve, há 33 anos, uma iniciativa que se mostrou tão util como louvável. Dentro desse espírito, instituiu um concurso de Literatura Ultramarina, que teve em 1961, a

O 29.º ANIVERSÁRIO

da Casa dos Tabuenses

Comemorando o 29.º aniversário da Casa dos Tabuenses, aquela agremiação regionalista manda rezar amanhã, ás 11 horas, na igreja de São José, no Largo da Anunciada, uma missa, por alma dos Tabuenses falecidos, seguida duma romagem ás sepulturas dos fundadores, no cemitério do Alto de S. João.

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços, compramos
Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257



um sabor diferente...
a bebida que convida...

CAMPARI ...Sempre!

DISTRIBUIDOR EM LISBOA: J. A. DA COSTA PINA — RUA DO ALECRIM, 69

RAÇÃO HUMANO
TRA CORPORAL
E REALIZADA
RIMEIRA VEZ
L DE SANTA MARIA

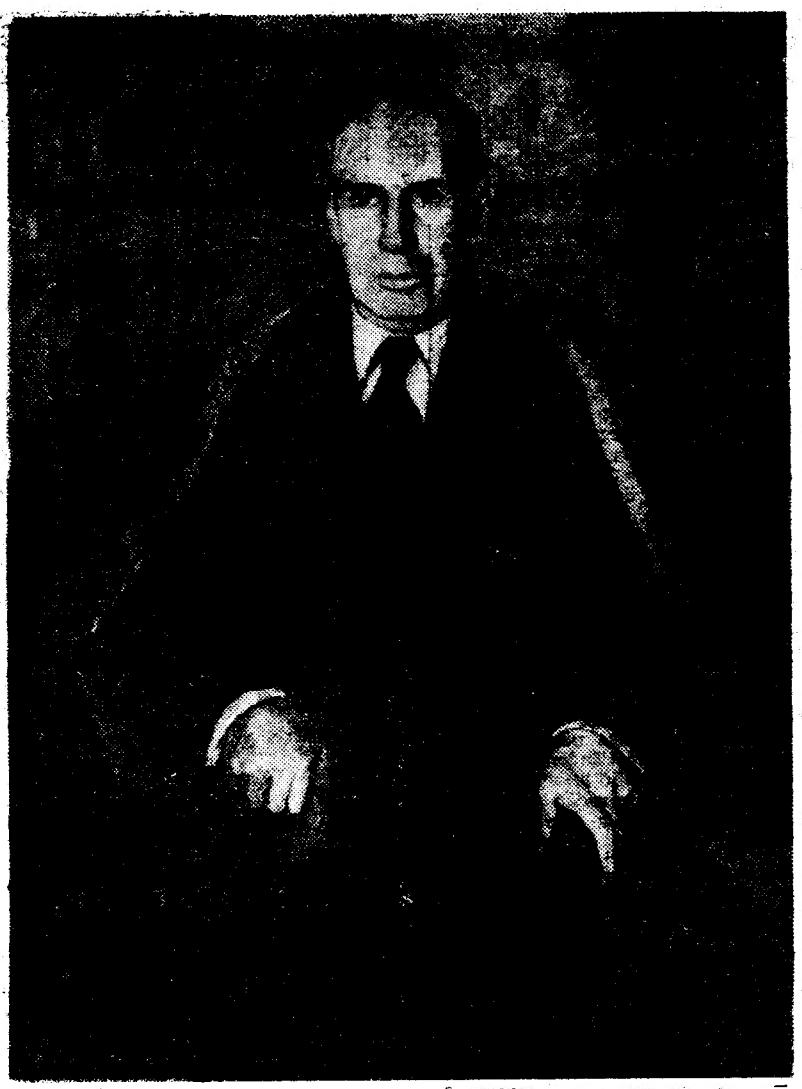
mente
cis — deconquase ico é mento ás hepontra arente vezes de esdevo- ás nevezes, ito, as realihagres, ra da hdo-se acrifientros a métória. a que cimenssivos para stiça, , dar esti- efecde méntífico da.

Ainda hoje, por exemplo, se realizou no Hospital de Santa Maria uma operação que se revestiu de especial interesse, pois não sendo inédita no País, foi a primeira no género que se fez naquele estabelecimento hospitalar num ser humano, pois até agora têm sido feitas apenas experiências em cães.

Embora não conseguíssemos obter, ali, qualquer informação, pudemos entretanto averiguar que a operação, que durou cerca de duas horas e meia, foi feita a um indivíduo do sexo masculino sofrendo de doença congénita do coração.

A equipa cirúrgica era dirigida pelo sr. prof. Celestino da Costa; a equipa de anestesia pelo sr. dr. Fortes Espinheira e a equipa de sangue pelo sr. dr. Cancela de Abreu. A operação ao coração fez-se com circulação extracorporal, com auxílio de uma máquina tipo «Melroese», da fabrico inglês.

A operação, ao que sabemos, decorreu com êxito.



O CHEFE DO ESTADO
OFERECEU UM CHÁ À RAINHA DA GRÉCIA

O príncipe D. Juan Carlos levantou-se cedo esta manhã. Depois de uma volta de automóvel, chegou ás 11 menos dez ao Palácio Hotel do Estoril. Entrou pela porta do parque e perguntou no «hall» se havia muitos fotógrafos á porta do hotel. «Parece que ainda não está nenhum», responderam-lhe, o que lhe fez dar um suspiro de alívio. E acrescentou:

— Hoje, não os deixem cá entrar...

Pouco depois, aparecia a aia da rainha Frederica, que deu algumas instruções aos fotógrafos franceses que têm seguido a princesa Sofia.

A rainha e a princesa Irene, acompanhadas pela sua dama de companhia, foram depois, num automóvel do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ao Museu dos Coches, em Belém, que visitaram demoradamente. Despertaram-lhe especial interesse os coches da rainha Maria Ana de Austria, de D. João V, de D. Carlota Joaquina, e o carro da embaixada ao Papa Clemente XI. A rainha agradeceu todas as informações aos funcionários que a acompanharam durante a visita.

De ali seguiram as visitantes reais para os Jerónimos e museu, onde o motorista do Ministério dos Negócios Estrangeiros fez de cicerone. A rainha Frederica confessou-se surpreendida com a majestade dos claustros.

Às 13 horas regressaram ao hotel.

Os noivos ficaram no Estoril

Sofia e Juan Carlos ficaram no Estoril, tendo dado um pequeno passeio. Tiveram uma manhã de sossego e intimidade. Entretanto, chegavam ao hotel, vindos de Espanha, o duque de La Torre e o conde de Hyao.

O marechal Pondelitis, oficial ás ordens da rainha, partiu ontem, de avião, para o estrangeiro, devendo regressar amanhã ao Estoril.

O Chefe do Estado recebe hoje a soberana da Grécia

O sr. almirante Américo Thomaz recebe hoje, ás 17 e 30, no Palácio de Belém, a rainha Frederica, a quem oferece um chá.

Além da soberana grega e de suas filhas, assistem á reunião os srs. prof. Mário de Figueiredo, dr. Supico Pinto e cons. Cruz Alvura, presidentes da Assembleia Nacional, da Camara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça, respectivamente; dr. Furtado dos Santos, procurador-geral da Republica; dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros; profs. Caeiro da Mata e Paulo Cunha; generais Gomes de Araujo, Costa Macedo e França Borges, respectivamente, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e presidentes do do Supremo Tribunal Militar e da Camara Municipal de Lisboa; dr. Paula Brito, antigo ministro de Portugal em Atenas, e duque de Palmela, todos acompanhados das respectivas esposas.

Do Corpo Diplomático assistirão os srs. nuncio apostólico, embaixador da Suíça, ministro da Grécia, encarregado de Negócios da Espanha e secretário da embaixada grega em Lisboa.

Estarão, também, presentes, os srs. condes de Barcelona e seus filhos, o príncipe D. Juan e infantas Maria del Pilar e Maria del Carmen; marquesa de Cadaval; os membros das casas Militar e Civil da Presidência da Republica e respectivas esposas.

Condecorações alemãs
para o ministro da Marinha e outros oficiais da Armada

Foi agora distinguido com a mais alta condecoração alemã — a Grã-Cruz de Mérito da Republica Federal com estrela e banda, o sr. ministro da Marinha.

Igualmente agraciados os oficiais portugueses que fizeram parte da comitiva daquele membro do Governo quando da sua recente visita oficial á Alemanha Ocidental. Foram-lhes concedidos os seguintes graus:

Grande oficial, ao almirante Armando Roboredo e Silva, subchefe do Estado-Maior da Armada; comendador, ao capitão-de-mar-e-guerra Joaquim David de Carvalho; de oficial, aos srs. capitão-tenente Dias Martins e primeiro-tenente João Carlos Sherman de Macedo Alvarenga.

ntribuídos os prémios
Concurso de Literatura Ultramarina

nsagrar cado o ramarinovos naciotramar ciativa no loui, instiratura 1961, a

sua 33.ª edição, numa continuidade que torna fecunda tal iniciativa.

Os resultados do concurso, relativos ao ano passado, foram agora tornados publicos. Os prémios a conceder nesse concurso são os seguintes: «Camilo Pessanha», para poesia, «Fernão Mendes Pinto», para novelística, «Frei João dos Santos», para ensaio e «João de Barros», para história. Aos três primeiros corresponde a importancia de 10 mil escudos e ao quarto a de 15 mil escudos.

Em 1961, o juri das modalidades «poesia» e «novelística», constituído pelos srs. dr. Delfim Santos, que presidiu; dr. Norberto Lopes, director do «Diário de Lisboa»; mons. Moreira das Neves, dr. Cabral do Nascimento e Luís Forjaz Trigueiros, resolveu não atribuir prémio de novelística, concedendo o de poesia, por maioria, ao poeta angolano Mário António, pelo seu livro «Chingufo».

Por sua vez, o juri das modalidades «ensaio» e «história», presidido pelo rev. dr. Silva Rego e constituído pelos srs. dr. Rodrigues Cavalheiro, prof. dr. Nunes dos Santos, dr. João Ameal e prof. dr. Magalhães Godinho, não concedeu o prémio de ensaio e galardoou, por maioria, com o de história o livro «Angola na época pombalina — O Governo de Sousa Coutinho», da autoria de Jofre Amaral Nogueira.

A direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores adquiriu ao pintor Rui Filipe o retrato a óleo, que reproduzimos, do escritor Aquilino Ribeiro, que foi o fundador e primeiro presidente da direcção daquela instituição cultural. Desejando a direcção da Sociedade proceder ao descerramento do retrato nas suas salas numa cerimónia em que esteja presente o grande escritor, e não permitindo o estado de saude de Aquilino Ribeiro, nesta ocasião, a sua comparência á projectada cerimónia, deverá esta realizar-se mais tarde, em data a determinar

«DIÁRIO DE LISBOA»

Assinado pelo secretário nacional da Informação, dr. César Moreira Baptista, recebemos o seguinte ofício endereçado ao director do «Diário de Lisboa»:

«Encarrega-me o sr. prof. eng.º António Alves de Carvalho Fernandes, de, ao deixar o cargo de secretário de Estado da Industria, apresentar a V. Ex.ª os seus agradecimentos pelo grande interesse que lhe tem merecido a causa do desenvolvimento industrial do País e pela elevação com que o jornal que V. Ex.ª superiormente dirige sempre colaborou nos trabalhos e iniciativas daquela secretaria de Estado.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Ex.ª os meus melhores cumprimentos».

Por nossa vez agradecemos a amabilidade do sr. prof. Carvalho Fernandes ao reconhecer um dos interesses que têm constituido empenho costante do nosso jornal.

CAPITALISTAS

«A CONFIDENTE», com sede na cidade de Lisboa e filial no Porto, comunica a todos os capitalistas que coloca dinheiro sobre 1.as hipotecas, em propriedades, ao juro de 8 % e pagos adiantadamente aos anos, sendo da sua inteira responsabilidade a eficiência da transacção.

Tratamos de toda a documentação, registos, etc. Nada cobramos de comissão aos capitalistas.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS
FUNDADA HA 28 ANOS

LISBOA
Rossio, 3, 2.º andar
Telefones 369384/5/6

PORTO
Rua Passos Manuel, 14, 1.º
Telefones 26344/5/6

Tágide

APRESENTA
Às 23,30 h.
e à 1,15 h.

QUETI CLAVIJO
E O SEU SENSACIONAL ESPECTÁCULO
(M/ 17 anos)
Amanhã — Domingo
CHÁ DANÇANTE
e o Sensacional Espectáculo de
QUETI CLAVIJO

CELEIRO

O SUPERARMAZÉM DE VÍVERES, COM TODA A ALIMENTAÇÃO DEBAIXO DO MESMO TECTO, PELO MODERNO SISTEMA «SIRVA-SE À VONTADE», AGRADECE AOS SEUS MILHARES E MILHARES DE CLIENTES A PREFERÊNCIA DADA AO SEU ESTABELECIMENTO DA

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 81

PATROCINANDO EM EXCLUSIVO O PROGRAMA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

MARAVILHAS E FANTASIAS DO SÉCULO XX

UMA PRODUÇÃO DE IGREJAS CAEIRO APRESENTADA EM R. C. P. AOS SÁBADOS ÀS 21 HORAS COM REPETIÇÃO ÀS TERÇAS-FEIRAS ÀS 20,45

«CELEIRO» ECONOMISA-LHE TEMPO E DINHEIRO

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

tante para atrair o publico, mas o facto de se apresentar neste espectáculo um outro colosso do mundo do «music-hall» torna os dez dias de apresentação destas duas atracções, verdadeiramente excepcionais. Com efeito, o «Ballet» de Alfredo Alária, composto por quinze esbeltas figuras femininas e masculinas, exibindo-se em danças e cantares da América Latina, vai proporcionar ao publico uma visão espectacular do dinamismo musical dessa parte do Mundo.

Para as duas sessões de hoje, estão esgotadas as lotações, mas o publico terá possibilidade de apreciar aquelas duas atracções durante dez dias, em duas sessões diárias, a realizar ás 20 e 45 e ás 23 horas.

Primeiras exibições

«Os Comancheros», no Politeama

Há realizadores que, se nada de novo, relativamente a conteudo, trazem ao cinema, capricham, no entanto, em saber contar uma história. É fabular é sempre uma questão delicada, mesmo quando isso assente no dilema simplista e esquematizado do bem e do mal de qualquer conflito do «western».

Michael Curtiz, em «Os Comancheros», repete-se no ambiente e nas personagens, muito embora um e outras consigam prender a atenção do espectador — e sómente o evidencia como cineasta o ter sabido desenrolar um entrecho, o ter-lhe dado um princípio, um meio e um fim.

De toda a película, salientam-se o princípio e todas aquelas sequências que se estendem até ao intervalo, processando-se o filme, depois, um tanto precipitadamente, ao gosto do publico mais ingénuo — surgindo, assim, um desequilíbrio, que é, precisamente, o que a película tem de negativo.

Interpretado por John Wayne, Stwart Whitman, Nehemiah Percott e Ina Balin, o filme, no entanto, reune aquele mínimo de requisitos para se impor ás plateis que vêem no «western» uma das mais genuinas facetas do povo americano — aquela precisamente em que ele nos surge não mistificado, e sim rude, conquistando um lugar ao sol, amálgama dos mais variados sangues estabilizando-se, pouco a pouco, numa grande nação.

Complementos variados. — *P. A.*

«A escrava de Roma», no Condes

São, na verdade, inesgotáveis os temas da antiguidade clássica. Os episódios das guerras e lutas de Gregos, Troianos e Romanos, têm fornecido ao Cinema imenso material para realização de filmes espectaculares tão ao gosto das grandes multidões. Particularmente o cinema italiano, quando há anos se começou a debruçar sobre a matéria, conseguiu dar-nos algumas formidáveis películas, dentro desse género tão especial. É esse, precisamente o caso de «A escrava de Roma», ontem estreado no Condes. Retratando o episódio da invasão das Gálias pelos exércitos de Roma dos Césares, dá-nos aquela soma de batalhas, lutas heróicas e amores correspondidos ou contrariados que deliciam o espectador, submetido pelo jogo espectacular das imagens e das cenas sangrentas.

Produção italiana, dobrada em inglês e filmada em fotalescópio e «eastmancolor», é desempenhada pela escultural vedeta Rossano Podestá, pelo actor americano Guy Madisson, e ainda Mário Petri, Glacomo Rossi Stuart e Raf Baldassari. — *Visor 60.*

«Music-hall»

Queti Clavijo na «Tágide»

Queti Clavijo triunfou ontem ruidosamente, como costuma dizer-se, nesta sua primeira aparição perante o elegante publico da «Tágide», E ruidosamente é, de facto, a expressão mais concreta, dado que o publico se manifestou em prolongadíssimos aplausos como já há muito tempo se não escutavam em Lisboa. E a verdade é que esse publico estava recrutado entre um escol profundamente esclarecido.

A grande artista espanhola, que regressa á Europa após uma triunfal exibição nos Estados Unidos e em toda a América, onde recebeu os melhores aplausos dos maiores astros da tela e do «music-hall» é, sem duvida, a mais completa de todas as sapateadoras de Espanha. Queti bate com as suas agilíssimas pernas um rítmo que desafia qualquer campeão do teclado de máquina de escrever. Ela trouxe até nós a alegria do baile sevilhano (embora ela seja das Vascongadas). Mas o seu flamenco guinda-se a uma altitude que hoje não tem qualquer opositor em toda a Espanha.

Com ela exibem-se duas graciosas raparigas e dois rapazes, todos excelentes bailarinos e senhores do mistério e do drama da dança do seu país; além de um guitarrista de grande classe, Fernando Sanchez que tira do seu instrumento sonoridades incomparáveis.

Queti Clavijo trouxe a Lisboa um espectáculo cheio de personalidade e bem diferente do que o que costumam apresentar-nos as já tão habituais e fatigantes bailarinas espanholas que quase diariamente nos visitam. Ela é hoje o expoente máximo da dança de Espanha. E quem tenha duvidas não tem mais que ir aplaudi-la á «Tágide», porque vê-la significa implicitamente aplaudi-la com todo o coração — o coração e alma que ela põe nos seus bailados.

«O Navio Fantasma», em S. Carlos

Um dos prazeres — rápido e não precisamente visual ou auditivo — desta récita com que prosseguiu a actual temporada de ópera em S. Carlos, é a leitura da bem informada nota do programa, por João de Freitas Branco (já aconteceu o mesmo no espectáculo de abertura).

Outro prazer a que fomos sensível, como toda a selecta assistência, (casa cheia) e de largas ressonancias, foi-nos proporcionado pela estreia da soprano Anja Silja, no papel muito importante, muito belo, de «Senta», e correspondendo ao interesse dos apreciadores para os quais a exibição de uma vedeta justifica por si só a corrida ao teatro.

Anja Silja, é, no entanto, menos e mais do que uma vedeta típica: é muito jovem, muito frágil, com um timbre de voz transparente, o que torna mais impressionante o seu domínio vocal já acentuado, com os desejados acentos expressivos e a requerida amplidão dramática, e uma vibração suficientemente ardente. Todo o segundo acto desta formosa ópera, em que cada vez avaliamos melhor o vigor teatral e musical de um compositor dramático de menos de 30 anos, está suspenso da personagem de «Senta», que não tem muitas cambiantes porque desde que o pano abre, a heroína está em estado de alucinação, mas que por isso mesmo requer um fôlego dramático muito dilatado. Mas não concordamos com toda a marcação teatral deste acto no que se refere a «Senta» e «Erik», e depois a «Senta» e o «Holandês» maldito — o que nos abalançamos a dizer apesar de admitir que ninguém partilhará da nossa opinião. Há nessa marcação um misto de falso realismo, (por exemplo, quando «Erik» arremessa «Senta» ao chão) e de convencionalismo (quando o enlevo do «Holandês» se dirige á plateia) que temos por basilarmente errado. De modo análogo — e quantas vezes acontece nos nossos costumados espectáculos de ópera! —aflige-nos a invasão do palco. Não desconhecemos que as exigências da execução da parte coral, em casos como este do «Navio Fantasma», justificam uma abundancia de executantes que a rubrica teatralmente não comporta; contudo, não nos conformamos com o grupo de fiandeiras que transforma a casa do pai de «Senta» numa oficina, nem com o incrível numero de tripulantes do navio do mesmo «Daland».

Apesar do pouco que fomos dizendo e do muito que haveria a acrescentar se fosse indicado que se procedesse a uma crítica cerrada, o espectáculo teve, por si, um mérito que apreciamos especialmente: a impressão de homogeneidade de conjunto, pois que, independentemente de pormenores de encenação a que aludimos, achamos correlação de valores vocais e de comportamento de desempenho. Como valores individuais, notamos para o grande papel de «Holandês» o trabalho muito sério, muito conscencioso, de Onislav Neralic, que nunca esperamos ver melhor sucedido depois de ouvi-lo na ópera «A mulher sem sombra». O baixo Josef Greindl, no papel de «Daland», a que não dá demasiada bonomia no segundo acto e que tem de suportar um exaustivo dueto com o «Holandês» no primeiro acto. O tenor Ticho Parly, integrado com sincera veemência no papel de «Erik», teve também muito acerto musical. Ruth Siewert teve excelente presença no papel da «Ama». No mais falso papel de «Timoneiro», houve-se o jovem Willi Brokmeieir. E como cumulo de esforços em que as equipas são portuguesas (menos os dirigentes), aplaudimos rasgadamente a preparação dos admiráveis coros escritos por Wagner, na sua nítida oposição feminina, as Fiandeiras, e masculina, os Marinheiros, que no terceiro acto se organizam num rico dueto global, e a indispensável colaboração da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. Esta ultima colaboração, porém, pecou, para nós, pela menos cuidada qualidade de som; mas valorizou o cunho de violência imprimido pelo maestro-director Erich Riede, responsável por uma montagem musical em eternas circunstancias próprias para muitas dores de cabeça.

Destacamos ainda o cenário de Furiga para o primeiro acto, com o airoso veleiro de «Daland» e a aparição não mal lograda do navio amaldiçoado. E como movimentação de cena, independentemente do excesso de figuras, a muito galante assembleia de Fiandeiras.

FRANCINE BENOIT

«Eu sou o espectáculo», no ABC

No cartaz do ABC não há, actualmente, qualquer exagero publicitário. Em boa verdade, José de Vasconcelos *é o espectáculo* — um espectáculo agradável, que o publico recebeu com gargalhadas constantes e premiou com quentes aplausos. Bem os merece, aliás, este jovem artista brasileiro que Lisboa certamente se recorda de ter visto, há oez anos, integrado numa companhia de revista. Agora vem só e, cumprindo-se a sentença popular, «mais vale só que mal acompanhado».

«Eu sou o espectáculo» equivale a duas horas de boa disposição. Suponha o leitor que em vez de ir ao teatro recebe em casa a visita de um amigo extremamente simpático, que toma á sua conta a conversa do serão. José de Vasconcelos é o amigo simpático e o teatro pode muito bem ser a sala de estar, pois a tradicional barreira entre o palco e a plateia desmoronou-se por completo dez minutos após a entrada do actor em cena.

De um dinamismo excepcional, usando com inteligência os seus dotes vocais e histriónicos, José de Vasconcelos mantém o publico suspenso das suas imitações (algumas delas magistrais), das suas anedotas e das suas pantominas. Os espectadores da noite de estreia responderam bem ao esforço do artista e estamos convencidos que continuará a ser assim enquanto José de Vasconcelhos se mantiver entre nós

E para terminar, uma pergunta: Se pega a moda dos espectáculos com um só actor, onde vamos nós arranjar teatros para todos? — *V.*

Algumas figuras da peça, vistas por Fernando Bento

«A Linha da Sorte», no Variedades

Seja ou não uma espécie de subteatro aquele que tem como unica preocupação despertar o riso de qualquer modo, o certo é que tem publico, o bastante pelo menos para justificar a permanência de uma companhia com valores, como Ribeirinho, Eunice Munhoz, Henrique Santana, Maria Helena, Henrique Santos e outros, que a si própria se limita, propondo-se apenas fazer «teatro só para rir». Por outro lado, por muito espírito imaginoso, fantasia e sentido de humor que haja, é difícil, senão impossível, fabricar graça em série sem o risco de cair na rotina do já feito ou ter de recorrer aos processos do «enxerto» da anedota, da graçola ou coisa pior, quando a acção, ou a sua ausência, não contem por si mesma suficiente força humorística.

O certo é que a companhia Francisco Ribeiro e Henrique Santana prossegue a sua tarefa de fabricar gargalhadas — «segundo o plano préviamente estabelecido», tal como em certo tipo de comunicados de guerra — tendo estreado ontem á noite, no Variedades, mais uma comédia com esse objectivo: «A Linha da Sorte», peça em 3 actos, de Albert Husson, adaptação de Fernando Linhares.

Não se pode dizer que esta «Linha da Sorte» não tenha motivos suficientes para provocar, frequentemente, as gargalhadas do publico. Henrique Santana, como habitualmente, foi o animador do espectáculo, em que se aproveita o caso das videntes e das bruxas, cheias de clientes, e o de um médico sem trabalho, para fundo da história. A caricatura, a traço grosso, mas sem a virulência crítica de um tema análogo de Pittigrili, tem os seus momentos de maior comicidade nas intervenções de António Silva e Ribeirinho.

O elenco é, aliás, valioso, desempenhando os principais papéis femininos, com desenvoltura e acerto, dentro da toada geral, Eunice Munhoz e Maria Helena, secundadas por Aida Baptista, Lili Neves e Manuela Maria. Henrique Santos, Costinha e Carlos Alves completam o conjunto, em intervenções mais ou menos episódicas mas de que tiram o partido correspondente ás suas características personalidades.

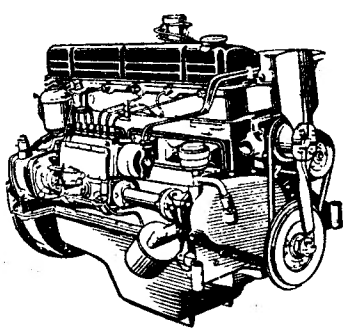
Em resumo, um espectáculo alegre, que o publico vê com boa disposição. A direcção de cena pertence a Henrique Santana. — *M. de A.*

Os sócios do Benfica

têm descontos nos bilhetes para «O príncipe de Homburgo»

Em casos como estes, só não vai ao Teatro quem não quer. A secção cultural do Sport Lisboa e Benfica, de acordo com o seu plano de actividades culturais, obteve da companhia que no Trindade representa «O príncipe de Homburbo», a concessão de descontos especiais no custo dos bilhetes que, deste modo, passa a ser de 3$50 (para plateias), 10$00 (para primeiros balcões) e 30$00 (para camarotes).

Para o espectáculo de segunda-feira, os sócios do Benfica obterão este desconto mediante a apresentação do seu cartão de sócio do clube.

MOTORES INDUSTRIAIS E MARÍTIMOS
FORD
3 cilindros
4 cilindros

6 cilindros
DIESEL
APOIADOS PELO SERVIÇO FORD
pedir informações e catálogos à
FORD LUSITANA
RUA CASTILHO, 149 • LISBOA
OU AOS SEUS CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

PRINCIPIOU ESTA TARDE

NOS PAVILHÕES DA F. I. L.

A 37.ª EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL

Lisboa tem de novo a sua já tradicional Exposição Canina Internacional — a 37.ª — promovida pelo Clube Português de Canicultura com o patrocínio do «Diário de Lisboa».

Ao princípio da tarde eram numerosas as pessoas que acorriam ao pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, na Junqueira, onde o certame decorre, com grande afluência, não só de publico, como de expositores, pois este ano foi possível reunir mais de duas centenas de concorrentes de todas as raças.

Durante a tarde, sob os olhares atentos dos conhecedores e a curiosidade dos menos entendidos, o juri seleccionará, entre tantos, os melhores. Mas, como são muitos e vários os exemplares a seleccionar, o trabalho do juri prolongar-se-á pela tarde de amanhã.

Além do interesse técnico da exposição, esta vale igualmente como manifestação elegante, pois a F. I. L., durante o certame, transforma-se em centro mundano ao qual acorrem centenas de pessoas da nossa melhor sociedade. E vale também como espectáculo, pelo colorido e beleza das «toilettes» femininas que enquadram o recinto onde se expõem as mais variadas raças de cães.

Dois exemplares sobre os quais o juri terá de dar a sua opinião

Orgulhosa do seu cão, esta menina desfila perante os olhares do publico

HORÁRIO DA EXPOSIÇÃO

HOJE

Às 15 horas — entrada dos exemplares.
Às 16 horas — início da classificação.
Das 20 ás 21 horas — continuação da classificação.
Às 24 horas — saida dos exemplares.

AMANHÃ

Às 15 horas — entrada dos exemplares.
Às 16 horas — continuação da classificação.
Às 19 horas — recepção ás entidades oficiais.
Às 21 e 30 — desfile e distribuição de prémios.
Às 24 horas — encerramento da exposição.

Reuniões científicas

Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias

Hoje, ás 21 e 30, reune-se, na sua sede, na Rua D. Dinis, 2-A, a Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias. O dr. José de Brito Guterres falará sobre as exigências actuais do serviço pecuário do Ultramar e a sua reorganização.

A LISTA DE EXPOSITORES

Publicamos a seguir a lista dos expositores inscritos na 37.ª Exposição Canina Internacional:

1.º GRUPO

Cães Portugueses de Guarda e Utilidade

Cão de Água — D. Maria Fortunato de Almeida e sr. Custódio Lino de Azevedo Lobo.
Cão de Castro Laboreiro—Custódio Lino de Azevedo Lobo.
Cão da Serra de Aires — Fernando de Almeida Azevedo
Cão da Serra da Estrela — Eng.º José António Rumina Dinis Custódio Lobo, D. Maria Teresa Simões Muller, dr. Lopo Cancela de Abreu.
Cão da Serra da Estrela (pêlo curto) — Dr. Eduardo de Gouveia.

2.º GRUPO

Cães Estrangeiros de Guarda e Utilidade

Cão de Pastor Alemão — Francisco Crespo Mendes Calado, eng. João António Janz, dr. Fausto Carvalho, António Fernando Nobre Abreu Peixoto, capitão Dias Soares da Cunha, Herberto Aguiar, eng.º João Carlos de Freitas Teixeira Dinis, D. Maria Emília Martins Cardoso, Carlos Cortês Pereira, Fernando Arinto David, António Jorge dos Santos Caniço, Madame François de la Chaussée, capitão Francisco Dias Soares da Cunha, Pedro Falcão Vilaverde Gonçalves, Francisco Calado, marquês Guy de Val-Flor, dr. Joaquim da Silva Frazão.

Cão de Pastor Belga — Eng.º Alberto Cardoso de Matos. **Collie** — D. Cristina A. Sain. **Cão Esquimó** — Manuel Ferreira de Andrade. **Boxer** — Alfredo Sousa da Silva Pereira, José Julio, D. Esperança Martins Barreira, D. Emília da Silva Lopes, eng.º Manuel Trindade Bénard Guedes, A. Cardoso, D. Maria Alice Monteiro de Araujo, D. Maria Teixeira Lopes, D. Maria Fernando Lopes Sousa Costa, Jacinto Bethencourt Rebordão, Artur dos Ramos Prats, D. Heloise Neves Cardoso, Carlos Rafael Vieira de Sales Baptista, Alvaro Pereira Miranda. — **Bulldog** — Dr. Artur C. Bruto da Costa. **Bull-mastitt** —D. Vitória Castanheira de Moura.

Cão de São Bernardo — Armindo Rollim, Augusto Gomes Pinheiro, Herbert Matzinger. **Cão da Terra Nova** — Dr. Francisco José Vieira Machado. — **Dobermann** — Dr. José Manuel de Sousa Pereira e R. D. Grillo. **Pinscher** — Eng. João Manuel Terenas Latino, D. Francisca Eugénia Bandeira e Almada. **Dogue Alemão** — D. Lydia Meyers. **Rhodesian Ridgeback** — D. Maria T. Dias Ferreira dos Santos. **Schanauzer médio** — D. Ana Maria da Câmara Ribeiro Ferreira.

3.º GRUPO

Terriers

Airedale — Eng.º Fernando Vozone, eng.º José Maria Mercier Marques e dr. Marques R. Huttman.
Fox Terrier (pêlo curto) — D. Maria Emília da Conceição Martins Cardoso D. Maria da Conceição Rodrigues Roseira e eng.º António de Assunção Ribeiro.
Fox Terrier — D. Alice Julieta de Faria da Cunha Lima.
Scottish Terrier — Arq. Nuno Beirão, D. Maria Lara.
Welsh Terrier — D. Maria Teodora Janz.

4. GRUPO

Cães de Levante e Corso

Podengo português grande (pêlo liso) — Custódio Lino de Azevedo Lobo.
Podengo português grande (cerdoso) — José da Cunha Torres Fernandes.
Podengo português médio (pêlo liso) — Francisco Pereira Gonçalves, D. Maria do Céu de Pádua Fortunato de Almeida, Francisco Pereira Gonçalves.
Podengo português pequeno — José Tavares Morais da Cunha, D. Maria do Céu Pádua Fortunato de Almeida.
Cão da Dalmácia — Dr. Luís Ré, Humberto Edgar Fernandes Castro, Guilherme Assis Arantes, dr Manuel António da Silva Passos.

5.º GRUPO

Cães de Parar

Perdigueiro português — Pedro Antunes Ruivo, Joaquim José Ferreira da Fonseca, Leonel José da Costa, D. Nuno de Siqueira.
Epagneul Bretão — Raimundo Correia, eng.º Frederico Oom.
Branco Alemão — Branco-Canil de Coimbra Xavier António Rosado

6.º GRUPO

Cães Britânicos de Caça a Tiro

Pointer — Pedro Augusto Guerra Vidoeira, John H. de Mascarenhas.
Setter gordon — Carlos Antunes de Carvalho e Costa.
Setter inglês — D. Maria do Céu de Pádua Fortunato de Almeida, D. Cristina Maria Correia dos Santos, Carlos Antunes de Carvalho e Costa, Francisco Pereira Gonçalves.
Seter irlandês — D. Ilse Marianne Mulis, D. Ester Bandeira, Adelino Rodrigues, D. Maria da Costa Cunha, D. Maria Eduarda Ferreira, Torcato Alves Rosinha, D. Teresa Bargona de Freitas, D. Maria Teresa Ferreira da Silva Dias, D. Bernardo de Serpa Pimentel, D. Maria do Céu Figueiredo.
Golden Retriever — Rui Soares Franco, dr. Carlos da Câmara Ribeiro, D. Virgínia Marques Teixeira.
Retriever do Labrador — Clemente Cardoso Pinto, dr. João Osório Pinto, D. Maria Manuela Torre de Vale Frói.
Cocker Spaniel — Pedro José Oliveira da Silva, eng.º Frederico Oom.

7.º GRUPO

Galgos

Galgo inglês — Ruy da Costa Lopes, António Sidónio Moura.

8.º GRUPO

Baixotes

Baixote (pêlo raso) — António Eça de Queiroz, dr. Manuel António Brito da Silva Passos, Conde de Almeida Araujo e Filhos.
Baixote (pêlo comprido) — Max Carteau Henrique Feist.
Baixote miniatura (pêlo comprido) — Henrique Feist, D. Irma Anjos.
Baixote (pêlo cerdoso) — Conde de Almeida Araujo e Filhos.

9.º GRUPO

Cães de Luxo

Bichon de pêlo encaracolado — José Gabriel Santarém, António Augusto de Araujo Ramalho.
Caniche grande — Fernando Abranches Grijó, eng.º Gustavo Flindt Heger, D. Mary Simões Ferreira.
Caniche médio — D. Maria Alice de Matos Oliveira, D. Maria do Carmo Machado de Melo, D. Maria Eugénia M. S. Ferreira Constant, dr. João Osório Pinto.
Caniche anão — Dr. José Julio dos Santos Vassalo.
Epagneul Pequinês — D. Maria Neves de Castro Martins, Adelino Pires Rodrigues, conde de Lumbrales.
Yorkshire Terrier — Madame R. Petit, madame Doris Vida Vivienne de Utra Machado, D. Maria do Carmo Leitão Bernardino, Carlos de Melo Ferreira.
Bouledogue — Maurício de Sá Sotto Mayor Palanque, José Fonseca Tavares.
Loulou da Pomerânia Anão — D. Luísa Gabriela da Silva Carneiro, D. Julieta C. de Pinho Domingues, D. Cristina Froys Pinto da Silva, Francisco Alves de Oliveira.
Pinscher miniatura — D. Francisca Eugénia Bandeira e Almada, eng. João Manuel Terenas Latino, João Homem de Melo Machado Albuquerque Corte Real, D. Maria Manuela Pinto Navarro Brazão, Valentim Gonzalez Arías.
Schanauzer miniatura — Carlos Quaresma, dr. Abreu Loureiro, António Manuel Ribeiro.

Alguns expositores apresentam-se com mais de um exemplar.

REUNIÃO ANUAL

dos antigos combatentes monárquicos

Efectua-se hoje, ás 20 e 30, no Restaurante «Imperium», nas Escadinhas de Santa Justa, 105, o jantar anual dos antigos combatentes monárquicos. Antes, ás 19 horas, celebrar-se-á, na igreja dos Mártires misa por alma dos camaradas mortos.

PREÇOS DOS BILHETES

PARA AS DUAS JORNADAS

ENTRADA SIMPLES (PREÇO UNICO) ..... 10$00

Os bilhetes encontram-se á venda nas bilheteiras da Feira Internacional de Lisboa.

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica do dr. I. M. LEVITT

96

A MAIS MODERNA FÁBRICA ALEMÃ APRESENTA

KING

PREÇOS FIXOS COM IMPOSTO DE CONSUMO JÁ INCLUÍDO

110 lts.	modelo de mesa	3.990$
110 lts.	mod. de parede	4.250$
120 lts.	modelo de mesa	4.250$
155 lts.	freezer 2/3	5.250$
155 lts.	freezer total	5.500$
200 lts.	freezer total	6.500$
200 lts.	congelador	6.990$

COMPRE MELHOR COMPRANDO A PREÇO FIXO!

E. T. À VENDA

REPRESENTANTE
ROBERTO CUDELL, L.DA
NOS AGENTES OFICIAIS

RESTAURANTE

«A LAREIRA»

ALMOÇO DE LAMPREIA, VINDA DIRECTAMENTE DE MONÇÃO, CARIL À LAREIRA

CHÁS com bolos típicos regionais. Num bom ambiente **FESTAS**, banquetes, reuniões, casamentos, baptizados, etc. — **ABERTO AOS DOMINGOS**

Praça das Águas Livres, 8-1 (ao Rato)—Telef. 689627

SPORT ALGÉS E DAFUNDO

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária a reunir, na sede social, pelas 21 horas do próximo dia 17 de Fevereiro, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Apreciação, discussão e votação do relatório e contas da Direcção e respectivo parecer do Conselho Fiscal;

2.º — Apreciação, discussão e votação da proposta da Direcção para expulsão do sócio n.º 24.654, Humberto de Ataíde Sousa Dias, com fundamento na violação do disposto no art.º 112.º, dos Estatutos;

3.º — Eleição para os cargos da Mesa da Assembleia Geral, Conselho Geral, Direcção e Conselho Fiscal.

Se o número de sócios presentes não permitir que a Assembleia reuna em primeira convocação, desde já a convoco para as 22 horas do mesmo dia e no mesmo local.

Algés, 21 de Janeiro de 1962.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) Manuel Pereira Matias Junior

Linha de CASCAIS

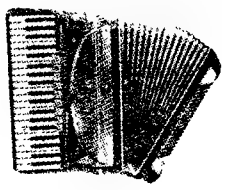
Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Às 21: «O espião Sorge» (17 anos).
PAREDE — *Royal-cine* — Às 21: «A luz do Sol» (17 anos).
ESTORIL — *Casino* — Às 17 e ás 21 e 30: «Atrás do espelho» (17 anos).
CASCAIS — *S. José* — Às 21 e 30: «O sabor do medo» (17 anos).
CASCAIS — *Académico* — Às 21: «Sangue de vampiro» e «Garotas do outro mundo» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Combatentes* — Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 013953).
CAXIAS — *Nova* — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 042839).
PAÇO DE ARCOS — *Trindade Brás* — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 042034).
OEIRAS — *Central* — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 0430058).
PAREDE — *Grincho* — Av. da Republica, 87-A (Tel. 047204).
ESTORIL — *Costa* — Av. Saboia, 29-B — Monte Estoril (Tel. 060085).
CASCAIS — *Marginal* — Av. Marginal (Tel. 080078).

ACORDEÕES SCANDALLI



PREFERIDO DOS SOLISTAS

MOD. BOTÕES E TECLAS

CASA RUVINA

173 — R. Formosa
PORTO

S. R.

JUNTA DE FREGUESIA DA GRAÇA

EDITAL

Alberto Maugna Cifuentes, Presidente da Junta de Freguesia da Graça, Primeiro Bairro de Lisboa

Faz Publico, nos termos e para efeitos do disposto no Código Administrativo, de 31 de Dezembro de 1940, que a partir do dia 1 de Fevereiro e até ao dia 15 de Março, poderão os chefes de família requerer a sua própria inscrição ou a de terceiros no recenseamento eleitoral desta freguesia, se uns e outros, reunindo as condições de capacidade eleitoral não estiverem inscritos.

A inscrição será feita na sede da Junta de Freguesia, Calçada de Santo André 45-1.º, ás Segundas, Quartas e Sextas-Feiras, das 20 ás 21 horas.

Têm capacidade eleitoral e como tal podem ser inscritos no recenseamento:

1.º — O cidadão português com família legitimamente constituida que com ele viva em comunhão de mesa e habitação e sob a sua autoridade;

2.º — A mulher portuguesa, viuva, divorciada ou judicialmente separada de pessoas e bens, ou solteira, maior ou emancipada, quando de reconhecida idoneidade moral, que viva inteiramente sobre si e tenha a seu cargo ascendentes, descendentes ou colaterais;

3.º — O cidadão português, maior ou emancipado, com mesa, habitação e lar próprios.

E para constar se publicou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares publicos do costume.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1962.

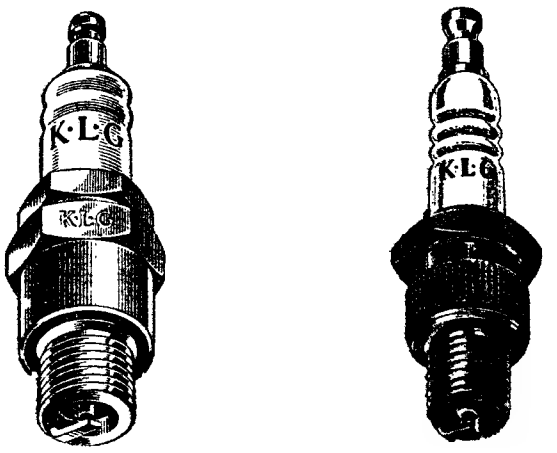
O Presidente,

a) ALBERTO MAUGNA CIFUENTES

VELAS K·L·G

AGORA À ESCOLHA DO PÚBLICO

MODELOS DESMONTÁVEIS ● MODELOS NÃO DESMONTÁVEIS



A UNICA MARCA QUE OFERECE A POSSIBILIDADE DE ESCOLHER COM O MÁXIMO RIGOR, O MODELO E O TIPO DE VELA QUE MELHOR RENDIMENTO DARÁ NO MOTOR DO SEU CARRO, MOTO, SCOOTER OU MOTORIZADA

A' VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE E NOS AGENTES EXCLUSIVOS

SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 73-A — LISBOA

Em CORUCHE

no Restaurante Típico O CAMPINO

Telefone 156 — Coruche

Amanhã Domingo, 28
Almoço com FOLCLORE, das 12 ás 19 horas, servindo-se deliciosos pratos regionais

Entrada livre — Reservado o direito de admissão

À NOITE, grandioso espectáculo de VARIEDADES em que actuam consagrados artistas da Rádio e TV, FOLCLORE E BAILE

Entrada paga — Reservado o direito de admissão
Ver programa definitivo

Marcam-se mesas pelo Telefone 156 — Coruche

Óptimo serviço de mesa redonda e á lista
Aceitam-se excursões

Salão próprio para banquetes
Especialidade da CASA: Frango assado no espêto

AMPUTADO?

TERA UMA VIDA NORMAL DESDE QUE ADQUIRA UMA BOA PRÓTESE

A mais moderna e eficiente técnica da construção e adaptação de pernas e braços artificiais está ao seu alcance, no nosso País, a preços acessíveis.

Sistemas seleccionados que proporcionam movimentos perfeitos, comodidade, segurança, leveza e solidez.

APARELHOS ORTOPÉDICOS, CINTAS MEDICINAIS, CADEIRAS E CARROS PARA DOENTES, ETC.

CONSULTE O:

CENTRO ORTOPÉDICO

R. DO ARCO DA GRAÇA, 51 (À entrada do H. de S. José) — TELEF. 861925 — LISBOA

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

AVISO

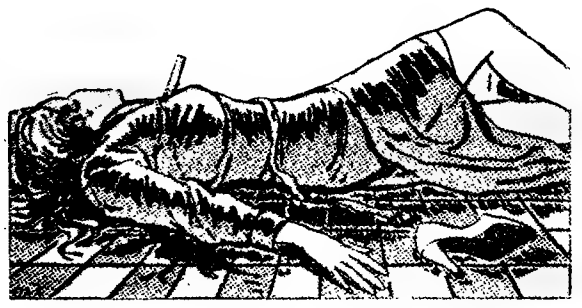
Obras de ligação de canalizações principais cujo serviço é necessário interromper ocasionam redução de pressão e eventuais faltas de água nos andares mais elevados das áreas de Campo de Ourique, Alto dos Moinhos, ruas projectadas á Avenida 28 de Maio e arranha-céus de Alvalade, Areeiro e Praça de Londres, no próximo Domingo, dia 28.

LISBOA, 24 de Janeiro de 1962.

O ADMINISTRADOR-DELEGADO
a) Queiroz Pereira

O CASO DA MULHER DESCONFIADA

por MIRIAM S. ALLEN



FOLHETIM SEMANAL DO

Diario de Lisbôa

27

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — George e Célia discutem por causa das impertinências de Doris, prima daquela que não desiste de se meter na vida deles e de estar, constantemente, a ocupar-lhes o tempo. Também nesse domingo, a prima telefona a Doris: George sai de casa e entra com um ataque de asma. Célia vai a casa de Doris e encontra-a morta. Regressa a casa e conta o sucedido ao marido. A Polícia descobre o crime e vai a sua casa, desconfiando de Célia. Esta, ao fim do interrogatório da Polícia, julga começar a ver como se teria dado o assassínio. Descobre, também, que o marido lhe mentira. Célia pensa ter descoberto o móbil do crime. Zanga-se com George e vai a casa de uns amigos. Célia veio a casa da prima assassinada e é atacada por um desconhecido.

CAPÍTULO VI

Lançou um olhar rápido ao rosto de George, mas a sua atenção concentrou-se nas mãos que lhe ofereciam o cigarro e seguravam o fósforo para lhe dar lume. Não fora, portanto, a mão de George que ela mordera.

— Muito bem — disse o sargento. — Já tem o cigarro. Que veio a senhora cá fazer?

— Vim cá buscar uma caixa... um livro...

— Uma caixa ou um livro? E que importancia tinha isso para cá vir durante a noite?

Célia explicou que o livro era uma caixa e que continha vales dos empréstimos efectuados pela prima. — Só esta tarde adivinhei o que era que o assassino procurava.

— E evidentemente, não se dignou telefonar á Polícia sobre o assunto. Muito bem, e onde está agora a caixa?

— A pessoa que me atacou, levou-a. Deixei-a cair. E ouça uma coisa, sargento... a pessoa que me atacou, ficou com a marca dos meus dentes na mão.

— Ah! Agora compreendo o motivo por que a

28

senhora preferiu o cigarro do seu marido e levou tanto tempo a acendê-lo. — Célia não disse nada e o detective continuou: — E uma vez que vejo o assunto tão claro, deixe-me que lhe diga que não conseguiu tirá-lo do anzol. — Oscilou para a frente e para trás, parecendo muito satisfeito consigo próprio. — E por isso, a senhora quis certificar-se primeiro que o seu marido não tinha qualquer marca nas mãos, antes de me dar essa informação.

Célia pôs-se de pé, corada e os olhos brilhantes de cólera.

— O senhor tem arte para deturpar tudo, não há duvida. E' como se estivesse resolvido a fazer de George...

George aproximou-se e obrigou-a a sentar-se de novo no sofá.

No silêncio que se seguiu áquela explosão de raiva, o sargento disse:

— De forma que a senhora crê que julgo o seu marido culpado, não é verdade, Mrs. Barnes? — Célia não respondeu e ele continuou com brandura. — E que pensarei eu de si, Mrs. Barnes?

Célia abriu a boca mas voltou a fechá-la. De que valia falar com aquele homem? Torcia tudo quanto ela dizia...

George não se conteve por mais tempo.

— Enquanto estamos aqui todos bem instalados, o assassino escapa-se-nos das mãos. Porque diabo não interroga o senhor os Miller e Clyde Dawson?

Como se a pergunta fosse uma deixa, a porta abriu-se naquele momento e um guarda introduziu Larry e Peg na sala. Larry vinha sem gravata e em chinelos de quarto.

— Onde está a lei que proibe um camarada de se vestir antes de ser posto fora de casa?

Peg, com um casaco comprido por cima do pijama de seda, disfarçou um bocejo e, em passos de sonambula, encaminhou-se para uma cadeira, onde se deixou cair.

O sargento olhou para Larry e disse-lhe:

— Estenda as mãos, Miller.

— Para quê? Vai algemar-me? — Estendeu-lhe

29

as mãos ao comprimento dos braços, enquanto o sargento as inspeccionava.

— Onde foi você arranjar esses cortes e arranhões, Miller?

— A abrir embalagens e a estender oleados no chão, porquê? E' difícil arranjar uma casa nova sem um arranhão...

O sargento Dunn dirigiu-se a Peg e fez-lhe um exame ás mãos. Depois, e com grande indignação da parte de Mrs. Dood, inspeccionou-lhas também. Seguidamente, consultou o relógio e, nesse momento, entraram na sala dois polícias escoltando Clyde Dawson.

Foi como se nova vida insuflasse o peito do sargento Dunn.

— Faça o favor de se sentar, Mr. Dawson — disse, como se recebesse um convidado a uma reunião social. Levou os guardas lá para fora e trocou com eles breves palavras.

Clyde Dawson relanceou um olhar especulativo em volta, sentou-se e acenou a cabeça aos presentes.

— Ao que parece, fomos todos postos fora da cama — comentou.

Dunn veio ocupar de novo o seu posto, de costas para as três janelas da sala.

— Célia Barnes foi assaltada aqui, esta noite. Confessa que tinha cá vindo para lançar mão de um livro falso, intitulado «Tácito». A caixa continha vales assinados... e constituiam um registo dos dinheiros emprestados por Doris Ferguson.

— Era então aí que ela os guardava! — exclamou Larry. — E tu sabias isso, Célia.

— E o senhor? Sabia também, Mr. Miller? — perguntou o sargento.

—Claro que não, mas, ao que parece, Célia e George, sim. — Falava num tom acusador. Peg apertou-lhe a mão para lhe recomendar silêncio.

— Vocês os dois negam conhecer a existência da caixa? — O sargento Dunn olhou primeiro para Larry e depois para Peg. Ambos abanaram a cabeça. Voltou-se então para Dawson — E o senhor... sabia alguma coisa a respeito dessa caixa... e do que ela continha?

30

— Não — declarou o interrogado como se estivesse no banco das testemunhas. — E' a primeira vez que a oiço mencionar.

— O senhor não veio aqui esta noite, surpreendeu Célia Barnes com a caixa, prostrou-a com um golpe, e fugiu depois?

— Que pretende insinuar? — explodiu Dawson, começando a levantar-se, mas logo um dos polícias o obrigou a sentar-se. — Não vivo perto daqui, como os Barnes, nem mesmo nos limites da cidade, como os Miller. E o senhor apanhou-me em casa quando telefonou.

Dunn não fez caso.

— De forma que ninguém conhecia a existência dessa caixa, a não ser a morta e a sua prima, Célia Barnes.

Dawson, Larry e Peg sacudiram vigorosamente a cabeça e concentraram os olhares em Célia, que pareceu encolher-se no sofá. George passou o braço pelos ombros da mulher. — Se o senhor pensa que minha mulher foi quem assassinou a prima, está redondamente enganado — disse com voz irritada. — Acho melhor que concentre mais as atenções em Dawson.

— Isso vindo de si, Barnes, é engraçado. O senhor e a sua mulher eram quem mais tinha a lucrar com a morte de Doris Ferguson. O crime foi algo que os dois podiam muito bem ter arquitectado.

— Decerto — apoiou Larry. — E uma coisa, sargento. O senhor não perguntou a Barnes se ele conhecia a existência da caixa...

— Passou-me, realmente — respondeu o detective com voz afável. — Mas com certeza o senhor vai declarar que não.

— E não conhecia, de facto.

O sargento Dunn veio postar-se em frente de Dawson.

— Uma vez que todos devem ser tratados da mesma maneira, estenda as mãos... Dawson. — Examinou as mãos estendidas para si e, após um momento de hesitação, virou-as. — Hum... O senhor feriu-se recentemente neste dedo.

— Foi uma queimadura de cigarro.

31

— Uma queimadura recente.

— Sim. Um tipo pode enervar-se quando a Polícia lhe telefona a meio da noite.

— E um tipo ainda mais nervoso ficaria, Dawson, se soubesse que antes de responder, o telefone tocara mais de vinte vezes.

— Não se pode culpar ninguém de ter o sono pesado — retrucou Dawson. — O senhor está enganado se me escolhe para vítima, Dunn. Não podia ter feito isso tudo de que me acusa e estar de regresso a casa quando os seus homens chegaram. E estava apenas meio-vestido quando eles chegaram.

— Meio despido — emendou o sargento Dunn. — O senhor viu o nosso carro parar junto ao passeio e tratou de arrancar a gravata e os sapatos e despentear-se, como um tipo que acaba de saltar da cama. Quanto á queimadura do dedo... A braza de um cigarro sobre a marca de um dente seria bem capaz de a disfarçar.

O rosto de Dawson parecia cinzento.

— Está a adivinhar muito, sargento, mas, na verdade, não tem provas contra mim. Não pode demonstrar essas acusações. — Falava num tom esganiçado, mas seria difícil dizer se de medo ou de cólera

— Elas virão. As suas impressões digitais estarão na caixa de ferro que parece um livro... a tal caixa cuja existência o senhor desconhecia. Há já algumas horas que a Polícia anda a rebuscar todo o caminho ao longo da estrada. Se isso não resultar, passaremos uma busca em sua casa. — Passou a mão pelo rosto num gesto de fadiga. —E' uma soberba estrada, capaz de proporcionar médias magníficas durante a noite, em que o movimento é quase nulo. Um carro igual ao seu, conduzido por um homem, seguia ao longo dessa estrada por volta das três da manhã com excesso de velocidade. Quer confessar agora?

— Não! — gritou Dawson, indignado.

O sargento deixou que os Barnes e os Miller fossem a casa vestir-se devidamente e recebeu novamente os dois casais na Central da Polícia. Tiraram-se impressões digitais. De subito, um

32

guarda entrou, trazendo uma caixa e colocou-a sobre a secretária. Os olhos de Dunn iluminaram-se como se estivesse a receber um presente de Natal.

— Tira-lhe as impressões — ordenou.

A caixa continha as impressões de Doris, de Célia e de Clyde Dawson.

A calma de Dawson desvaneceu-se perante a evidência. Era como um louco bolsando ódio pela mulher que ele dissera amar. Doris emprestara-lhe uma porção de dinheiro. No fim de contas, planeara casar-se com ele, e o seu êxito com a agência de automóveis seria em seu benefício. O único óbice da questão era que Dawson sonhava casar-se com a secretária, mantendo, no entanto, o negócio

— Não havia forma de me desfazer dessa bruxa. Tinha de a matar!

O sol da manhã já ia alto quando Célia e George regressaram ao apartamento.

— Tinhas razão a respeito de Clyde Dawson, George — disse Célia. — E a tua única pista era tê-lo visto com uma rapariga.

George olhou-a significativamente.

— Ao passo que tu estavas pejadinha de provas, não é verdade, jóia? Puseste-me uma nódoa de sangue na camisa e esqueceste como ela lá foi parar. Não acreditaste que eu tivesse apanhado a asma do gato cá de cima... e vais á procura de Mrs. Prescott, para comprovar a história que eu te contara.

Célia corou e mordeu o lábio.

— Não sejas tolo, George... E' verdade que desconfiei um bocado de ti... mas só um bocadinho.

George riu-se.

— *Okay*, Célia. Também por uma ou duas vezes, eu pensei no facto de teres sido tu a descobrir o cadáver e teres sido assaltada em casa da Doris.

F I M

DESAPARECERAM DE SUAS CASAS DUAS JOVENS

VISEU, 27 — As autoridades locais procuram saber do paradeiro de Maria Gracinda da Cunha, de 18 anos, residente em Paradinha; e de Maria Natércia do Amaral, de 20 anos solteira, domiciliada na Rua de Serpa Pinto (Páteo do Matadouro), desta cidade.

A Maria Gracinda é forte, baixa e veste casaco comprido, blusa escura e saia aos quadradinhos, e usa o cabelo curto.

VENDA DE SUCATA

Na Instalação da Matinha (Cabo Ruivo) da Sociedade Nacional de Petróleos — SONAP — estarão patentes, nos dias 29, 30 e 31 do corrente, das 9 às 12 e das 13 às 16 horas vários lotes de sucata provenientes de carros abatidos (Chassis, peças diversas, pneus, etc.).

As «condições de praça» estão à disposição dos interessados na Sede da SONAP e na Instalação da Matinha.

HORÁRIO DOS COMBOIOS Linhas do Douro, Corgo, Tua e Sabor

Comunica-nos a C. P. que, embora tenham melhorado as condições de circulação na linha do Douro, prosseguem ainda, durante algum tempo, os trabalhos de reparação e consolidação da via nos inumeros pontos em que esta foi afectada pela recente cheia.

Houve por isso que estabelecer naquelas linhas um horário de emergência, que vigorará apenas durante limitado período. E como não é possível publicá-lo em pormenor, aconselha-se o publico a inteirar-se nas estações de embarque sobre as novas horas das circulações nas linhas em referência.

ALMOCE E JANTE NO

arco-iris

da PRAÇA DO AREEIRO, 8

e terá encontrado, finalmente, o Seu Restaurante

Em BELMONTE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na «FLOR DO ZÊZERE».

A condecoração da artista
Amélia Rey Colaço

(Continuação da página central)

manifestações da cultura em Portugal.

Desde 1929, que Amélia Rey Colaço, como empresária do Teatro Nacional, se tem consagrado através da realização de uma obra teatral de grandes proporções e sem paralelo no panorama artístico-nacional. Notável tem sido todo esse trabalho duma artista de talento, uma encenadora consciente, uma empresária esclarecida, uma professora que fez escola.

E foram precisamente toda esta actividade, e todas estas raras qualidades que hoje tiveram uma justa e oportuna consagração oficial, num acto tão singelo como significativo.

Ao meio-dia, os srs. ministro da Educação Nacional e subsecretário do mesmo gabinete, receberam a ilustre artista, para lhe fazerem a entrega das insígnias da comenda da ordem de Sant'Iago da Espada, com que o Chefe do Estado agraciou Amélia Rey Colaço. À cerimónia assistiram todos os artistas da Companhia do Teatro Nacional, Paiva Raposo, em representação do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais; dr. Carlos Leónidas, director do Teatro Nacional; padre Agostinho Veloso, e muitas personalidades ligadas aos meios artísticos.

O ministro começou por dizer que a presença do subsecretário significava que o gabinete da Educação Nacional se associava, na sua representação plena, a uma homenagem com a expressão de uma consagração oficial.

Manifestou a honra de ter o ensejo de fazer a entrega da condecoração, que representa o reconhecimento ao valor e talento de uma artista, cuja carreira é um dos mais gloriosos exemplos na vida teatral portuguesa, acrescentando:

— V. Ex.ª qualificou-se pelas suas excepcionais virtudes artísticas e dotes de inteligência, tendo sido a principal obreira dos melhores e mais significativos momentos trazidos á Arte. A sua firmeza, isenção e amor ao Teatro contribuíram para que, durante mais de um quarto de século, não tivesse abandonado nem interrompido uma actividade que prestigiou a causa do Teatro e da cultura nacionais.

Referiu-se, também, á projecção dessa obra e ao entusiasmo que lhe deu Amélia Rey Colaço, tanto como actriz de talento como ainda na sua acção de empresária e encenadora, numa linha de continuidade filiada nas melhores tradições artísticas. Pôs em relevo o seu dinamismo e firmeza ao desempenhar o difícil e ingrato trabalho na direcção da Companhia do Teatro Nacional, não tendo desistido durante as canseiras e desgostos que soube vencer com persistência e com a imposição de uma personalidade bem definida.

E a terminar:

— Pode V. Ex.ª sentir-se compensada pelas horas de Arte que soube proporcionar-nos. E, agora, depois do aplauso publico, é o louvor oficial que consagra uma carreira isenta e brilhante.

No meio de quentes e efusivos aplausos, aquele membro do Governo entregou, então, as insígnias da comenda da ordem de Sant'Iago da Espada a Amélia Rey Colaço, que não conseguiu esconder a sua emoção. A artista, que tão magistral e fielmente sabe interpretar as emoções dos personagens que tem encarnado, era ali uma mulher sensibilizada, incapaz de mascarar o que lhe ia na alma. Era ela própria a sentir a comoção do momento. E, em breves palavras, repassadas duma terna recordação agradeceu a distinção:

— Quero agradecer a honra que me concederam e lembrar o meu marido, que foi, comigo, o colaborador dedicado e igual realizador duma obra a que devotámos uma vida inteira. Estou imensamente grata.

No final, Amélia Rey Colaço foi muito cumprimentada e felicitada por todos os presentes. Sua filha, Mariana Rey Monteiro, abraçou-a com um brilho de emoção funda nos seus olhos enternecidos.

O dr José Galhardo, presidente da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, enviou ao sr. ministro da Educação Nacional um telegrama nos seguintes termos: «Agradeço a V. Ex.ª justo galardão concedido á ilustre actriz Amélia Rey Colaço que tanto tem honrado o Teatro português».

Festas associativas

Estão marcados os seguintes bailes: á noite, no Lisboa Clube Rio de Janeiro, na Rua da Atalaia, 120, com o conjunto musical «Estrela de Ouro», na Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, no Largo do Barão de Quintela, 7, na Casa da Comarca de Arganil, na Rua da Fé, 23, com o conjunto «Meia Noite», na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, no Largo do Intendente, 45-1.º, no Clube Desportivo de Arroios, na Rua Marques da Silva, 55, com o conjunto musical «Lido», e na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, na Rua Silva Carvalho, 225, com o conjunto musical «Trocistas»; ámanhã de tarde, no Ateneu Ferroviário, na Rua de Santa Apolónia, 59 e 63, com a orquestra «Casablanca», no Clube Estefania, na Rua Dr. Alexandre Braga, 24-A, com o conjunto musical «Mónaco», na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, 58, com a orquestra «Talismã», na Casa dos Tabuenses, na Rua dos Poiais de São Bento, 75-B, 2.º, na Casa da Comarca de Arganil, com o conjunto «Meia-Noite», no Centro Espanhol, na Rua Nova da Trindade, 20, e na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo; e amanhã á noite, na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, com o conjunto «Os Transalpinos», e na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.

TURISMO EM PORTUGAL
promovido pela «Canadian Pacific»

Partiu do porto de Lisboa, o paquete, da «Canadian Pacific», «Empress of England», com destino a Liverpool, ultimo porto de escala do magnifico cruzeiro «Ilhas do Sol», que incluiu também a ilha da Madeira.

Durante a sua estadia em Lisboa, foi oferecida pela «Canadian Pacific» uma recepção a bordo, aos representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão.

Cerca de 750 passageiros deslocaram-se em excursão ao Estoril, a Cascais, a Sintra e a Setubal.

Ontem, á noite, o S. N. I. ofereceu aos passageiros um espectáculo de folclore e musica do nosso País.

Prosseguindo nas directrizes traçadas, para dar a conhecer melhor Portugal e as suas belezas turísticas, a «Canadian Pacific», além das quatro frequências semanais para Roma e Canadá, com os seus aviões «Suped DC-8», trará ao nosso País mais dois paquetes da sua frota: «Empress of Britain», esperado em 27 de Fevereiro, e o «Empress of Canadá», que chegará em 3 de Abril.

A «Canadian Pacific» trará, assim, a Lisboa nos quatro primeiros meses deste ano, apenas com os seus barcos, cerca de 2250 turistas que visitarão também S. Vicente de Cabo Verde e a ilha da Madeira.

FORÇA AÉREA
Direcção do Serviço de Recrutamento e Instrução
Centro de Recrutamento N.º 1
ANÚNCIO

Alistamento de voluntários para o Curso de Enfermeiros

De harmonia com o Art. 2. do Dec. n. 38.187, de 8 de Novembro de 1951 e Art.º 14.º da Lei n.º 2056 de 2 de Junho de 1952, se faz público que está aberto concurso para a admissão de voluntários para o curso de enfermeiros, devendo os documentos ser entregues até ao dia 24 de Fevereiro do corrente ano, no C. R. N.º 1, na Rua Andrade Corvo, n. 25/A, r/c., Lisboa 1.

SÃO CONDIÇÕES DE ADMISSÃO:

a) — Terem mais de 17 e menos de 21 anos, no acto do alistamento.
b) — Terem altura mínima de 1,60 e aptidão física comprovada pela Junta de Admissão da Aeronáutica.
c) — Possuirem pelo menos, o 1. ciclo liceal (2.º ano) ou equivalência.
d) — Serem solteiros e estarem autorizados a alistarem-se pelos pais ou tutores, quando não sejam emancipados ou viúvos sem filhos.
e) — Terem bom comportamento, estarem em pleno uso dos seus direitos constitucionais e provarem respeitar os princípios fundamentais de ordem politica e social estabelecida na Constituição.

OS MANCEBOS QUE SE ALISTAREM COMO VOLUNTÁRIOS NA FORÇA AÉREA SÃO OBRIGADOS A SERVIR TRÊS ANOS, EM CONFORMIDADE COM A LEGISLAÇÃO.

DOCUMENTOS A APRESENTAR:

1 — Requerimento dirigido a Sua Ex.ª o General Chefe do Estado-Maior da Força Aérea (em papel selado).
2 — Certidão de Nascimento.
3 — Certidão de habilitações literárias, passada por Estabelecimento Oficial, devendo as assinaturas das certidões dos Seminários ser reconhecidas por Notário.
4 — Autorização do pai e da mãe, ou tutores, para o alistamento na Força Aérea, ou certidão de emancipação (em papel selado).
5 — Declaração a que se refere o Art.º 1. do Decreto n.º 27.003 de 14-9-936 (em papel selado).
6 — Declaração em como é solteiro (ou viúvo sem filhos) com o compromisso de não contrair matrimónio antes dos 23 anos de idade (em papel selado)
7 — Certidão de Registo Criminal.
8 — Declaração de ter ou não concorrido à Força Aérea em concursos anteriores (em papel comum azul de 25 linhas).

NOTAS

1 — As assinaturas dos documentos n.º 4 5 e 6 deverão ser reconhecidas por notário. Os candidatos poderão solicitar ao CENTRO DE RECRUTAMENTO N.º 1 DA FORÇA AÉREA as normas dos documentos n.º 1, 4, 5, 6 e 8.
2 — Os concorrentes já julgados APTOS nas Juntas de Recrutamento do Exército, deverão fazer-se acompanhar da cédula de recenseamento (modelo n.º 4) e do seu Bilhete de Identidade.
3 — Não podem ser admitidos os mancebos já julgados INAPTOS pelas Juntas de Recrutamento do Exército.
4 — Os concorrentes poderão apresentar até à inspecção o boletim Questionário de inscrição, a fornecer pelo Centro de Recrutamento N.º 1, quando for pedido, os documentos N.º 1 (requerimento) e n.º 4 (autorização dos pais) devendo entregar os outros imediatamente depois de serem julgados APTOS pela Junta de Admissão da Aeronáutica.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1962

O CHEFE DO CENTRO

Eurico Gonçalves Monteiro
Maj. Art.º

Em Sacavém o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio da V.ª de António d'Oliveira Paciência.

Dizem os leitores...

Está em péssimo estado a principal rua de Paço de Arcos

Escreve-nos um nosso assíduo leitor, comerciante em Paço de Arcos, que nos afirma encontrar-se em péssimo estado a principal rua daquela localidade, o que causa aos habitantes os maiores transtornos. Diz, nomeadamente, o nosso leitor:

«A Rua Costa Pinto, que atravessa a vila de Paço de Arcos, em virtude das inumeras vezes que, a propósito de reparações, alterações de esgotos, montagem de cabos telefónicos ou de energia eléctrica, é esburacada, mantém-se sempre em estado deplorável pois as entidades que superintendem nesses serviços, sem coordenação ou entendimento de qualquer espécie, vão abrindo valas o que ocasiona a manutenção quase permanente de uma difícil e até perigosa circulação de veículos e peões. Por tal facto, os desastres dão-se ali amiude,só com grandes precauções se podendo transitar.

Há cerca de três meses a Companhia de Telefones reabriu uma vala encostada ás propriedades levantando os passeios e abandonando-os depois a fim de serem reparados pela Junta Autónoma das Estradas do Distrito de Lisboa, pois, segundo nos informam, a Companhia paga á Junta essas reparações.

Sucede porém que, apesar de constantes reclamações que se tem apresentado ás entidades indicadas e de se ter pedido a intervenção da Camara Municipal do Concelho de Oeiras, o estado do local mantém-se.

Alguns desastres tem já ocasionado esta anormalidade, felizmente sem grandes consequencias mas que, certamente, serão mais funestos se não forem tomadas imediatas providências.

O troço em referência fica precisamente numa curva onde a rua é mais estreita, agravada, ainda, a situação por um cruzamento existente no local.

As pessoas que por aqui têm de passar são obrigadas a fazer verdadeiros equilíbrios sobre as lajes.

Das informações colhidas, junto das entidades indicadas, chegámos á conclusão que, a responsabilidade final pertence inteiramente á Junta Autónoma das Estradas do Distrito de Lisboa que, a nosso ver, deveria já ter procedido ao necessário arranjo, substituindo as impróprias e inestéticas lajes por passeios capazes e próprios da categoria da vila.

Paço de Arcos, faz parte integrante da reclamada Costa do Sol mas, o que se verifica aqui, é o pior reclamo para esta zona».

Casas... para os menos necessitados

O problema da habitação em Lisboa está a tornar-se cada vez mais crítico. Não obstante a boa vontade manifestada pelo Governo e pela Camara Municipal, a situação vai piorando sempre, e não se vê forma de sustar o aumento constante das rendas. Acontece, ainda, que algumas iniciativas, inspiradas na mais pura justiça social, no capítulo da habitação, são, afinal, desviadas do seu nobre objectivo. Um leitor do «Diário de Lisboa» apresenta-nos este caso típico:

«O Cofre de Previdência do Ministério das Finanças construiu um bloco de dezoito habitações para os seus associados. Em princípio, deviam ser distribuídas em regime de propriedade resoluvel, mas a direcção do Cofre obteve autorização para as alugar pura e simplesmente.

Mas há mais: a distribuição dos fogos devia subordinar-se ao quantitativo dos vencimentos e ao numero de filhos. A direcção do Cofre porém, decidiu sujeitar a distribuição á antiguidade de sócio!...

Quer isto dizer que as dezoito casas irão beneficiar, certamente, aqueles que têm já resolvido há muitos anos o problema habitacional Os aspirantes, os terceiros e segundos-oficiais, por exemplo, que auferem os vencimentos mais baixos, é evidente que não serão contemplados, pois têm á sua frente, como associados mais antigos, os primeiros-oficiais, os chefes de secção, os chefes de repartição, os directores de Finanças.

TRIBUNAIS

Quatro condenações no Plenário

No Tribunal Plenário da Boa Hora, presidido pelo desembargador dr. Silva Caldeira, foi ao princípio da tarde proferida a sentença no processo contra quatro incriminados da Marinha Grande, acusados de actividades subversivas naquela região.

Foram condenados o sr. João Pereira Duarte, em três anos e cinco meses de prisão maior; o sr. Adriano Manuel Barbosa Nobre, em dois anos e dois meses de prisão maior e cada um na perda de direitos políticos por quinze anos e em medidas de segurança, de internamento de seis meses a três anos e ainda no pagamento de imposto de 1000$00; o sr. João Domingos Jubileo Junior, em dezoito meses de prisão correccional, e o sr. Vítor Manuel de Jesus Pires, em vinte e dois meses de prisão, cada um na suspensão de direitos políticos por cinco anos, ficando a pena destes dois ultimos suspensa por cinco anos pelo que saíram em liberdade.

MORREU NO RECIFE
o jornalista dr. Anibal Fernandes

RECIFE — Faleceu o dr. Aníbal Fernandes, brilhante jornalista que, durante muitos anos, dirigiu o velho «Diário de Pernambuco».

Além de mestre do jornalismo, Aníbal Fernandes foi também historiador e ensaista de grande interesse. Escrevia ainda no jornal que dirigia, duas colunas quotidianas, uma sob o título «Colsas da Cidade» e outra de comentário internacional.

Com frequência, ocupava-se também de problemas nacionais e de temas gerais.

Aníbal Fernandes era um sincero e devotado lusófilo, dos mais desassombrados sempre na defesa e exaltação de Portugal, que ele, há anos, acompanhado por amigos seus brasileiros e portugueses destacados do Recife, visitou demoradamente. Por essa ocasião escreveu muitos artigos sobre Portugal cheios de admiração e ternura.

O funeral de Aníbal Fernandes foi dos mais concorridos que algum dia se realizaram no Recife, onde o antigo deputado e secretário do Interior e da Justiça tinha grandes dedicações e muita popularidade.

SINTRA ESTORIL
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Coronel Pedro António Couceiro Vilar Moreira
FALECEU

Máquinas de Precisão, Lda., participa com muita magoa, o falecimento do seu muito querido colaborador e amigo, cujo funeral se realiza amanhã, 28, da sua residência, Rua José Falcão, 30-1.º, Oeiras, para o cemitério desta localidade.

P. N. A. M.

Boletim do dia

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 27 de Janeiro de 1932, publicava:

«Portugal já fala com quase todo o Mundo pela telefonia sem fios. Contudo, o Brasil, país amigo e irmão, ao qual damos os braços do nosso espírito e do nosso afecto, era para nós mudo como nós o eramos para ele.

«Amanhã, teremos fala. Inaugura-se, de tarde, a linha telefónica Brasil-Portugal. Os dois chefes de Estado comunicarão, correspondendo-se em português.

«Esta particularidade não é para desprèzar. A língua portuguesa, mais sónica, menos sónica, pela primeira vez correrá o Atlantico, pelas ondas de Hertz, selando a continuação de uma raça e a amizade inalterável de dois povos livres, que se querem bem».

RÁDIO

EMISSORA NACIONAL — *Programa «A»* — 451 m. — 655 kc./s. — Às 18 horas, Noticiário; 18 e 10, Rádio Rural; 18 e 30, Musica de dança; 18 e 45, A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19, Cançonetas portuguesas; 19 e 15, Espectáculo, magazine de teatro e cinema; 19 e 45, A pianista Beatriz de Sousa Santos; 20, Jornal sonoro; 20 e 20, Orquestras ligeiras; 20 e 30, «Fala Portugal»; 20 e 45, Musica regional portuguesa; 21, Noticiário — Crónica de Angola; 21 e 40, O pianista Luciano Sangiorgio e seu conjunto; 21 e 50, Carta de Madrid; 22, 1.ª parte de um serão para trabalhadores, transmitido do ginásio do Liceu Camões; 22 e 45, Jornal sonoro (2.ª emissão); 23, A voz do Ocidente fala-vos de Lisboa; 1 hora, Encerramento.

Programa «B» — 397 m. — 755 kc./s. — Às 19, Ciclo do barroco italiano, com obras de Tartini e Vivaldi; 19 e 20, São Tomé e Príncipe «Dia de S. Vapor», por Luís Cajão; 19 e 30, Trechos de óperas; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Musica portuguesa: Obras de João Domingos Bontempo; 21, Noticiário; 21 e 15, Separador, concerto pelo duo Santos Pinto-Maria Celeste Silva; 21 e 45, Os grandes momentos da história do Mundo; 22 e 15, Setembro musical de Montreux de 1961; 23, A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10, 2.ª parte de um serão para trabalhadores; 23 e 50, Noticiário; 23 e 58, Musica de dança; 1 hora, Encerramento.

RADIO CLUBE — Às 17 e 30, Cançonetas; 17 e 45, Noticiário; 19 e 15, Conjuntos; 19 e 45, Noticiário; 20 e 20, Motivos portugueses; 21 e 1, Imagens por musica; 21 e 15, Cançonetas; 21 e 30, Orquestras; 21 e 45, Curso de língua inglesa; 22 e 1, Banda da Marinha; 22 e 15, Motivos portugueses; 22 e 30, Mensagem do soldado; 22 e 45, Revista da actualidade peninsular; 23, Asi es España; 23 e 45, Noticiário; 1 e 45, Noticiário; 2 e 55, Noticiário; 3 horas, Fecho.

Emissor de Miramar — Às 17, Musica pelo caminho; 17 e 45, Noticiário; 19, Motivos portugueses; 19 e 35, Um artista do teclado; 20, Noticiário; 20 e 10, Mensagem do soldado; 20 e 30, Curso de língua inglesa; 21, Noticiário; 21 e 15, Um artista; 21 e 45, Opereta; 22 e 15, Artistas portugueses; 23, Baile dos sábados; 23 e 45, Noticiário; 1 e 30, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Às 18 e 20, Noticiário e boletim religioso; 18 e 30, Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5, Migalhas d[illegible]trinais; 19 e 10, Musica escolhida; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, O meu programa; 20 e 30, Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55, Meditando; 21, Cultura brasileira; 21 e 40, Rádio Rural; 22 e 30, Chuva de estrelas; 23, A 23.ª hora; 1 e 45, Noticiário; 2 horas, Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS—Das 17 ás 19 e 30, Voz de Lisboa; 19 e 30 ás 22, Rádio Peninsular; 22 á 1, Voz de Lisboa; 1 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 19 e 30, Abertura; 19 e 32, telejornal, 19 e 45, programa juvenil: «Juventude no Mundo» e «Papel e Lápis»; apresentação de Maria João, Lobo Antunes e António Atalaia; colaboração de António Vitorino de Almeida: realização de Nuno Fradique. 20 e 20, teledesporto (revista filmada dos acontecimentos desportivos da semana; 21, «Show para Dois», com Domingos Marques, Laura Candeias e o cantor goês Mário Ferreira (transmissão dos Estudios do Porto; 21 e 30, telejornal; 22 e 5, «A Acácia do Quintal», original de Carlos Tomás Cebola; intérpretes: Luísa Neto, Clara Rocha, Silva Araujo, Maria Olguim e Fernando Muralha; realização de H. Peyroteo; 22 e 30, «Isto é Lisboa» (programa da C. M. L.); 22 e 45, episódio da série «Ó Susana»; 23 e 10, fados por Manuel de Almeida e Natércia da Conceição; realização de Félix Ferreira; 23 e 25, «Lux in Tenebris», pelo rev. João de Sousa; 23 e 35, telejornal e ultimas notícias.

MARÉS

PREIA-MAR

Dia 27 — Ás 7 e 07 (3m,52); ás 19 e 40 (3m,33).

Dia 28 — Ás 8 horas (3m,39); ás 20 e 34 (3m,25).

Dia 29 — Ás 8 e 50 (3m,29); ás 21 e 36 (3m,23).

BAIXA-MAR

Dia 27 — Ás 0 e 28 (1m,37); ás 13 e 02 (1m,37).

Dia 28 — Á 1 e 20 (1m,49); ás 14 e 02 (1m,48).

Dia 29 — Ás 2 e 22 (1m,59); ás 15 e 04 (1m,55).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

CIRCO

COLISEU — Às 21.30 — Companhia de circo.

TEATROS

NACIONAL — **As 21.45 — «As árvores morrem de pé».**
TRINDADE — **As 21.45 — «O Príncipe de Homburgo».**
AVENIDA — **Às 21.30** — «Badaróscope»
ABC — Às 20,45 e 23 — «Eu sou o espectáculo».
MONUMENTAL — Às 20,45 e 23 — «Ballets».

CINEMAS

EDEN — **«El Cid».**
SÃO LUIZ — **«Um general e meio».**
ALVALADE — **«Um general e meio».**
AVIS — «Romanoff e Julieta».
IDEAL — «Shane».
CAPITÓLIO — «O aventureiro dos mares».
CONDES — «A escrava de Roma».
ARCO IRIS — «Os comandos atacam».
CAMPOLIDE — «O retrato de Jennie».
JARDIM CINEMA — «Corgo».
PROMOTORA — «A conquista de Oregon».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20.45 e 23 — **«Bate o pé!».**
IMPÉRIO — A's 18 e 30 — «O Tinteiro».
VARIEDADES — Às 21 e 45 — «A linha da sorte».

CINEMAS

MONUMENTAL—«Um solteirão no paraiso».
TIVOLI — **«Os inocentes».**
IMPERIO — **«O milagre de Malaquias».**
POLITEAMA — «Os comancheros».
S. JORGE — «Os inadaptados».
LYS — «Idílio em Setembro».
ROMA — «A rapariga da mala».
OLIMPIA — «Tormenta a bordo».
CHIADO TERRASSE — «O gume da navalha».
SALÃO LISBOA — «A lenda de Tom Dooley».
CINE MOSCAVIDE — «Quando o rio se enfurece».
ODEON — «Em nome de uma mãe».
RESTELO — «Idílio em Setembro».
ROYAL — «Uma barriga de respeito».
VOZ DO OPERARIO — «Um estranho nos meus braços».

FARMÁCIAS

TURNO A

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Caramão Ajuda, Est. Cruz 20 (633248).
ALCANTARA — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil, Aven. Igreja, 9 (711780) ✲ **Celta,** R. Moura Girão, 3 (710621).
AMOREIRAS — Britanica, T. Légua da Póvoa, 5 (689250).
AREEIRO — Roma, Av. Roma, 85 (772466) ✲ **Garantia,** Av. P.e Manuel Nóbrega, 5 (727300) ✲ **Imperial,** Av. Guerra Junqueiro, 30 (726860).
ARROIOS — Veral, R. Morais Soares, 109 (40632).
AVENIDAS NOVAS — Alcantara, Av. Republica, 74 (771379) ✲ **Vale,** Av. Marquês de Tomar, 45 (773043) ✲ **Dalva,** Av. Duque d'Avila, 125 (45225) ✲ **S. Sebastião,** L. S. Sebastião, 1 (48642).
BAIRRO ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Aurea, 154 (324816) ✲ **Oliveira,** R. Prata, 240 (321415).
BELÉM — Moura, T. Memória, 55 (630944).
BENFICA — União, Est. Benfica, 592 (700092) ✲ **Alegria,** Est. Benfica, 180 (780511).
CAMÕES — Barreto, R. Loreto 30 (27284).
CAMPO OURIQUE — Lobel, R. Infantaria, 16, n.º 98 (688807) ✲ **União,** R. de Infantaria 16, n.º 98-B (688807).
CAMPOLIDE — Salutar, R. B. 75 (Bairro Liberdade) (683694) ✲ **Pinto,** R. Campolide, 11 (682610).
CHARNECA — Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.
CONDE REDONDO — Sousa Martins, R. Sousa Martins 25 (53468).
ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, Lote 4, Loja B (666971) ✲ **Paiva Costa,** R. Lapa, 105 (664414).
GRAÇA — Ziler, R. de S. Tomé, 54 (8862835) ✲ **Central,** R. Penha de França, 58 (849245).
LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro,** Al. Linhas Torres, 93 (791131).
MADRAGOA — Lys, R. Esperança, 17 (660913).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).
PALHAVÃ — Canto, Est. Laranjeiras, 202 (780841).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 16 (728395).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás Costa, 3 (771873).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11 (381136) ✲ **Banha,** Est. Chelas, 173 (382241) ✲ **Frazão,** R Cruz de St.ª Apolónia, 90 (847019).
SANTA MARTA — Fernandes, Rua S. José, 187 (26476)
SANTO AMARO — Biotifar, R. D. João Castro, 27 (638824) ✲ **Correia Azevedo,** R. Luís Camões, 48 (638625).
S. BENTO — Castro, R. S. Bento, 199 (660513).

Linha de SINTRA

Atlético Clube do Cacém

Na sede do Atlético Clube do Cacém, no Largo Dona Maria II, n. 6, haverá esta noite, um baile com Jacinto Lopes e os seus gauchos; e amanhã uma tarde infantil, com os palhaços Guida & Julio.

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — As 15 e ás 21 e 15: «O apartamento» (17 anos).
QUELUZ — *Queluz-Cine* — As 21 e 15: «Labirinto» e «Os violentos» (17 anos).
CACEM — *Cinema S. João* — As 21: «A verdade acerca das mulheres» e «A quadrilha do cara cortada» (17 anos).
MEM MARTINS — *Cine Chaby* — Às 21: «Planeta sangrento» (12 anos).
SINTRA — *Carlos Manuel* — As 21 e 30: «Drama num espelho» (17 anos).
ODIVELAS — *Cine-Teatro* — As 21 e 15: «Legião de atiradores» (12 anos).
VENDA NOVA — *Cine Portugal* — Às 21 e 15: «Bucha e Estica toureiros» e «O favorito dos Bórglas» (12 anos).

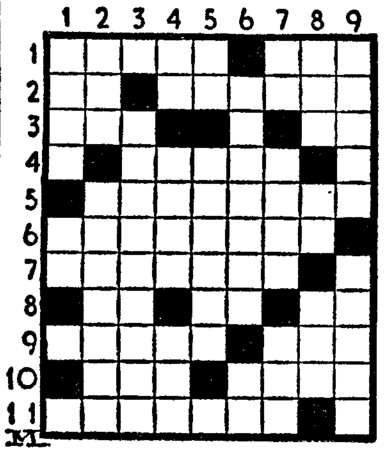
Farmácias de serviço

AMADORA — *Melo* — Praça D. João I, Lote 146 (Tel. 931551); *Central* — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 930210); *Igreja* — P. da Igreja, Lote 2 (Tel. 930740).
QUELUZ — *Simões Lopes* — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
SINTRA — *Marrazes* — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).
S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).
BURACA — *Vaz Martins* — R. António Ferro, M. A. D. (Tel. 931690).
DAMAIA — *Lemos* — R. de Goa (Tel. 932121).

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 2564



HORIZONTAIS: 1 — Untar com substancia oleosa. Aqui está. 2 — Batráquio. Salienta. 3 — Rate. Gemido. 4 — Afrouxamento dos ligamentos viscerais e das paredes abdominais, e que produz a queda dos órgãos. 5 — Altos e elegantes. 6 — Acautelas. 7 — Rocha, de origem ígnea, muito dura e escura. 8 — Apelido. Porco. Nota de musica. 9 — Salva. Pronome pessoal. 10 — Antigo navio á vela. Mamífero carnívoro, da família dos canidas. 11 — Famulento.

VERTICAIS: 1 — Berro. Símbolo químico do chumbo. 2 — Negativa. Espécie de terra verde. 3 — Capturavam. 4 — Partir. Bebe. Desmorona-se. 5 — Acusada. Escondida. 6 — Compostura. Litro (abrev.). 7 — Artigo antigo. De bronze. Arroubamento. 8 — Ergue. Artigo (pl.). Debaixo. 9 — Mulheres. Repetiu.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 2563

HORIZONTAIS: 1 — QUEM. Pé. 2 — Ulm. Votos. 3 — Beiras. 4 — Narina. Se. 5 — Touro. TEM. 6 — Lestas. 7 — Ah. Ain. 8 — Ar. BOCA. 9 — Rodopiais. 10 — Samoa. Te. 11 — Tosar. VAI.

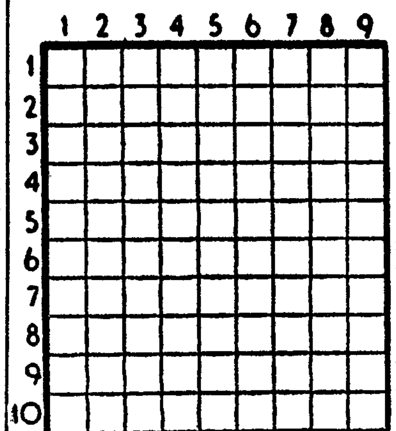
VERTICAIS: 1 — Quente. Ir. 2 — Ul. Ao. A. Oso. 3 — Embrulhadas. 4 — Eire. ROMA. 5 — Vinosa. Pôr. 6 — Gora. Tíbia. 7 — Tá. Tanoa. 8 — Posses. Vita. 9 — E's. Em. Casei.

(Provérbio: QUEM TEM BOCA VAI A ROMA).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 4609

HORIZONTAIS: 1 — Nome polaco dado aos imperadores da Russia. Cabelos brancos. 2 — Tribunal de segunda instancia. 3 — Época. Parecença. Rio de Itália. 4 — Nota musical. Longa jornada. 5 — Cidade de Angola. 6 — Ilha do Atlantico. Larva das feridas dos animais. 7 — Formosa ilha portuguesa no Atlantico. 8 — Sacudiu. Símbolo químico do cromo. 9 — Nota musical. Quatrocentos em romano. Progenitor. 10 — Ofendera com violência. 11 — Esteiro. Lavras.



VERTICAIS: 1 — Profissão de fé. Oportunidade. 2 — Nada. Tem conhecimento. 3 — Flanco de um exército. Pronome indefinido. Lobriguei. 4 — Batráquio. Cidade de Espanha. 5 — Tombar. Substancia simples com brilho metálico que se sublima em baixa temperatùra. 6 — Poema em 10 cantos de J. Santa Rita Durão que é um resumo da vida histórica do Brasil. Nota musical. 7 — Preposição e artigo. Malogra. Parceiro. 8 — Dó. Querida. 9 — Adição. Geras.

Solução do problema n.º 4608

HORIZONTAIS: 1 — Cãs. Apaga. 2 Adocei. Oc. 3 — Barra. 4 — Arreata. 5 — Braga. Aba. 6 — Ar Al. 7 — Ras. Boato 8 — Suborno. 9 — Litro. 10 — Rã. Caiena. 11 — Olhas. Sós.

VERTICAIS: 1 — Cai Bar. Pró. 2 — Ad. Arras. Al. 3 — Sobra. Sul. 4 — Carga. Bica. 5 — Aérea. Botas. 6 — Pira. Sorri. 7 — Ata. Anões. 8 — Gó Abato Nó. 9 — Aço. Alo. Mas.

ELEIÇÕES

no Grémio do Comércio de Tomar

TOMAR, 27. — Efectuaram-se no Grémio do Comércio desta cidade, eleições para o ano decorrente, tendo sido designado para presidente da direcção o sr. Mário Maria Branco. Os restantes elementos da gerência transacta foram reeleitos.

Reformados bancários por invalidez

Por despacho ministerial foi determinado que se aplique o regime da Portaria n.º 18 4460, de 4 de Maio do ano findo, aos reformados por invalidez, ao abrigo do contrato colectivo de trabalho dos empregados bancários como antecipação á constituição da respectiva caixa sindical de previdência.

TAUROMAQUIA

Grupo Tauromáquico «Sector 1»

No próximo dia 29, pelas 21 e 30, o distinto aficionado sr. Jorge Rebelo fará, no Grupo Tauromáquico «Sector 1», na Rua 1.º de Dezembro, 85, 2.º, esq.º, uma conferência subordinada ao título: «Ernest Hemingwy e a festa de touros».

José Julio na Colômbia

BOGOTÁ, 27 — Na terceira corrida da Feira de Manizales, o matador de touros português José Julio, depois de excelente actuação no tercio de bandarilhas, fez, no seu primeiro touro, uma «faena» espectacular, que lhe valeu uma orelha. No segundo foi ovacionado, com petição de orelha.

Curro Giron deu três voltas, Paco Camino cortou orelhas, e o rojoneador Perez de Mendoza foi aplaudido na lide de um touro de Félix Rodriguez.

Os seis touros para a lide a pé foram de Domeq. — (A. N. I.)

O Museu da Guarda foi integrado na Junta Distrital

GUARDA, 27. — O município local resolveu ceder á Junta Distrital da Guarda, todos os bens imobiliários que constituem o seu Museu, mas condicionando a transferência da posse ás seguintes disposições: restituição aos seus proprietários, se eles o exigirem, dos objectos de arte, que lhes pertencem e estão, por empréstimo, no referido museu; reverter para a Camara todos os bens existentes e a adquirir para valorização daquele instituto cultural, no caso de se verificar a extinção da junta.

VIDA MUSICAL

Curso de composição de musica contemporânea

Na próxima terça-feira, ás 21 e 30 inicia-se, na Academia dos Amadores de Musica, o anunciado Curso de Composição de Musica Contemporanea, que é subsidiado pela Fundação Gulbenkian e dirigido pelos compositores Louis Saguer e Jorge Peixinho.

O curso, inteiramente gratuito, funcionará na sede da Academia dos Amadores de Musica até ao próximo mês de Junho.

Cursos de regência e prática de canto coral

A Fundação Gulbenkian, sempre atenta aos problemas musicais que necessitem de um especial carinho, deliberou manter este ano um curso para regentes de coros e para alunos de canto em coro.

Para o efeito desloca-se de novo ao nosso País o padre Pierre Kaelin, mestre de capela na Catedral de São Nicolau, em Fribourg, Suíça.

Este curso realizar-se-á durante as três primeiras semanas de Julho de 1962. Haverá aulas destinadas á formação de um máximo de 10 a 15 regentes de coros, e outros destinados á prática do canto coral admitindo-se um numero limitado de alunos-cantores.

Após este curso realizar-se-ão outros cursos complementares dirigidos por professores portugueses para o efeito indicados pelo padre Kaelin.

Os interessados nesta iniciativa devem dirigir-se urgentemente ao Serviço de Musica da Fundação Gulbenkian que lhes prestará todos os esclarecimentos necessários.

A inscrição é gratuita e estará aberta de 1 a 15 de Fevereiro.

Importantes nomeações civis e militares foram feitas pelo Governo espanhol

MADRID, 27. — O conselho de ministros de Espanha, reunido, ontem, sob a presidência do general Franco foi assinalado por importantes nomeações, tanto civis como militares. Ainda que nenhuma destas nomeações afecte o elenco governamental é, muito provável que este seja modificado, diz-se nos círculos políticos da capital espanhola.

Laureano Lopez Rodo, professor da universidade de Madrid e membro eminente do «Opus Dei», foi nomeado comissário do plano de desenvolvimento económico que acaba de ser criado. O professor Lopez Rodo mantém estreitas relações pessoais com os dirigentes do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e de grandes bancos americanos, assim como com os principais conselheiros económicos da Casa Branca.

O professor Lopez Rodo é substituido no cargo de secretário técnico da presidência do conselho por J. M. Hernandez Sampelayo.

Gregório Maranon Moya, monárquico, filho do ilustre médico e escritor, recentemente falecido, foi nomeado director do Instituto de Cultura Hispanica, posto até agora ocupado por Blas Pinas, cuja demissão foi aceite depois de ter publicado violento artigo pondo em causa a política americana.—(F.P.).

KRUCHTCHEV E A POLÍTICA da China Continental

LONDRES, 27. — Uma mensagem publicada hoje no «Daily Mail» afirma que Nikita Kruchtchev está preparado para fazer a «primeira denuncia publica» da política chinesa.

O correspondente em Moscovo deste jornal conservador acrescenta: «Julga-se que Kruchtchev perdeu a paciência com a disputa soviético-chinesa atrás dos bastidores e prepara-se para a trazer á luz do dia». — (R.).

MARÍTIMO PORTUGUÊS ferido a tiro na Holanda

BEVERWIJK (Holanda), 27. — Dois marinheiros, um português e outro norueguês, foram feridos a tiro por um companheiro, a bordo do navio «Hamina», utilizado no transporte de madeira.

A Policia apurou que o português se chama Lima, tem 31 anos e é natural do Mindelo.

O incidente registou-se durante uma discussão entre um marinheiro norueguês e um outro das Antilhas Holandesas, que puxou de uma pistola e feriu o primeiro a tiro. Dirigindo-se, depois, á cabine onde o português dormia, o agressor disparou-lhe um tiro no abdomen e fugiu. Mais tarde, foi preso. — (R.).

O ADIAMENTO DO VOO ESPACIAL DO ASTRONAUTA NORTE-AMERICANO foi ordenado 18 minutos antes do lançamento

(Continuação da 1.ª página)

mais recentes notícias, é excelente, e muito acima da normal, mesmo entre membros da equipa dos astronautas «Mercury».

A longa «toilette» começou ás 4 e 13 (9 e 13 T. M. G.). Na verdade, o «spaceman» teve de enfiar um longo escafandro que pesa mais de 10 quilos e cuja cama interior de «nylon»-borracha fica cingida ao corpo.

Fixaram-se detectores electrónicos, mediante um dispositivo de sucção, a diversas partes do corpo de John Glenn. São estes instrumentos que, durante o voo espacial, proporcionarão aos médicos do centro de «controle» Mercury, em Cape Canaveral, diversas indicações da mais alta importancia, como sejam as pulsações, o ritmo respiratório e a temperatura do cosmonauta. A seguir, o escafandro de Glenn foi submetido a ensaios de pressão nítidamente superior á que suportará tanto acima da atmosfera como nas fases de aceleração na descolagem e de travagem brutal quando do regresso ás primeiras camadas de ar que envolvem a Terra.

Às 4 e 46 locais, o futuro cosmonauta entrou para o grande camião branco que, quatro minutos mais tarde, o levou até á torre de lançamento n.º 1, ao pé do fulgurante foguetão «Atlas» encimado pela cápsula «Mercury» cinzento-esverdeado para a qual subiu no elevador da enorme torre de lançamento, toda feita de vigas de aço escarlate e cuja altura corresponde á de um edifício de 20 andares.

O coronel Glenn, foi amarrado no fundo da cápsula espacial. O seu moral é excelente e respira com facilidade. As condições continuavam a ser favoráveis para o lançamento. Quanto ao lugar previsto para amaragem, porém, notícias recebidas pela N. A. S. A. assinalavam a existência de uma forte ventania. Esse local de amaragem é, como se sabe, ao largo das Bermudas.

Entretanto, principiara, ás primeiras horas de hoje, a contagem final para o lançamento do veículo espacial.

A N. A. S. A. deu a saber ás 8 e 25 (13 e 25 T. M. G.) que houve uma paragem da contagem inversa, com origem em afinações menores nos diversos orgãos do foguetão e da sua cápsula.

Enquanto se efectuava a operação, porém, o tempo piorou. Espessas nuvens tapam por completo o Sol, e o tempo, nas imediações da zona de lançamento, é pior do que nunca nos ultimos oito dias.

O coronel Powers — secretário de Imprensa do astronauta — anunciou depois que a contagem para o lançamento recomeçara e que faltavam 41 minutos para o lançamento. Quase imediatamente a seguir, porém, foi anunciada nova suspensão na contagem, a 40 minutos do lançamento.

Os motivos da nova suspensão, segundo o coronel Powers, foram um erro no abastecimento de energia eléctrica, o qual estava a ser remediado.

Entretanto, a torre do lançamento do «Atlas-Mercury» fora já afastada uma centena de metros do foguetão, na ponta do qual John Glenn se encontrava a bordo da cabina «Amizade-7».

Uma falta de corrente, que durou alguns minutos, e que afectou toda a região de Cape Canaveral, causou uma ultima paragem na contagem para traz, antes das nove horas da manhã.

O equipamento electrónico do «Atlas-Mercury», ligado no circuito em questão, retomou o funcionamento logo que terminou a avaria.

A contagem voltara a recomeçar quando foi suspensa, definitivamente, faltavam 29 minutos para o lançamento. Se tudo tivesse corrido bem, a experiência teria sido tentada ás 9 e 30 (14 e 30 T. M. G.)

O adiamento verificou-se apos uma enervante espera de quase quatro horas para Glenn, metido na pequena cápsula.

São os seguintes os termos da comunicação que anuncia o adiamento: «Uma tentativa para lançar uma nave espacial tripulada do Projecto Mercurio em órbita foi adiada devido á grande nebulosidade na área do lançamento. O piloto, a astronauta J. H. Glenn, vai ser tirado do veículo, não se sabendo quando voltará a estar aprazado o voo».

O presidente Kennedy foi informado do adiamento momentos antes de ser feita a comunicação publica.

Glenn, que enviara uma mensagem ao Mundo por meio dos jornalistas, declarando «Digam-lhes que vou partir», antes de entrar na cápsula, desceu do seu lugar logo que foi tomada a decisão do adiamento. Este verificou-se — soube-se mais tarde — apenas 18 minutos antes do momento do lançamento, embora a contagem já estivesse atrasada uma hora e 40 minutos. — (F. P. e R.).

Não foi considerado o pedido da União Soviética para que o Conselho de Segurança examinasse o problema congolês

NOVA YORK, 27 — A tentativa russa para levar o Conselho de Segurança a reunir-se rápidamente para exame da questão congolesa foi hoje retardada pelos outros membros.

Por outro lado, diz-se que «sir» Patrick Dean contactou com o primeiro-ministro congolês, Cyrille Adoula, para lhe pedir a sua opinião acerca do pedido de convocação formulado pela União Soviética.

Ao pedir a convocação do Conselho, o embaixador russo, Zorine, alegara o facto de haver ainda «mercenários estrangeiros a combater na Katanga» e acusara «as potências coloniais» de «acordo tácito» para salvarem o presidente katanguês, Moisés Tschombé, e salvaguardarem os «monopólios estrangeiros» naquele território.

As esferas bem informadas, contudo, crêem que há razões para se pensar que a deposição do dirigente esquerdista Antoine Gizenga, na Província Oriental, constitui a verdadeira causa da ansiedade da Russia pela reabertura do debate congolês. O órgão oficial russo «Izvestia» afirmou que existe uma «conjura colonialista» para assassinar Gizenga, que se encontra agora sob detenção domiciliária, á guarda do Exército de Léopoldville — (A. N. I. e F. P).

TSCHOMBÉ DECIDIDO A ACABAR COM OS MERCENÁRIOS

ELISABETHVILLE, 27 — O Governo da Katanga revelou, hoje, ter pedido ás Nações Unidas um prazo de um mês para deter todos os indivíduos suspeitos de serem mercenários.

Um comunicado oficial publicado depois de um encontro entre o presidente Tschombé e José Rolz-Bennet, o novo representante da O. N. U. na Katanga, afirma que o Governo «está decididamente resolvido a pôr fim ao problema dos mercenários». — (R.).

Política brasileira

(Continuação da 1.ª página)

de Estado, colocando-se assim numa posição original, pois que tudo se passa como se não reconhecesse o Governo federal. — (F. P.).

UM TELEFONEMA MISTERIOSO ANUNCIOU A DESTRUIÇÃO DO PALÁCIO DO CONGRESSO

BRASILIA, 27 — Um alto funcionário da Camara Federal de Brasília recebeu um telefonema de um desconhecido intitulando-se porta-voz do «movimento anticomunista» (M. A. C.), que lhe anunciou que o edifício do Congresso Federal seria destruído por uma explosão no dia da abertura do Parlamento, 1 de Fevereiro próximo. O chefe da Polícia de Brasília reforçou a guarda do Palácio do Congresso. Em 1 de Fevereiro serão tomadas disposições de segurança excepcionais. Os partidários do «M. A. C.» escrevem nas paredes das grandes cidades brasileiras o «slogan»: «Já matou o seu comunista?». Atribui-se a este movimento a responsabilidade de um recente atentado terrorista contra a sede da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro. — (F. P.).

OS JOGOS DE HOJE do campeonato de reservas da A. F. L.

BENFICA—TORRIENSE

Jogo no Campo Grande. As equipas formaram:

BENFICA — Ramalho; Sidónio e Mário João; Fonseca, Saraiva e Pinto; Angeja, Calado, Torres, Amandio e Mendes.

TORRIENSE — Feliciano; Reinaldo e Telmo; Batalha, José da Costa e Carimbo; Aníbal, Cecílio, Camilo, Nuno e Portas.

Arbitro — António Carrola.

Só aos 30 minutos, a transformar um «livre», por intermédio de Mario João é que o Benfica conseguiu a compensação para o seu domínio.

Ao intervalo: 1-0 para o Benfica.

SPORTING—ALHANDRA

Jogo no Estádio «José Alvalade». Os grupos formaram:

SPORTING — Libanio; Oscar e Pedro Gomes; Ferreira Pinto II, Castro e David Julio; Romeu, Serranito, Pacoti, Oliveira Duarte e João Baptista.

ALHANDRA — Ribeiro; Vítor e Sousa; Artur, André e Melo; Antunes, Mega, Nunes Pinto, Inácio e Neves.

Arbitro — Rogério Crespo.

Embora os «leões» se mostrassem superiores, os alhandrenses replicaram muito bem. Aos 29 minutos, Melo, de grande penalidade, marcou para os visitantes e, aos 40 minutos, Carlos Manuel, que entrara a substituir Romeu, estabeleceu o empate (1-1) com que acabou a primeira parte.

BELENENSES—OLIVAIS

Jogo no Restelo. As equipas formaram:

BELENENSES — Nascimento; Assis e Narciso; João Pereira, Rodrigues e Cravo; Feijão, Peiroteo, Nato, Livinho e Estêvão.

S. L. OLIVAIS — Salgueiro; Mordido e Humberto; Guerreiro, Quintino e Eugénio; Oliveira I, Necas, Magalhães, Augusto e Albino.

Arbitro — Henrique Heitor.

A primeira parte foi de domínio dos «azuis», traduzido por dois golos da autoria de João Pereira aos 15 minutos, de grande penalidade, e aos 30. Ao intervalo, Belenenses, 2-Olivais, 0.

ATLÉTICO—ORIENTAL

Jogo na Tapadinha. As equipas alinharam:

ATLETICO — Bandola; Pais e Candeias (Pereira Correia); Cipriano, Vítor Lopes e Tomé; Diamantino P. Correia (Vasco Pelos), Pinho, Tourais e Pedro Silva.

ORIENTAL — Edmundo; Correia e Justino; Maia, Moreira e Cruz; Viegas, Poeira (Fausto), Carvalho, Guerreira e Honório.

Arbitro — Jaime de Azevedo.

Aos 15 minutos Poeira fez um golo para os visitantes, de grande penalidade; aos 22 minutos Pedro Silva desperdiçou um «penalty» (defendido por Edmundo) e cinco minutos depois Tourais estabeleceu a igualdade.

Ao intervalo, 1-1.

UM NEOZELANDÊS bateu o «record» da milha

WELLINGTON, 27 — Peter Snell, da Nova Zelandia, bateu o «record» da milha com o tempo de 3 m e 54,4 s.

Snell, campeão olímpico dos 800 metros, conseguiu reduzir em um décimo de segundo o «record» de 3 m e 54,5 s estabelecido pelo australiano Herb Elliott em Dublin, em Agosto de 1958. — (R.).

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **O major-general Ahmed Aani, responsável pelas operações no Irian Ocidental, declarou, hoje, que a Indonésia seria forçada a aumentar as compras de armas á U. R. S. S. se não pudesse comprá-las em outros países.**

● Hugh Gaitskell, chefe do Partido Trabalhista britanico, rejeitou, na noite passada, a idela de um pacto eleitoral com os liberais para expulsar do poder os conservadores.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Portugal continental: O vento era fraco de Noroeste e o céu estava muito nublado nas regiões ao sul do Tejo, e pouco nublado ou limpo a norte deste rio por acção duma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre o golfo da Gasconha.

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS: Porto, 8°; Portalegre, 11°; Coimbra, 11°; Lisboa, 8°; Faro, 11°; Funchal, 12°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — na atmosfera, 10°,6; na água do mar, 13°,8.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 14°,7; mínima, 8°,1. No mesmo dia do ano passado: máxima, 14°,6; mínima, 9°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — A norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela: Céu pouco nublado. Vento fraco de Nordeste. A sul deste sistema montanhoso: Céu muito nublado, temporáriamente pouco nublado. Vento fraco de Nordeste.

BEBA ÁGUA
das Caldas de Monchique
De mesa e gaseificada

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE COM ESPECIALIDADES REGIONAIS NO
Restaurante NEGRESCO
Confeccionado por um excelente cozinheiro contratado
ALMOÇOS, JANTARES á mesa redonda a preço fixo de 45$00
Serviço á carta com diversas especialidades, mariscos e frangos, a preços correntes de casas regionais.
Ar condicionado c/ agradável temperatura
Servem-se Banquetes e lanches de casamento em qualquer ponto do País.

ACABA DE APARECER
A ECONOMIA DOS DESCOBRIMENTOS HENRIQUINOS
por V. MAGALHÃES GODINHO
1 vol. br., XVI-248 pp., 5 mapas em extra-texto ● Esc. 60$00
Livraria SÁ DA COSTA, Editora
Rua Garrett, 100-102 — Lisboa 2

Diario de Lisbôa
21 DE JANEIRO DE 1962
NÚMERO 185
magazine

OFENSIVA DA DROGA

SEISCENTAS MIL VITIMAS EM CADA ANO NO MUNDO INTEIRO

Rara é a semana em que os jornais não publicam uma notícia, emanada de qualquer parte do Mundo, sobre a apreensão de contrabando de drogas, ou a descoberta de traficantes de estupefacientes. Na maior parte das vezes, essas descobertas levam as polícias a centros chiques e mundanos internacionais, onde é mais fácil vender bem o ópio, a cocaína ou a heroína.

Há tempos, a polícia francesa andou empenhada numa dessas investigações na Riviera e chegou á conclusão de que «uma vintena de pessoas, entre as quais artistas conhecidos, estavam inculpadas».

Este «fait divers» seria banal, até pela sua frequência, se não viesse revelar uma das piores «chagas» da Humanidade, tanto mais que faz todos os anos, cerca de 600 000 vítimas.

Opio, éter, hachiche, cocaina, morfina, heroina... e sem cessar aumenta a lista funesta das drogas.

Mas o ópio é, sem duvida, a droga actualmente mais expandida.

Foram os árabes os primeiros à usá-lo e acabaram por espalhá-lo por todo o Mundo. A eles se deve a sua introdução na Pérsia, na Indochina e, depois, na China e Japão. Os chineses, por seu lado, ensinaram o seu uso aos colonos europeus, que, por sua vez, lhes instilaram o vício do álcool.

O hachiche veio também do Oriente. Marco Polo fala dele e da forma como um velho buda da montanha o ministrava aos seus discípulos para lhes provocar um sonho de morte.

Em 1540, Valérius Cordiz faz um extracto do álcool, enquanto Hobenins, em 1736, o baptiza com o nome do «céu superior» — éter.

Muito antes de Jackson ter dado a conhecer, em experiências sobre si mesmo, os efeitos anestésicos do éter, a «droga gelada» encontrou em todo o mundo, sobretudo na Irlanda, os seus adoradores. Em Draperstown (pequena cidade irlandesa), em 1885, havia, em média, um adorador do éter por 23 habitantes. O hábito generalizou-se de tal forma que os «comerciantes» pagavam muito bem ás crianças que lhes levassem de casa frascos vazios. Em 1816, Séguin, químico do Exército, descobria a morfina, que começou a mostrar aos seus adeptos um paraíso artificial «mais belo do que os anteriores, mas também mais próximo do inferno».

Problema inquietante

O pior perigo dos estupefacientes reside no facto deles provocarem não só o hábito como um «estado de necessidade». Os que, por curiosidade ou para escapar ás realidades quotidianas da vida, recorrem á droga pagam caro as suas ilusões passageiras. Para satisfazer a sua paixão, consentem em todos os sacrifícios e acabam por cair numa completa degradação física e moral.

Diante da gravidade do problema e da expansão do uso de estupefacientes, muitos Estados aceitaram submeter-se a um controlo sobre a produção, exportação e consumo desses produtos.

Mas o problema complica-se pelo facto de que os estupefacientes são também utilizados na terapêutica e preciosos auxiliares da Medicina. Não pode, evidentemente, proibir-se completamente o fabrico e a circulação de substancias sem as quais não poderia passar a medicina moderna. E toda a dificuldade vem dos estupefacientes serem, ao mesmo tempo, a melhor e pior das coisas.

Por outro lado, o controlo perde-se contra os interesses de poderosos traficantes. Estes dispõem de meios muito variados e de protecções ocultas, sabendo utilizar os métodos mais modernos para o desenvolvimento da produção e venda. Actualmente, o tráfico de estupefacientes faz-se em escala gigantesca com uma recrudescência da sua divulgação. Empregam-se os processos de transporte mais diversos: automóvel, barco, avião, helicóptero, etc.

Muitos campos de aviação clandestinos têm sido descobertos nos Estados Unidos, México, Brasil, no Médio Oriente e até na Europa central. Em regiões quase inacessíveis da América têm-se en-

(Continua na 3.ª página)

A aventura extraordinária de Nansen (Prémio Nobel da Paz) que amava a solidão árctica

por ROBERT GLADWELL

A frase do historiador inglês Thomas Carlyle — «*Um homem deve ser corajoso: seguir em frente e portar-se como um homem*» — é uma excelente introdução á biografia de Fridtjof Nansen, dado que bem se pode afirmar que durante 68 anos (Nansen veio ao Mundo, nas proximidades de Oslo, em 1861 e morreu em Maio de 1930), a sua vida foi orientada dentro desse princípio. O próprio Nansen, em 1926, num discurso aos estudantes da Universidade de Santo André, citou esta outra frase de Carlyle: «*Para um homem, o primeiro de todos os deveres é saber qual o trabalho que deve desempenhar sobre a terra*».

Sessenta e quatro anos tinha Nansen quando proferiu esta frase — e logo aos vinte e seis, obedecendo á sua vocação de grandes espaços e de solidão, atravessava a Gronelandia utilizando «skis». Quando pediu sua mulher em casamento, a cantora Eva Sans, informou-a muito peremptóriamente que, um dia, iria ao Polo Norte. Em 1893, o seu navio polar, o «Fram», especialmente construído, tomou o caminho do Árctico — e sómente ao fim de três anos Nansen voltou á civilização. Anos mais tarde, após a I Grande Guerra, dedicou-se ás vítimas da fome e aos problemas dos refugiados. Foi um combate isolado, uma luta sem medo contra a indiferença, a hipocrisia e os preconceitos dos políticos.

Prémio Nobel da Paz

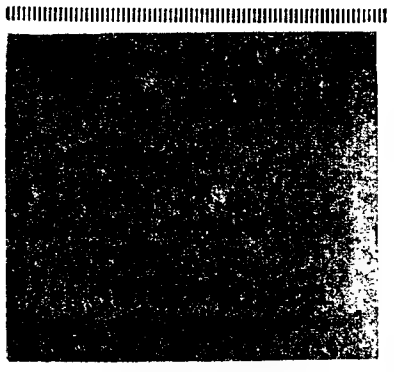
Fridtjof Nansen tem dois títulos de glória. O primeiro, consiste em haver sido um explorador do Árctico de um génio sem precedentes, uma vez que desprezou, quando da travessia da Gronelandia, a técnica tradicional, o que se repetiu na expedição do «Fram», ocorrida entre 1893 e 1896. («Fram» quer dizer «Avante»). O segundo, é ter recebido, em 1922, o Prémio Nobel da Paz.

De 1896 a 1914, Nansen consagrou-se á investigação científica — e, por ocasião da ruptura com a Suécia, o que significou a independência para a Noruega, foi embaixador deste país em Londres. Finda a I Guerra Mundial, consagrou-se a obras humanitárias e colocou-se á disposição da Sociedade das Nações. A primeira grande tarefa que logrou realizar foi repatriar um milhão de prisioneiros de guerra: sem descurar quaisquer problemas, e a despeito de todas as dificuldades, Nansen conseguiu asilo para todos. Milhares e milhares de homens e mulheres beneficiaram do «passaporte Nansen», o qual dava acesso á cidadania. Com uma obstinação muito sua, o explorador do Árctico ocupou-se nomeadamente das populações arménias, tão martirizadas nos massacres de 1915.

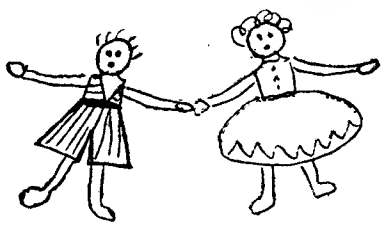
Oito anos depois da sua morte,

(Continua na página seguinte)

O encontro de Nansen e de Johansen com a expedição britânica de Jackson no Árctico



PARA OS MAIS PEQUENOS



Vá de roda, siga a roda!

PERGUNTAS:

1 — Quem és tu?
2 — Que idade tens?
3 — Onde moras?
4 — Em que classe andas?
5 — O que é que gostas mais de estudar?
6 — O que queres ser quando fores grande?
7 — Qual é a arte que mais gostas?
8 — Tens preferência por alguma ciência?
9 — Qual é a figura de cientista que mais admiras?
10 — Qual é a poesia de que mais gostas? (Nome da poesia e seu autor).
11 — Cita as três coisas que mais te agradam na vida?
12 — Cita as três coisas que mais te desagradam na vida.
13 — O que pensas da nossa secção «Para os mais pequenos»?
14 — Queres fazer o retrato da tia Maria Lucia?

*

RESPOSTAS:

1 — Eu sou o Frederico Jorge.
2 — Tenho dez anos.
3 — Eu moro em Lisboa.
4 — Ando na 4.ª classe.
5 — Eu gosto mais de estudar Geografia.
6 — Quando for crescido quero ser oficial da Marinha Mercante.
7 — As artes de que eu mais gosto é a Escultura e a Pintura.
8 — A ciência de que eu mais gosto é a astronomia.
9 — O cientista que eu mais admiro é Edison.
10 — Eu gosto mais do livro de poesias «A Borboleta Azul», de Lília da Fonseca.
11 — As coisas que mais me agradam na vida são o mar, o céu e a paz.
12 — A coisa que mais me sagrada na vida é a guerra.
13 — Eu penso que a nossa secção «Para os mais pequenos» é muito engraçada e bonita.
14 — A tia Maria Lucia:

*

1 — Eu sou o Luís Constantino.
2 — Tenho oito anos.
3 — Moro em Lisboa.
4 — Ando na 2.ª classe.
5 — O que eu mais gosto é de escrever.

Revolução na capoeira

— Bons dias, pequerruchas!
(Disse o galo ao acordar)
Passaram bem a noite?
— Passámos, sim, senhor.
— Não vieram as bruxas
Perturbar
Vosso tranquilo sono?
Falem verdade, por favor,
Para eu dizer ao dono.
— Não senhor, não senhor...
Está tudo de saude.
— Então posso cantar
E anunciar o Sol
Criador
Dos frutos e trigais?
Quiquiriqui!
Quiquiriqui!
Quiquiriqui!
Não posso mais!
Não posso mais!
Estou fraco! desde ontem,
Nada comi,
Nem vocês também.
E a criada
Acorda tarde, a descuidada,
E só pensa em si...
Quiquiriqui!
Quiquiriqui!

— Cante, cante, dizia uma ga-[linha.
Cante para a acordar
E que nos venha dar
A nossa comidinha.

E todas no quintal
De cabeça no ar,
Olhando a casa adormecida,
Iam dizendo mal da sua vida.

E os pintainhos:
— Pio, pio, pio!
Nunca tal se viu!
Não darem de comer
A's criancinhas,
Aos galos e galinhas
De amanhã!
Mamã, mamã, mamã!
Estamos tão fraquitos,
Nem podemos piar!
Que havemos de fazer?
— Calai-vos, pequenitos,
Paciência.
Temos todos de esperar
(Assim dizia
A mãe
Disfarçando também
A fome que sentia).

O Sol ia subindo
No céu todo azulado
Saudado
Pelo grito do zagal
Que subia, matinal,
A encosta da serra;
E pelos ribeirinhos
Prateados
Que vinham descuidados
Fertilizar a terra;
E a criada nada de aparecer
Com o comer
P'ra toda a criação.
Havia gritos pelo ar...
A paciência ia-se esgotando..
Falava-se em revolução
E na maneira de atacar
A porta da cozinha!
Eis senão quando,
Ao fundo do quintal,
Uma galinha,
Graciosa e mansa
Que viera de França
Para Portugal,
Ergueu a cabecinha
E disse triunfal:
— Voilà, voilà!
La bonne s'est levée.
Elle va être ici;
Le monde va manger.
Ne dites pas du mal,
Ne faites du bruit!

CRISTINA TORRES
(Fábulas)

6 — Quando for grande quero ser piloto.
7 — A arte de que mais gosto é de Desenho.
9 — A figura de cientista que mais admiro é a dos que fizeram os aviões.
10 — A poesia de que mais gosto é «O Lavrador», de Afonso Lopes Vieira.
11 — Do que eu mais gosto na vida é da mãe, do pai e do irmão
12 — As coisas que mais me sagradam na vida são as guerras os aviões que caem e os barcos que se afundam.
13 — Acho que a secção «Para os mais pequenos» é bem feita

*

1 — Eu sou a Lucinda Maria chamam-me Cindinha.
2 — Tenho 8 anos e 5 meses
3 — Moro em Odemira.
4 — Ando na 3.ª classe.
5 — O que mais gosto de estudar é Português.
6 — Quero ser professora do liceu
7 — A arte de que mais gosto é a Pintura.
9 — A figura de cientista que mais admiro é Egas Moniz.
10 — A poesia de que mais gosto é «A Vida», de João de Deus.
11 — Gosto de ler, de musica e de tomar banho no mar.
12 — Não gosto do frio, nem de pessoas más, nem de tristezas.
13 — Penso que a secção «Para os mais pequenos» é muito util.

*

1 — Eu sou a Maria da Graça.
2 — Tenho 9 anos e 7 meses.
3 — Moro em Lisboa.
4 — Ando na 4.ª classe.
5 — Eu gosto mais de estudar Gramática.
6 — Eu gostava de ser professora
7 — A arte de que eu mais gosto é o Teatro.
8 — Tenho preferência por Matemática.
10 — A poesia de que mais gosto é a do «Senhor Mar», de Matilde Rosa Araujo.
14 — A tia Maria Lucia:

Oiçam lá estas...

O freguês para o dono da loja:

— Qual é o preço do chá de Ceilão?

— 180$00 cada quilo.

— Dê-me cinco tostões dele.

— Então faça favor de o cheirar.

*

A professora:

— José, vou dar-te um problema para resolveres: supõe que o teu pai deve 150$00 ao carvoeiro, 100$00 ao padeiro, 145$00 ao leiteiro, e 1500$00 ao alfaiate. O que faz ele?

José pensa um momento e responde:

— Muda de bairro, senhora professora.

*

Zéquinha vê pela primeira vez uma centopeia e começa a gritar:

— Mãezinha, venha ver uma espinha a andar!

O homem que amava a solidão árctica

(Continuação da página anterior)

Michael Hansen, que através da Sociedade das Nações havia continuado a obra de Nansen, o que lhe valeu também o Prémio Nobel, declarava na sessão solene da entrega:

«*Por ocasião de uma visita a Alepo, recordo que os arménios me ofereceram um jantar de homenagem. Claro que me vi obrigado a fazer um discurso, e quando pronunciei o nome de Nansen todos os convivas se levantaram e guardaram silêncio durante um ou dois minutos. Findo o repasto, disse-me um arménio: «Nós acreditamos que Nansen esteja sentado á direita do senhor e que vela continuamente pelo povo arménio».*

Um outro povo que igualmente captou a atenção de Nansen foi o esquimó. Após a sua aventura na Gronelandia, o explorador escreveu:

«*Para o esquimó, o primeiro dos deveres sociais é a ajuda mutua. O esquimó não pode conceber que uns sejam ricos e outros nada tenham. Continuamente arrisca a sua vida e sofre privações, mas é feliz e vive. E é este o povo que nós, europeus, julgamos susceptível de desprezo!*»

«*A nossa missão na Gronelandia foi levar a civilização aos indígenas. Na realidade, porém, o que fizemos? As nossas pretendidas reformas deram em resultado desencorajar uma população que vivia feliz, arruinando a sua saude e destruindo a sua independência e liberdade*».

A Gronelândia atravessada em «skys»

Quando Nansen declarou que tencionava atravessar a Gronelandia de «skys», deparou, nos meios informados, com desprezo e desdem. Um explorador dinamarquês afirmou que o método que Nansen tencionava utilizar (abandonar o navio e, como um urso, saltar de banco de gelo em banco de gelo) era de uma temeridade tão louca que não merecia ser tomada em consideração.

(...) Em Maio de 1888, Nansen e a sua pequena equipa fizeram-se ao mar em direcção á Islandia. Utilizaram um barco preparado para a caça das focas, «Le Jason», o qual, através do estreito da Dinamarca, os levou até á costa Oeste da Gronelandia, não vez sobre o gelo, Nansen gastou dois meses para alcançar o ponto mais elevado — 3 mil metros — lutando de pé contra o vento.

Nansen, que se destinava á costa Oeste da Gronelanda, não tinha a noção da distancia que lhe faltava percorrer. Sómente em 17 de Setembro de 1888, dois meses depois de ter abandonado «Le Jason», é que o gelo deixou de inteiriçar a lona da tenda. De repente, escutaram um chilreio... Atiraram-se para fora da tenda e avistaram um verdelhão das neves. Depois — outro. Nansen emocionou-se: «*Abençoámos esses dois verdelhões: um saudava-nos do lado Este, o outro dava-nos as boas-vindas em relação á costa Oeste*».

Em 9 de Novembro de 1888 foi noticiada na Europa a gloriosa travessia da Gronelandia. Nenhum navio, porém, ousou arriscar-se tão longe e trazer os membros da expedição para o mundo civilizado. Nansen e os companheiros passaram lá o Inverno — e em 30 de Maio de 1889 atingiram, finalmente, o «fiord» de Oslo. O sol brilhava, era um dia magnifico. Centenas de barcos foram ao seu encontro e uma multidão delirante aglomerou-se no cais. Nansen havia conquistado a celebridade mundial.

Viagem ao Pólo

De regresso á Noruega, Nansen retomou as funções de conservador do Museu Zoológico de Bergen — e, proferindo conferências, viajou através de toda a Europa. Havia um sonho, porém, a realizar: a travessia do Pólo Norte. Para a realizar, o audacioso norueguês mandou construir o «Fram» — navio em forma de escuna, equipado com máquinas, de 400 toneladas, 40 metros de comprimento e 11 de largura. Espessura do casco: 60 centímetros.

Em Novembro de 1892, Nansen deslocou-se a Londres e submeteu á consideração da Sociedade Real de Geografia o seu audacioso projecto. Quase todos os membros da Sociedade o escutaram com cepticismo e alguma inquietação. Na opinião do presidente, tratava-se do projecto mais audacioso que ainda ali havia sido exposto.

Um trecho das memórias da filha de Nansen: «*Quatro anos mais tarde, meu pai voltava a Londres, desta feita para dar conta da expedição do «Fram». Entre os milhares de pessoas que se agiomeravam em Albert Hall, encontravam-se as que haviam assistido á reunião de Novembro de 1892. Toda a gente se ergueu quando meu pai entrou — e a orquestra atacou o hino de Haendel á vitória dos Macabeus*». Nansen afirmou que nunca na sua vida se havia sentido tão orgulhoso. E, todavia, mofava da glória. Atormentava-o a sede de conhecer, de desvendar... Antes dele, quantos não haviam tentado desvendar os segredos do Oceano Árctico, lá perdendo a vida. É que tinham agido contra as forças da Natureza, e não com elas — e esse era o ponto decisivo. Nansen utilizara as correntes marítimas, acompanhara a Natureza — e vencera.

O «Fram» partiu de Oslo em Junho de 1893, com uma equipagem de treze homens e trinta trenós. Por Setembro, o barco chegou a Chelionskine, no extremo Norte da Sibéria. O gelo tinha 9 metros de espessura — e, subitamente, esse mesmo gelo apertou o barco, fazendo-o estalar e tremer. Depois, escapando ao terrível amplexo, elevou-se e ficou inteiro sobre a superfície gelada... Durante um ano, o «Fram», muito lentamente, derivou para o Norte. As correntes, depois, principiaram a arrastá-lo para Oeste, pelo que Nansen, então, o abandonou.

Palavras de Nansen: «*Com Johansen por unico companheiro, vinte e oito cães, três trenós, uma tenda, sacos de dormir, instrumentos científicos e provisões — abandonei o «Fram» e parti através do gelo. Em Abril de 1895, Johansen e eu encontravamo-nos a 320 quilómetros do Pólo, distancia que nenhum explorador ainda havia logrado. O termómetro marcava 40 graus abaixo de gelo, o nosso vestuário inteiriçava-o o gelo, os cães prostravam-se de cansaço. Resolvi retroceder e renunciar a atingir o Pólo*».

A morte ameaçou várias vezes Nansen e Johansen. Um dia, foram atcados por um urso polar; uma outra vez quando os dois homens se encontravam no cimo de um «iceberg», as suas canoas foram na corrente... Nansen mergulhou na água gelada e deteve-as. Finalmente, para passarem o Inverno, ambos construiram uma gruta utilizando as defesas de uma morca.

Chegaram á Noruega três anos após a partida do «Fram». Este, entretanto, sempre seguindo a corrente, havia contornado o Pólo — e surgiu em Oslo uma semana depois da chegada do explorador. Êxito!

Descoberta científica

A expedição proporcionou uma descoberta inesperada no oceano polar, geográficamente muito importante: a profundidade árctica, com a sua cobertura de gelo e as suas temperaturas extraordinárias. Nansen, mais do que nunca, consegrou-se aos problemas físicos da oceanografia, uma ciência que se desenvolveu rápidamente no fim do ultimo século, e que, então, sofreu um grande impulso.

Durante a lenta viagem do «Fram» sobre o gelo, Nansen notou que este se deslocava sempre na direcção oposta á do vento, o que o levou a concluir que tal se devia á rotação da Terra. Ampliando as suas observações, Nansen concretizou-as criando a teoria segundo a qual as correntes marítimas se devem, não sómente á acção do vento, como também á rotação do Globo.

Nansen projectava comemorar o seu 69.º aniversário com um voo sobre o Pólo, para o que utilizaria um «Graf Zeppelin». Um ano antes, contudo, a morte surpreendeu-o. Foi sepultado no mês de Maio, dia 17, data da Constituição norueguesa — aniversário celebrado a bordo do «Fram», quando Nansen e Johansen caminhavam na planície árctica...

AS TRADIÇÕES DO CARNAVAL perduram em festejos espectaculares *nas velhas cidades alemãs*

Antecedendo o «mortificador rigorismo» da Quaresma, com as inibições nas quais se incluem contritas meditações, os jejuns e outras penitências expiatórias, o Carnaval é o período das folias desvairadas em que se alivia o freio do condicionamento aos convencionalismos sociais na tolerancia de tudo aquilo que anda recalcado e então se expande pelo escape do grande bródio, da pandega galhofeira, dos ousios zombeteiros, das frenéticas manifestações de instintivo primarismo, sob hilariantes disfarces, até os mais estapafurdios e grotescos.

As origens do Carnaval, que vêm de tempos longínquos, apontam-nas eruditos e historiadores em largos estudos e obras de divulgação. Segundo essas fontes elucidativas, «provém directamente das Saturnais romanas, mas, de um modo mais geral, encontram-se vestígios destas festas, que tiveram primitivamente carácter religioso, em todos os povos desde a mais remota antiguidade. Celebrava-se com elas a entrada do ano, para que este fosse favorável, ou a da Primavera, que simbolizava o renascer da natureza. O Carnaval, entre os Gregos, era consagrado a Dionísos; em Roma, á divindade egípcia, Isis; entre os Teutões, á deusa Nertha ou Herta, a «Terra-Mãe».

«As máscaras do Carnaval também têm, na sua origem, carácter religioso-espiritual, isto é, o culto dos mortos. Nas festas de Baco e de Saturno, que se celebravam no dia do ano novo, invocavam-se as «larvas», os maus espíritos (os mortos), julgando-se que se conseguia a sua reconciliação, antropomorfizando-os. Os que os personificavam vestiam-se de branco (de morto), tapando o rosto com uma máscara. Ainda hoje se usam nalguns povos estes costumes supersticiosos, que têm a sua origem no Carnaval. Acendem-se grandes fogueiras onde se queima um boneco, uma cruz ou um gato vivo, que simbolizam um bruxo ou espírito maléfico. E' crença popular muito generalizada que o fogo e o fumo têm a virtude de purificar os campos e livrar os homens da influência dos maus espíritos. Nos países ocidentais da Europa é costume acabar os festejos entrudescos com o «enterro do Carnaval», cerimónia a que se chamava na antiga Veneza o «enterro de Baco».

«Hoje, o Carnaval é uma série de festas de regozijo publico, as quais se celebram nos dias que precedem a Quarta-feira de Cinzas, princípio dos jejuns quaresmais. O Dia de Carnaval é o domingo da Quinquagésima, mas juntam-se-lhe as segunda e terça-feira seguintes. Em muitos sítios, o Carnaval começa no Dia de Reis, 6 de Janeiro, e acaba na terça-feira de Quinquagésima. Com relação ao Carnaval, dá-se o nome de «gordo» a certos dias da semana da Sexagésima, domingo, terça, quinta e sexta-feira».

Através dos tempos, o Carnaval foi-se modificando, consoante a índole e as características dos vários povos que aproveitavam a quadra para darem largas aos instintos represados, ás paixões reprimidas, ás aspirações recalcadas, caindo na licença e chegando até ás violentas manifestações que redundavam em sangrentos motins. Tornou-se hediondo, brigão, andrajoso e tristonho, para morrer aos poucos onde teimou em permanecer como expressão de todas as inferioridades humanas revestidas de chocarreiros disfarces e fantasiadas ao sabor da boçalidade primária. Hoje, nalgumas cidades modernas e grandes centros cosmopolitas ou nas zonas do turismo opulento o Carnaval tem uma feição artística de efeito espectacular onde o simbolismo das tradições se doira de coloridas e cintilantes fantasias.

Delirantes folguedos

A sugestão das velhas tradições predomina, contudo, na festiva e alegre rememoração do Carnaval nos países imbuidos do espírito característico das comemorações originais, embora com a mesma feição de um modernismo e desprendida das preocupações ticamente decorativo.

Assim, na Alemanha, onde nalgumas grandes cidades culmina em apoteoses fantasmagóricas, a folia carnavalesca começa, segundo a antiga tradição, no Dia de Reis, que marca o início dos folguedos populares, com luzidos bailes e alegres e rumorosas manifestações de alegria colectiva. E durante semanas consecutivas sucedem-se as festas e os desfiles de sugestivos cortejos que empolgam velhos e novos, impelidos pela entusiástica e alegre animação cheia de optimismo e desprendia das preocupações quotidianas.

Em muitas cidades germanicas elegem os Reis do Carnaval, ou onde as festas têm menos grandeza e imponência, os Príncipes e as «Faíscas» (Funkenmariechen), que se exibem com sua guarda de honra em reluzentes e fantásticos uniformes nos vistosos cortejos e nos lugares das estonteantes diversões. E, nalgumas cidades da Renania, o esplendoroso e aliciante Carnaval, exerce tal fascínio sobre a multidão «que muitos preferem empenhar até a própria cama a renunciar á comparticipação nos festejos».

Esse delirante e colectivo entusiasmo culmina, porém, nos bailes, onde o espírito de competição estimula as imaginações ás mais singulares fantasias na burladora e excêntrica mascarada, que Christa Abel assim descreve com toda a sugestão da realidade de perturbadoras seduções:

«Um pirata com uma venda vermelha a tapar a vista esquerda persegue decididamente uma fada delicada, enquanto um régulo africano, cor de café, ajuda um «floco de neve», todo em tule branco, a descer do banco junto do «bar». Mas, em vez de se derreter ao calor da sala e da paixão abrasadora do cavalheiro das regiões tropicais, este «floco de neve» dança aos ritmos do «jazz» com tal entusiasmo que o régulo corre o perigo de perder a sua coroa de penas. Semelhantes a bombons gigantescos, lampadas envolvidas em papéis multicores iluminam o burburinho cintilante da sala. Decorações impressivas, grinaldas de papel, balões de todas as cores e centenas de mascarados criam um ambiente mágico. Ninguém pensa sequer em que o «Nababo», com o seu turbante cravejado de diamantes vende, normalmente, pãesinhos na sua padaria, que o cavalheiro elegante, de monóculo, não passa de um simples estudante, assim como não se descobre no presidiário esfarrapado, com o numero trinta e sete nas costas e o resto de uma cadeia de ferro á volta do braço, o conceituado comerciante, nem o olhar sedutor que dardeja sob as pestanas de prata trai a secretária recatada e exemplar que, por uma noite, se transformou em encantadora sereia.

O príncipe e as «faíscas» são as figuras de maior relevo nas festas carnavalescas alemãs. Aqui vemos um príncipe e uma «Faísca» que até manda faíscas

«A esta fantasmagórica transfiguração deu-se o nome de Carnaval na Renania e de Entrudo no Sudoeste, enquanto no Sul se adoptou a designação intraduzível de «Fasching».

O espírito humorístico da multidão

Na Renania não pode haver festejos carnavalescos sem um elemento essencial á sua característica própria de regozijante e comunicativa galhofa em ondas de gargalhada — os discursos humorísticos comentando acontecimentos políticos e do mundo cultural e factos mais salientes da vida social, durante o ano.

Há ainda o aspecto culminante dos espectaculares e ruidosos folguedos, que marca o apogéu do delirante Carnaval, quando desfilam, na **Segunda-feira de Rosas,** os pitorescos e fulgurantes cortejos, organizados á compita, não se poupando dinheiro nem esforços e tratos de imaginação para apresentar cada carro mais original e artísticamente ornamentado. Com os Reis, Príncipes e as «Faíscas», neles se exibem, para gáudio da multidão, tornadas alvo do humorismo e das chuspas populares, ridicularizadas em expressões de irresistível comicidade, figuras proeminentes de todos conhecidas, numa hilariante mascarada a que se juntam bandas de musica, as impagáveis sociedades carnavalescas e os caricaturais «cabeçudos», gigantescos, com cabeças de mais de dois metros de diametro. São bizarras figuras imitando personagens afamadas ou de inconcebível conformação, pois correspondem ás que nas aldeias ainda representam e parodeiam os espíritos malignos á volta do Carnaval antigo. Fecha o cortejo, acompanhado por milhares de pessoas em estrepitosa paródia, o carro com o Rei, em evocadora personificação do deus Momo, que vai brandindo o ceptro e atirando flores e guloseimas.

Na Quarta-feira de Cinzas acaba o grande bródio, seguindo-se «um breve período de meditação, de abstenção e de renuncia aos prazeres da existência» que, este ano, será antecipado nesses grandes centros alemães dos tradicionais festejos carnavalescos, por motivo da situação em Berlim. Reinará, porém, a mesma esfuziante e desprendida alegria noutros lugares onde o Carnaval se sobrepõe a melancólicas preocupações — como na eterna mascarada da vida andam a par tristezas e acontecimentos.

Ofensiva da droga

(Continuação da 1.ª página)

contrado vastas plantações clandestinas da papoila do ópio. Foi preciso mobilizar importantes forças aéreas e terrestres para destruir 600 plantações ilícitas, durante estes ultimos cinco anos, no continente americano.

Arma de destruição

A engenhosidade dos traficantes não tem limites: passa-se a droga nos objectos mais inverosímeis, desde uma pasta dos dentes ou estatueta, ao estômago de um camelo ou pneu de automóvel...

As drogas não constituem apenas um perigo para alguns indivíduos — podem pôr em perigo a existência de todo um povo.

Há pouco, o director da divisão de estupefacientes de Lake Sucess. Steinig, fez a seguinte revelação: Os estupefacientes foram uma das maiores armas de destruição usadas pelos japoneses durante a guerra. Igual uso fizeram deles os alemães de Hitler, e, mais recentemente, tiveram papel importante na guerra da Indochina e na Coreia».

As autoridades americanas descobriram em Monkden uma fábrica que produzia 50 000 quilos de heroina por ano. A heroina é um derivado do ópio, considerada como um dos tóxicos mais perigosos. As necessidades do mundo inteiro em heroina são apenas de 1500 quilos por ano... Aquela quantidade (50 000 quilos) é suficiente para matar 200 milhões de pessoas.

Actualmente, produzem-se em todo o mundo mais de 400 000 quilos de ópio, quando as necessidades terapêuticas não vão além de 30 000. Numeros com semelhante significado se registam nas restantes drogas.

Entretanto, a polícia internacional está a dar luta a uma nova «ofensiva da droga», que inumeros grupos de traficantes lançam em todo o mundo. Descobriu-se já que muitas destas organizações são financiadas por entidades económicas de grande importancia e influência, o que torna mais difícil o combate á «venda das ilusões».

Os «cabeçudos» já não incutem medo a ninguém. São figuras bastante humanizadas

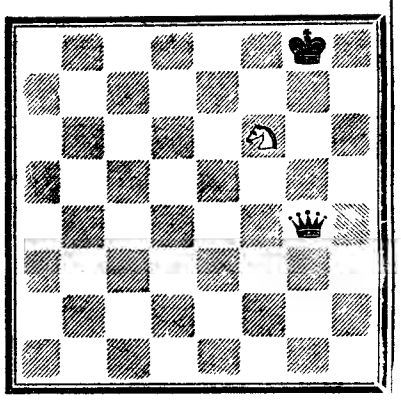
A forquilha do Cavalo

Voltamos hoje a abordar um tema particularmente excitante do xadrez — o **mate.**

Conhecemos já as bases das operações de mate simples. Vamos estudar agora algumas combinações em que actuarão **em equipa** dois Cavalos, dois Bispos e duas Torres. Antes, porém, ocupar-nos-emos da **forquilha do Cavalo.**

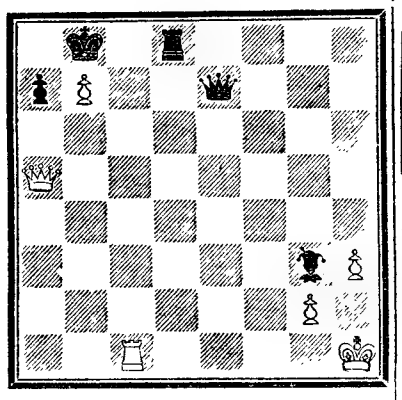
Não constitui novidade para os nossos amáveis leitores o facto de o Cavalo possuir uma característica unica, exclusivamente sua: a de poder atacar qualquer outra peça sem que esta o ataque simultaneamente a ele. Talvez não tenham reparado ainda, porém, na força extraordinária que lhe confere essa qualidade quando empregada ao mesmo tempo contra duas ou mais peças. É isto que designamos a **forquilha do Cavalo.**

O diagrama que a seguir publicamos ilustra a forquilha do Cavalo na sua forma mais elementar:



É evidente que uma tal posição só pode resultar de um erro grosseiro das negras. Mas... quem poderá afirmar que nunca foi vítima de uma **forquilha do Cavalo** em condições idênticas ás da posição do diagrama, no decorrer de uma partida?

Observámos, quando tratámos do **Peão Coroado,** um final de partida muito curioso em que o Peão era trocado por um simples Cavalo, cuja pérfida **forquilha** dava xeque ao mesmo tempo que capturava a Dama, garantindo assim a vitória. Não será ocioso repetir a demonstração:



A partir da posição reproduzida no diagrama, a partida continuou:

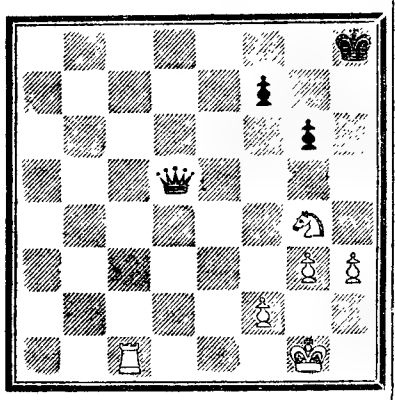
1. **T ç8+, T×T;**

se 1. ..., **R×b7,** então seguir-se-ia 2. **T×T** e as negras perderiam uma peça capital.

2. **D×a7, R×D;**
3. **b7×T=C+!**

o Cavalo captura a Dama e as brancas ganham a partida fácilmente.

No exemplo a seguir podemos observar como é mortal a **forquilha do Cavalo** quando aplicada por um jogador hábil:



Nesta posição, as negras possuem vantagem material e não se descobre fácilmente a forma de as brancas conseguirem, ao menos, a nulidade. Um jogador atento, porém, encontrará a maneira de desferir o terrível golpe de **forquilha do Cavalo:**

1. **T ç8+, R g7;**
2. **T g8+, R×T;**
3. **C f6+**

e as brancas, capturando a Dama inimiga, ganham sem dificuldade.

Os dois exemplos de que nos servimos para ilustrar o poder destruidor da **forquilha do Cavalo** não apresentam, contudo, grande complexidade. Jogadores hábeis empregam as subtilezas mais singulares e imprevisíveis que imaginar se podem para desferirem golpe tão mortal. Deverá, por isso, aplicar-se a máxima atenção para não sermos surpreendidos pela terrível catástrofe que representa sempre uma **forquilha do Cavalo.**

EM 450 ANOS A FRANÇA
PARTICIPOU EM 278 GUERRAS

E' a guerra aquele monstro... como disse o padre António Vieira. Mas, paradoxalmente, poucos parecem preocupar-se com os horrores que transporta, as mortes que provoca, os prejuizos que causa, as ruinas que deixa.

Está por fazer a história das guerras, independentemente de quem as vence; das guerras autênticas, com suas crueldades, chacinas e fomes. E' hoje impossível imaginar o mundo, se as guerras não tivessem lançado as tribos, as nações e as raças umas contra as outras. Seria, com certeza, muito diferente.

Para termos uma ideia do que tem sido o flagelo das guerras no mundo tomemos a França para exemplo: em 450 anos, de Luís XI aos nossos dias, a França participou em 278 guerras, que fizeram 700 milhões de vitimas, dezasseis vezes a população actual do país?

Nas três grandes guerras, de 1870, 1914 e 1939, a França perdeu mais de mil biliões de francos novos, um valor comparável ao do próprio país, incluindo as terras, as florestas, as casas, as fábricas e os seus tesouros artísticos. Qualquer coisa de terrível e quase inacreditável.

Apesar disso, apesar destas destruições e destes massacres, a França enriqueceu-se e progrediu. O poder de compra dos franceses triplicou durante estes ultimos anos. O numero de comunicações telefónicas em França, era de 21 milhões, em 1892, o que já não era mau para a época. Mas em 1960 era de 3 biliões e meio.

O que seria, porém, a França, se essas guerras tivessem sido evitadas? Como seria hoje o mundo?

Carneiro *(De 21 de Março a 20 de Abril)*

O aspecto planetário é favorável ás relações sociais. O influxo benéfico servirá as actividades profissionais. Boa combatividade e coordenação intelectual. Vida sentimental: instinto e necessidade de criar novas relações, de exercer o poder, de fazer valer a sua personalidade. Saúde: tendência para exagerar as doenças; cuide mais do regime alimentar. Dias desfavoráveis: 30, 31 e 2.

Touro *(De 21 de Abril a 21 de Maio)*

E' possível que tenha de suportar a indiferença de alguns amigos em acontecimentos imprevistos. A aquisição de bens, a prosperidade, provocam a inveja, ódios e traições de perto e de longe. Vida sentimental: conflitos devidos a imprudências. Ambição demasiada de elevação social. Necessita vencer muitos obstáculos para realizar os seus projectos. Saúde: doenças crónicas dos rins; anomalias sexuais; depressão psíquica. Dias desfavoráveis: 28 e 30.

Gémeos *(De 22 de Maio a 21 de Junho)*

A entrada de Marte na casa dos amigos vai provocar conflitos, discussões com as amizades e relações sociais. É possível que os projectos ultrapassem as possibilidades de realização. A pretensão de se impor a terceiros pode causar-lhe vexames e separação de associados. Vida sentimental: mau aspecto para assumir novas responsabilidades; demoras e atrasos no casamento. Espírito angustiado, mas deve reagir contra o pessimismo. Os aspectos e influxos são transitórios. Saúde: imaginação estimulada, inspiração. Combata a obstinação, o egoísmo. Dias desfavoráveis: 30 e 2.

Caranguejo *(De 22 de Junho a 23 de Julho)*

A entrada da Lua, que rege este signo, na casa oposta, nos dias 2 e 3, determina grande instabilidade de sentimentos no domínio das associações; apesar da vontade de servir a vida em comum, deve reprimir a tendência para usar do despotismo, tanto na vida familiar como na vida publica. A inteligência interessa-se pelos problemas concernentes á morte; deve aprofundá-los. Saúde boa. Capacidade para conseguir os objectivos. Combatividade razoável. Dias. desfavoráveis: 30 e 2.

Leão *(De 24 de Julho a 23 de Agosto)*

O espírito combativo e independente dar-lhe-á, neste período, a tendência para a aposição, para a revolta. Terá de pôr um freio no carácter explosivo e fazer um esforço de autodomínio, se quiser levar a bom caminho os interesses pessoais. Vida sentimental: atracção de simpatias, mas entraves á sexualidade e perda de reputação. Saúde: cuida da hipertensão arterial; irritabilidade de nervos; inclinação para a violência sexual. Dias desfavoráveis: 30 e 31.

Virgem *(De 24 de Agosto a 23 de Setembro)*

Mercúrio, que rege este signo, exalta todas as qualidades intelectuais. Facilita a marcha dos negócios e contratos, alianças e tratados políticos. Devem aproveitar este período, que favorece todas as actividades e aumenta a capacidade de trabalho. Vida sentimental: complicações femininas de concepção, desarranjos de gravidez. Saúde: resfriamentos a recear. Má higiene alimentar. Dias desfavoráveis: 30 e 31.

Balança *(De 24 de Setembro a 23 de Outubro)*

A benevolência dos aspectos planetários pode influenciar as protecções e apoios, que serão de grande utilidade nas relações sociais e podem contribuir para a sua elevação. Sentimentos profundos de responsabilidade; entusiasmo e perseverança nos empreendimentos. Indiferença pelos próprios interesses. Aconselha-se, contudo, prudência e defensiva. Vida sentimental sem alteração apreciável. Saúde óptima. Evite o esgotamento intelectual. Dias desfavoráveis: 29 e 2.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

Escorpião *(De 24 de Outubro a 23 de Novembro)*

Os aspectos lunares nos dias 29 e 30 com outros planetas aconselham a estar prevenido contra várias dificuldades; não se fiar demasiadamente na infalibilidade do raciocínio sobre especulações financeiras. Risco de imprevidência. Prodigalidade nefasta. Neutralidade instável, indecisa. Vida sentimental: ressentindo-se dos estados anteriores. Tendência para o pessimismo na sociabilidade. Saúde: combata a melancolia. Algumas viagens serão proveitosas. Dias desfavoráveis: 29, 30 e 1.

Sagitário *(De 23 de Novembro a 21 de Dezembro)*

Período de elevação mental, de nobres aspirações intelectuais. Grande originalidade de espírito e independência moral, aptidão técnica favorável á mecânica eléctrica; habilidade de execução. Aspecto favorável a funções governamentais. Vida sentimental: Vénus na III casa é particularmente benéfica, dá o requinte das artes e assegura o acordo conjugal. Paixões súbitas e inesperadas, realizaçção das esperanças com êxito. Saúde frágil, mas boa recuperação. Dias desfavoráveis: 31 e 2.

Capricórnio *(De 22 de Dez. a 20 de Janeiro)*

A configuração dos planetas na casa II augura êxito financeiro, mormente se disser respeito a artigos de modas femininas, luxo, etc. Influencia as pessoas gastadoras com o amor do fausto. Vida sentimental: grande susceptibilidade em pontos de honra. Toma a peito qualquer desconsideração de amor próprio. Desapontamento; decepções amorosas. Saúde: boa disposição, sociabilidade, energia, capacidade de trabalho. Dias desfavoráveis: 28 e 31.

Aquário *(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)*

A entrada de Marte no Aquário, no dia 2, expõe ás imprudências, á impulsividade agressiva. Grande tensão nos conflitos sociais, religiosos e políticos. E' preciso uma vontade forte e tenacidade para vencer as lutas que determinam estes aspectos contraditórios da grande aglomeração de planetas neste signo. Vida sentimental: objectivos impraticáveis em relação ao casamento. Incapacidade de adaptação amorosa. Saúde: perigo de acidentes, imprudências. Dias desfavoráveis: 30 e 31.

Peixes *(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)*

Período favorável a novas concepções: criar e realizar de novo com êxito e apoio financeiro. Aquisição de bens. Protecção nos processos e demandas. Boa configuração para as matemáticas; raciocínio excelente; intuição original. Vida sentimental: rompimento de afeição, separação que faz sofrer. Saúde: doença aguda do fígado, da vesícula e do sangue. Dias desfavoráveis: 28 e 31.

SIBYLLA

GRAFOLOGIA

Voltamos a publicar análises grafológicas, de leitores que nos enviaram as suas letras. Todos os outros que desejam fazê-lo devem enviar-nos pelo menos, uma página, nunca menos, em papel sem linhas. O texto não interessa. Podem escrever o que quiserem, não esquecendo a assinatura que é de grande importancia, a idade e o pseudónimo, para as respostas, que serão dadas por intermédio do jornal.

As cartas devem ser dirigidas em nome da grafóloga que dirige a secção — madame Renier, redacção do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 48, juntando a importancia de 15$00 em selos.

Para uma análise grafológica mais pormenorizada, o leitor deverá enviar a quantia de 40$00, recebendo então a resposta em carta dirigida para a morada que indica.

PATUCHA — Na sua caligrafia tudo revela bons sentimentos. Deve ser óptima amiga, na qual se pode confiar plenamente. É inteligente, mas não brilhante, apagando-se um pouco, talvez por timidez. Admiradora da Natureza e das Artes. Vontade de vencer procurando preencher todo o seu tempo com uma ocupa-

(Continua na 12.ª página)

A VIDA E A SAÚDE

MAIS TEORIAS DO REJUVENESCIMENTO

Depois do **soro do dr. Nichans** e da **vitamina H_3**, da dr.ª Anna Aslan, tão discutidos há alguns anos atrás e que ainda contam em todo o Mundo críticos e defensores, surgem-nos agora, ainda mal pormenorizadas, algumas curiosas experiências e teorias, provenientes da Grã-Bretanha e da Russia.

Os russos, que possuem Institutos de Gerontologia em quase todas as grandes cidades, afirmam optimisticamente que no próximo século a idade média do cidadão soviético será de 150 anos! Os ingleses, com base em certas experiências (por enquanto realizadas sómente em animais), dizem que as crianças nascidas em 1961 têm grandes probabilidades de viver uns 120 anos... se forem poupadas pelas bombas atómicas...

No famoso e idóneo Instituto de Investigações Médicas de Mill Hill, arredores de Londres, especialistas ingleses começaram por retirar a ratos jovens pedaços dos tecidos de certas glândulas, mantendo depois esses tecidos em perfeita conservação, durante enormes períodos de tempo. Quando os ratos **envelheciam**, os investigadores enxertavam-lhe os «próprios» tecidos glandulares retirados durante a juventude. Os resultados foram magníficos, os ratos rejuvenesceram e viveram muito mais anos do que seria de esperar! Consta que existem já bastantes voluntários humanos, que se submeteram a esta curiosa operação há um bom par de anos. Pedaços das suas glândulas, devidamente catalogados e conservados a baixíssimas temperaturas, aguardam agora que os «voluntários» atinjam os 40-50 anos para serem «implantados» de novo. Claro que é ainda muito cedo para se tirarem conclusões de experiências a tão longo prazo, mas a teoria não deixa de ser aliciante; tudo se passa como se um rapaz ou uma rapariga de 15 anos **depositasse** um pouco da sua juventude, para a **levantar** (integralmente conservada) quarenta anos depois...

Os russos preconizam métodos mais simples ou ainda mais complicados! Por exemplo, o professor Boris Klosovsky, da Academia de Ciências Médicas, recomenda como o melhor meio de prolongar a vida, a viagem em Sputnik... O professor Klosovsky examinou Gagarine, depois da sua famosa viagem, e afirmou que o cosmonauta «regressou á Terra com as células revitalizadas e cheias de energia cósmica»...

Mais económico, é o método advogado pelo professor Tsitsichvili, do Instituto de Higiene da Georgia e pelo dr. Efimov, director do Laboratório de Estudos sobre Respiração, de Moscovo. O método, documentado pelo senhor Mahmoud Eyvazov, do Azerbeijão (150 anos de idade!) pode resumir-se na seguinte receita: «Se queres atingir provecta idade vai viver para as montanhas»...

Com efeito, segundo o dr. Efimov, o envelhecimento é consequência de uma «asfixia gradual» provocada pela deterioração progressiva dos pulmões. Uma criança, com 3 ou 4 anos inspira de cada vez 1500 centímetros cubicos de ar que é enriquecido nos alvéolos pulmonares de modo a atingirem-se concentrações de 20 % de oxigénio puro. A maior parte dos adultos inspiram de cada vez menos do que a terça parte do citado volume de ar, e a concentração de oxigénio nos alvéolos raramente passa dos 14 %, existindo ali permanentemente 6 % de anidrido carbónico!

Por conseguinte, se os pulmões de um adulto pudessem funcionar normalmente (como os da criança de três anos) a vida seria automáticamente prolongada. Por isso, preconizam os drs. Efimov e Tsitsichvili a vida nas montanhas onde, em virtude da rarefacção do ar (menor conteudo de oxigénio), os pulmões **aprendem** a funcionar mais eficazmente. Mas para simplificar a vida de cada um, os citados médicos dizem: «No caso de não ser possível abandonar a planície, corra todos os dias uns 30 metros e repouse logo a seguir durante 15 minutos». Leitor, porque espera?...

O PERIGO dos purgantes e dos laxantes

Um dos ultimos numeros do autorizado British Medical Journal *chama a atenção para o uso e abuso dos purgantes, baseando-se em trabalhos científicos recentes, que descrevem o aparecimento de certos sintomas graves (fraqueza muscular, paralisia e insuficiências cardíaca e renal) em indivíduos que abusam de purgantes e de laxantes.*

Os factos resumem-se do seguinte modo: á medida que o intestino deixa de reagir a um determinado produto contra a prisão de ventre, a tendência do indivíduo é para aumentar a dose desse produto, e casos há em que chega a tomar 20 a 30 comprimidos ou drageias nas 24 horas! As evacuações provocadas por esses laxantes são do tipo semilíquido e ricas em potássio. Estas perdas contínuas de potássio pelas fezes levam a estados de carência de potássio no organismo e que se traduzem pelos sintomas graves acima citados.

Muitos dos «comedores» de laxantes salvam-se destas terríveis consequências, porque têm uma alimentação equilibrada, rica em substancias com elevado teor de potássio (por exemplo, batatas) e, por isso, compensam razoávelmente as enormes perdas de potássio pelas fezes devidas ao abuso dos laxantes. Por isso, os casos mais graves se observam com maior frequência em mulheres jovens, com forte tendência psiconeurótica, alimentação desiquilibrada ou muito escassa. Essas jovens continuam a tomar laxantes, mesmo depois de proibidas pelo médico assistente. Os casos de carência de potássio por abuso de laxantes *observados nos homens, diziam, sobretudo, respeito a homens de idade que viviam sózinhos, fazendo uma alimentação bastante incompleta e recorrendo amiude aos laxantes para combater uma prisão de ventre rebelde.*

SAUDÁVEL: 16 DIAS DOENTE...

Os Serviços Sanitários dos Estados Unidos consideram como saudáveis todas as pessoas que durante um ano não estiveram doentes mais do que 16 dias. Este numero foi obtido pelo estudo estatístico efectuado em todo o país. A média citada dos 16 dias de doença inclui 6 dias em que o indivíduo ficou completamente retido no leito.

AS VESPAS E A DIABETES

Um médico inglês, que sofre há nove anos de diabetes, compensada com injecções diárias de insulina, relatou, há pouco, em uma revista da especialidade o seguinte:

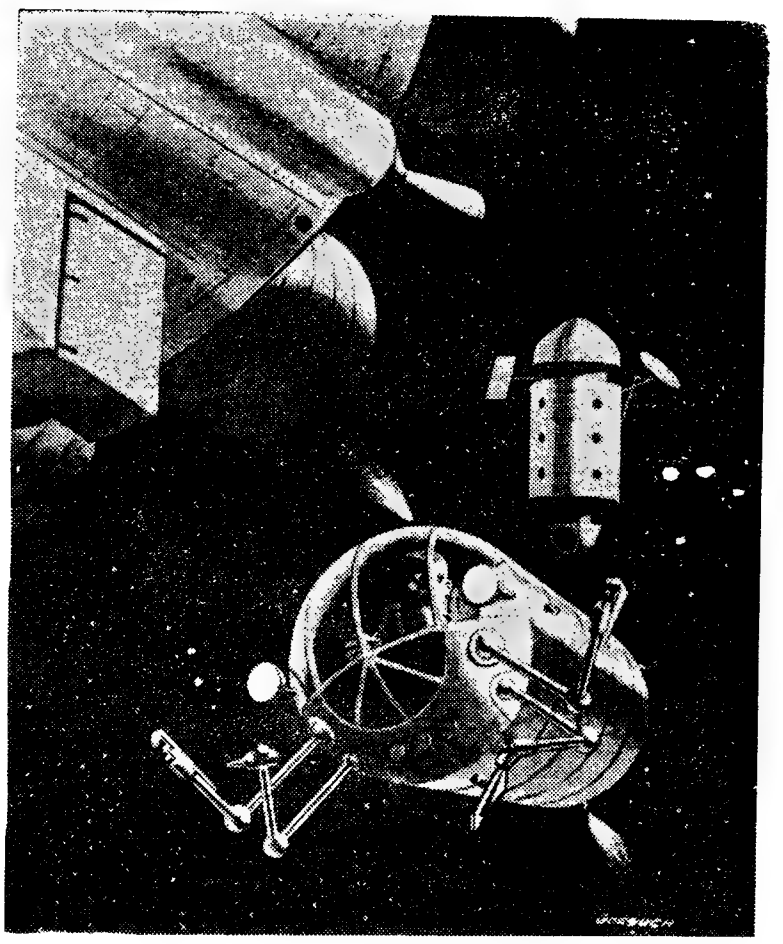
«Há perto de 10 semanas fui picado no braço direito por uma vespa. Após a picada, comi bem e fiz a minha injecção de insulina ás 20 horas. Sete horas depois, já de madrugada, senti-me mal disposto, com os sintomas característicos de hipoglicémia. Para voltar ao normal tive de comer 6 torrões de açucar, uma sanduíche e chá açucarado, o que considero uma quantidade extraordinária, pois até ali, qualquer ameaço de hipoglicémia era fácilmente debelado com 2 torrões de açucar.

«Desde que fui picado pela vespa, tive de reduzir consideràvelmente a quantidade de insulina que me injecto todos os dias. Tudo leva a crer que o veneno da vespa estimulou o meu pâncreas e que este produz agora mais insulina».

Eis um tema interessante para os investigadores. Não queremos, também, deixar de acrescentar o caso ocorrido há pouco tempo em França, em que um trabalhador rural, completamente surdo, passou a ouvir perfeitamente, depois de ter sido picado pelas vespas. Tudo leva a crer que o veneno das vespas contém uma ou várias substâncias dignas de ser estudadas e utilizadas em Medicina.

INCONVENIENTES DA MODA...

A industria de cosméticos introduziu recentemente certos «revestimentos» para as unhas (das mãos e dos pés), numa tentativa de substituição dos bem conhecidos e bem ensaiados vernizes. **Uma dessas «películas de revestimento», que consistia numa mistura de borracha sintética e de resina fenolformaldeído, provocou certo numero de reacções alérgicas e acabou por ser retirada do mercado. Outro produto similar provocou alterações graves das unhas e vai também ser retirado... depois de os médicos se terem debruçado sobre o assunto. Com efeito, apesar de não causar manifestações alérgicas, este substituto dos vernizes clássicos, é perigosíssimo para as unhas, pois não as deixa «respirar», levando ao seu amolecimento e, com o tempo, a alterações graves e até irreversíveis.**



Veículos a utilizar em reparações siderais

AS ESTAÇÕES de reparações siderais

por I. M. LEVITT

SHEPARD, ao descrever uma trajectória suborbital, iniciou, relativamente aos Estados Unidos, o começo das viagens siderais tripuladas. No entanto, o advento desta nova era, em que o homem se colocará no espaço, apresenta para já muitos problemas para os quais se torna precisa uma solução adequada e funcional.

Actualmente, quer os Estados Unidos como a Russia lançam no espaço veículos diversos, com vista a uma penetração mais profunda do Universo. Num futuro breve, estes veículos serão montados no espaço — pelo que o abastecimento de combustível se tornará muito delicado e a sua efectivação uma das tarefas essenciais do programa da conquista sideral.

A estrutura insuflável

A possibilidade de montar e reparar os veículos siderais em órbita, fez que os técnicos e os sábios procurem solução oportuna — e com a informação e conhecimentos já hoje angariados é possível prever o que futuramente acontecerá.

Uma vez que o peso é a propriedade principal de qualquer objecto colocado em órbita, tudo o que for lançado no espaço deve ter um peso mínimo. Este requisito exige dos engenheiros um desenho de estruturas herméticamente cerradas e rígidas. Seria óptimo caso fosse possível obterem-se estruturas insufláveis, porque, uma vez cumprida a sua missão, guardar-se-iam fácilmente, esvaziadas do gás que as encheu.

Com aparelhos deste tipo, talvez se torne possível a utilização de «diques secos siderais» de emergência. Um dos esquemas apresenta um «dique de carena», uma ideia tão nova como simples. Para utilizar este ponto de apoio no espaço, tudo o que é necessário é um recepiente de material plástico que possa envolvê-lo. Insuflado, os astronautas desfrutarão de atmosfera — e poderão trabalhara sem o peso de trajos especiais. Outro projecto sugere o uso de um aparelho semelhante ao que se usa para trabalhar com ar comprimido. Tratar-se-ia de um cilindro com ar, herméticamente fechado, dentro do qual o astronauta teria ampla liberdade de movimentos — e dependeria de um outro veículo propulsor.

Operar no espaço não é absurdo

Para os que pensam que trabalhar no espaço é uma ideia absurda, não merecedora de qualquer consideração, recordemos que há cerca de três anos e meio foi lançado o primeiro satélite artificial e que, então, se afirmou que o homem chegará á Lua antes que decorra o ano de 1980. O homem, ao lançar o primeiro satélite artificial, iniciou a sua caminhada no espaço, e progrediu enormemente na astronáutica de aí para cá — e tanto que a conquista da Lua se verificará dentro dos próximos seis anos. Antes da façanha, há, todavia, muito trabalho a realizar...

Salvaram-se dois entre duzentos e quinze

Até agora, duzentas e quinze pessoas despenharam-se da famosa ponte de Golden Gate, em San Francisco da Califórnia, que tem a altura de cento e cinquenta pés. Só duas se salvaram e um desses sobreviventes é Francis Kennedy, de vinte anos, que há pouco dali se atirou para as águas da baía.

Cinco médicos, tratando dele, durante horas consecutivas no hospital, conseguiram manter-lhe a integridade física.

O restaurante rotativo

No topo do vigésimo terceiro andar do «Ala Mona Building», o mais alto edifício de Honolulu, capital das ilhas Hawai (o antigo arquipélago das Sandwich), foi construído um restaurante rotativo, de arrojada concepção arquitectónica, chamado «La Ronde», que é unico no Mundo.

Em forma circular, sobre um eixo imaginário da Terra, dá uma volta completa no espaço de uma hora, proporcionando aos clientes a visão completa do vasto e soberbo panorama que se desenrola numa vasta extensão em redor.

O que vai pelo Mundo

O TOUREIRO E A ACTRIZ

Alessandra Panaro nasceu em Roma, tem 22 anos e o seu rosto é de uma beleza comparável á de Lana Turner dos bons tempos. Interpretou vários filmes e escreveu um livro sobre a sua experiência cinematográfica, intitulado «No cinema podemos conservar-nos honestas».

Presentemente, Alessandra Panaro encontra-se em Espanha onde está a filmar «O filho do capitão Blood», cujo protagonista é, precisamente, filho de Errol Flynn, que conta vinte anos. Mas a jovem Alessandra está enamorada de Victoriano Valência, um matador de touros cuja maior ambição é superar a fama de Ordoñez e Dominguin. Na foto, o toureiro e a actriz.

PARA O «TWIST» JÁ ERA TARDE...

A' entrada de uma sala de baile de Los Angeles, em grandes caracteres, foi colocado o seguinte letreiro: «Ninguém é demasiado velho para aprender a dançar o «twist».

Bernard Templin, de 79 anos, leu o atraente e reconfortante convite, animou-se com a promessa e entrou todo eufórico na sala de baile. Mas depois de haver dado meia duzia de passos na pista caiu desamparado no solo, com um ataque cardíaco...

Falta de mão-de-obra na Alemanha

Um jornal alemão, «Handelsblatt», convidava o Governo de Adenauer a «importar» desempregados americanos para resolver o grave problema da falta de mão-de-obra especializada no país. Na Alemanha Ocidental encontra-se já cerca de meio milhão de trabalhadores estrangeiros, principalmente italianos, espanhois e gregos, mas falta ainda outro meio milhão para ocupar as vagas existentes.

«O desenvolvimento futuro da nossa economia — dizia aquele jornal — está subordinado á disponibilidade de mão-de-obra. A industria alemã deveria estudar a possibilidade de aproveitar desempregados americanos, em colaboração com as autoridades germânicas e norte-americanas».

O NOVO LAR DE «SIR» LAURENCE

O divórcio de «sir» Laurence Olivier de Vivien Leigh foi um verdadeiro escândalo mundial, pois os famosos artistas eram considerados um casal modelo. Provocou, além disso, enorme espanto o facto dessa sensacional separação ter sido por motivo de Laurence Olivier se haver apaixonado pela actriz Joan Plowright, de 30 anos, isto é, 24 anos mais nova do que ele.

O certo é que «sir» Laurence parece imensamente feliz e rejuvenescido no seu novo lar. Joan deu-lhe um filho (Richard) e declarou sentir-se orgulhosa de ser esposa do «actor mais inteligente do Mundo».

Joan Plowright, apesar de não ser muito bonita, é considerada uma das melhores actrizes inglesas. Aos 17 anos abandonou o lar e dedicou-se á carreira teatral. Um ano depois passou a fazer parte do Old Vic, a mais célebre companhia de teatro inglesa

Laurence Olivier e a sua jovem esposa conheceram-se há três anos, durante a representação da peça de John Osborne «The Entertrainer». O curioso é que Joan interpretava o papel de filha do seu actual marido...

VIVE FELIZ NUM C

a jovem italiana que todos
a ditadora da moda

Sempre que Gigliola Fontana experimentava um vestido novo em qualquer uma das suas elegantes e mundialmente conhecidas clientes, era um sentimento fundo de frustração que sentia. A famosa criadora de Modas sofria, embora fosse uma mulher admirada e respeitada, não só em Itália, como em toda a Europa, pela sua arte e inspiração.

Aos 24 anos, era considerada a costureira mais célebre no mundo da moda: Fontana é um nome que a mulher de todos os continentes conhece de cor, que preenche os sonhos do capricho feminino e faz feliz qualquer elegante que se vista com a etiqueta «Feito por Fontana». O nome anda na crónica mundana internacional e faz furor durante as passagens de modelos em qualquer das capitais que ditam o que deve usar-se.

Gigliola vestia as mulheres mais belas e célebres. Foi ela quem criou os vestidos de Narriman, quando esta foi rainha do Egipto e, na sua luxuosa casa de Roma, se vestiram Ava Gardner, Sophia Loren, Laureen Bacall, Rita Hayworth, Linda Christian, a condessa Torlona, Jacqueline Kennedy, a duquesa de Windsor, a princesa Margarida, a princesa Paola, Kim Novak, as esposas de conhecidos diplomatas, embaixatrizes, e todo um mundo elegante que alimenta a crónica mundana internacional.

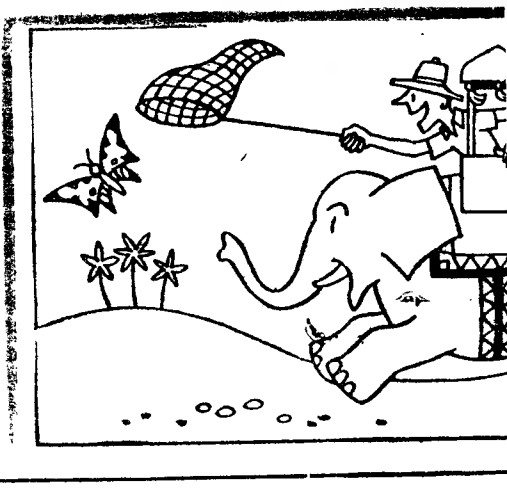
Mas nem toda essa celebridade fazia feliz a inconsolável Gigliola Fontana. Conhecia, como ninguém, a arte de fazer realçar a beleza feminina, tornando-a mais atraente e sedutora. Das suas mãos nascia um universo caprichoso de modelos que eram disputados a peso de ouro. Rios de dinheiro entravam-lhe pelas portas por onde saíam os vestidos.

A mãe de Gigliola preocupava-se inumeras vezes com a beleza da filha, indo ao ponto de ser ela a arranjar-lhe o cabelo

Mas quando todas essas beldades a deixavam com um «Você foi estupenda, Gioia. Este modelo vai ca... co...», a si pró... cristal... ta o sal... nesse n... gante, ... sem en... exactan... Compar... tes e ... ainda.

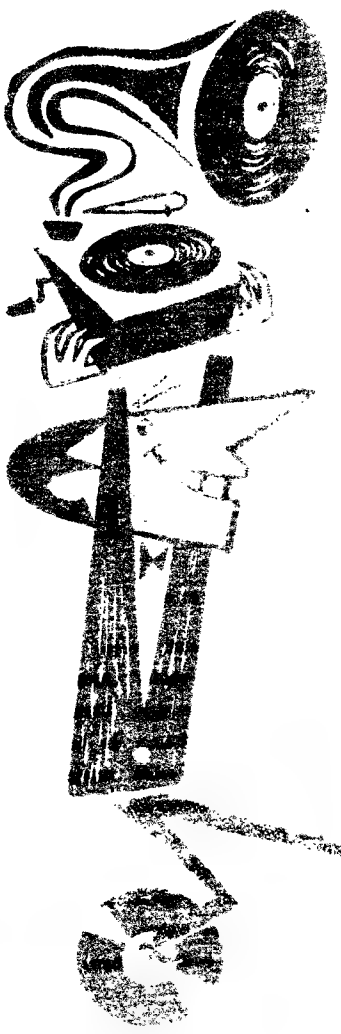
E, un... mês, G... contrar... vento d... perto d... Aí, tom... dentro ... votos d... efeitos ... nais, n... todo o ... proprie... Fontan... dora d... abando... compre... cida Gi... fessado ... irmãs ... amigas. ... nhada d... mana é ... da «fug... o seu «...

O trajo de freira confere-lhe a pecul...



disco da semana

LES CHATS SAUVAGES



* Viens danser le Twist
* Est-ce que tu le Sais
* Twist à Saint-Tropez
* Oh boy!!!

JACK REGARD: Nasceu em 1943 e tem o Curso de Piano do Conservatório, e, em vez de acompanhar seus pais que passaram a residir no Brasil, ficou em França, com seu tio — musico e compositor — que havia de auxiliar a formação do conjunto.

JOHN e JAMES FAWLER: Nascidos em 1942 e 1945, respectivamente, estes dois irmãos cedo se apaixonaram pela musica, dedicando-se ambos a tocar guitarra de jazz

WILLY LEWIS: Tem 15 anos e toca bateria. E' ele o primeiro responsável pela irresistível corrente de ritmo de Les Chats Sauvages.

DICK RIVER: Nasceu em Nice em 1945 o vocalista do conjunto. Canta em francês, inglês e italiano.

Um disco
PATHÉ
editado pelos
Estabelecimentos
Valentim de Carvalho, Lda.
Rua Nova do Almada, 57
— Lisboa —

A CONVENTO

odos consideravam

da feminina

indo

pelda-
«Você
odelo

vai causar sensação em Mónaco...», a idolatrada Gigliola via-se a si própria no grande espelho de cristal da Boémia, que ornamenta o salão de provas. E via nele, nesse momento, a mulher deselegante, desairosa, canhestra e feia, sem encantos nem atractivos — exactamente como ela se sentia. Comparava-se com as suas clientes e mais feia se encontrava ainda.

A «casa Fontana» perde a «filha»

E, um dia, há precisamente um mês, Gigliola desapareceu. Encontraram-na, mais tarde, no convento das Irmãs de Cristo-Rei, perto de Cagliari, na Sardenha. Aí, tomou o hábito de noviça e dentro de cinco anos tomará os votos de freira. Este caso teve efeitos verdadeiramente sensacionais, não só na Itália, como em todo o Mundo. A filha da rica proprietária da célebre «Casa Fontana» de Roma, a famosa criadora das Modas internacionais abandonava o seu meio. Ninguém compreendeu a atitude da conhecida Gioia. Esta nunca tinha confessado os seus projectos nem ás irmãs nem ás suas numerosas amigas. A própria mãe foi apanhada de surpresa. Só há uma semana é que percebeu as razões da «fuga» da filha, ao folhear-lhe o seu «Diário»:

«Quando estou ao pé de mulheres tão belas, sinto-me infinitamente vulgar e feia...».

Gigliola não quis ser amada pela sua celebridade nem casada pela sua fortuna.

Antes de se retirar do mundo profano, desfez-se de todo o luxo que a rodeava. Fez distribuir, em segredo, o seu sumptuoso guarda-roupa por gente pobre da cidade: dezenas de vestidos e de pares de meias, montes de roupa interior, perfumes, jóias e dois automóveis.

Hoje, todas as manhãs, nos jardins do convento, e vestida de preto, lava a roupa grosseira das suas companheiras. E vive agora feliz, longe dos refinados ambientes que lhe davam todos os meios materiais para uma enorme popularidade e um futuro magnífico. A perda para a Moda vai ser sentida, e muito mais ainda para a «Casa Fontana», de que era a mais esperta, hábil e inspirada obreira de linhas e modelos que estão a correr mundo.

confere-lhe a peculiar austeridade

OS RÁDIO-ISÓTOPOS

AQUI ENTRE NÓS... (CONVERSA ÍNTIMA)

CONSULTA

As suas respostas «para os outros», Telma, são um raiozinho de sol que chega até á minha vida tão desoladamente só. Para aqui estou, neste canto provinciano onde não há nada, onde nada tenho que fazer. Creio que não pode compreender tudo o que lhe digo da minha vida triste e inutil, parada, porque a Telma com certeza vive em Lisboa e tem uma vida cheia de actividade. Mas acredite que não há nada mais desolador, e sinto-me tão só, tão abandonada, que lhe peço uma palavra em especial para mim, que me dê, se for possivel, um pouco de animo para continuar a viver neste deserto. — Flor Campestre.

RESPOSTA

É verdade que vivo presentemente na cidade, mas já vivi muitos anos no campo — e que saudades! Posso, portanto, responder-lhe com conhecimento do assunto. E digo-lhe sinceramente que não sou da sua opinião quando a minha amiga afirma que a vida aí é horrivelmente monótona, que não há nada, desoladamente nada, que fazer. Penso que no campo, ou em qualquer parte, somos nós que organizamos a nossa vida, e portanto é de nós que depende torná-la activa, «cheia», util. Penso também que a vida do campo oferece grandes compensações: é mais higiénica, menos dispersiva, mais económica, etc.

Claro que, se quiser falar-me um pouco de si, das suas possibilidades e daquilo que gostaria de fazer, tentarei ajudá-la a traçar novos planos, agradáveis e com interesse, que a libertem desse enervamento, desse tédio, dessa desconsolada sensação de inutilidade, de vazio, de inferioridade, que se apoderou da minha amiga.

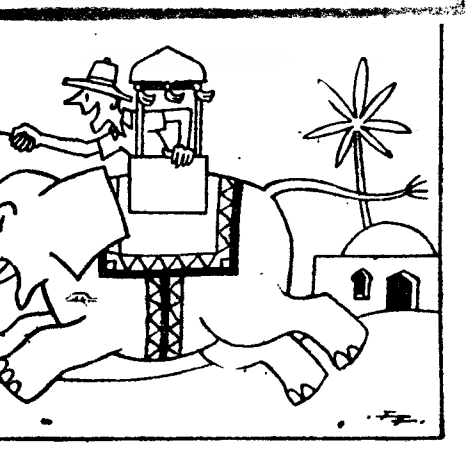
Antes de mais nada, procure tornar a sua vida variada e metódica, na medida do possível. Dedique-se a mais do que uma actividade, segundo um horário inteligentemente organizado, de modo que o tempo chegue para tudo o que pretende, sem pressas nem atropelos. É preciso que nesse horário caibam as horas para cuidar de si. Não se trata de ninharias, de frivolidades, de garridices. Trata-se da sua valorização pessoal, quer sob o aspecto físico quer intelectual, valorização indispensável para que se sinta bem, segura de si, feliz.

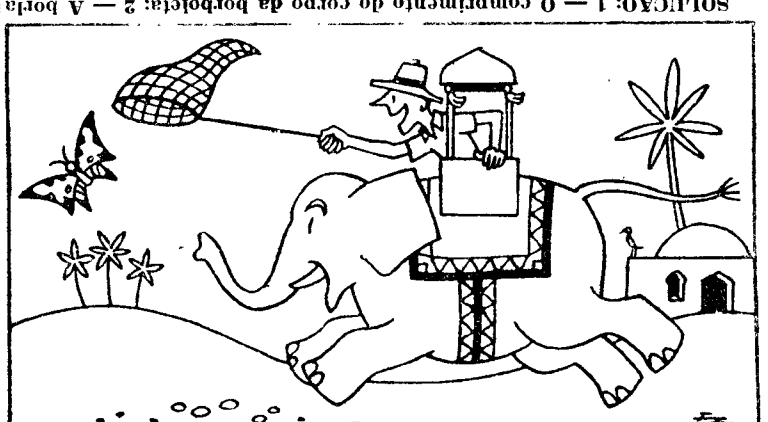
Voltaremos a conversar, logo que me dê elementos que me permitam organizar um plano. Procurarei ser concreta, e dar-lhe sugestões precisas do muito que pode empreender.

Veja a diferença...

Aparentemente iguais, estes dois desenhos apresentam, porém, diferenças em oito pormenores. Veja se as descobre. Para a hipótese de o não conseguir, leia a solução que publicamos a seguir, em posição invertida.

SOLUÇÃO: 1 — O comprimento do corpo da borboleta; 2 — A borla do meio da cobertura do palanquim do elefante; 3 — A fita do chapéu do cavador; 4 — O ângulo interior da orelha do elefante; 5 — A sobrancelha do elefante; 6 — O pássaro no telhado da casa; 7 — Número de pedras á frente do elefante; 8 — As unhas da pata esquerda da frente do elefante.





NOVIDADES LITERÁRIAS

PORTUGÁLIA

ACABAM DE SER POSTAS À VENDA

na colecção

O LIVRO DE BOLSO,

inaugurando a

SÉRIE DE BIOGRAFIAS,

A VIDA DE CHARLOT

A HISTÓRIA DO MAIOR GÉNIO DO CINEMA CONTADA PELO SEU MAIOR BIÓGRAFO,

GEORGES SADOUL

UMA OBRA FAMOSA EM TODO O MUNDO, TRADUZIDA EM QUINZE LÍNGUAS.

na colecção

ANTOLOGIAS UNIVERSAIS

ANTOLOGIA

DE CONTOS SUECOS

OS GRANDES MESTRES DA FICÇÃO NÓRDICA TRADUZIDOS DIRECTAMENTE DO ORIGINAL PELO DR. SILVA DUARTE

na colecção

CINEMA

O REI DOS REIS

ROMANCE DA VIDA DE CRISTO BASEADO E ILUSTRADO COM FOTOS DO CÉLEBRE FILME DE SAMUEL BRONSTON ÚLTIMAMENTE EXIBIDO EM LISBOA

A GIRAFA

RESUMO DE UM CONTO DE PAUL BLACHERE

MADAME Durand embirrava particularmente com as quintas-feiras porque tinha de aturar todo o dia em casa os seus treze filhos, dos quais o mais velho tinha apenas treze anos. Felizmente seu marido ganhava muito bem e com o abono de família tudo ali corria ás mil maravilhas.

Uma certa quinta-feira dava ela voltas á cabeça sem saber o que havia de fazer áquela malta. As opiniões dividiam-se. Uns queriam ir ver, ao cinema do lado, um filme de «Cowboys», outros queriam ir para o jardim e outros ainda queriam ficar em casa.

— E se fôssemos ao Jardim Zoológico, propôs madame Durand? — Mostraram-se todos de acordo e lá foi aquilo tudo em bicha para o Zoo.

Felizmente moravam perto e isso reduzia muito as despesas de transporte.

Entraram no jardim e imediatamente foi tudo a correr para a jaula dos macacos que atraíam as atenções gerais. Os miudos riam a valer e mostravam-se dispostos a ficar ali até o dia seguinte, se os deixassem. Mas havia ainda uma imensidade de coisas a ver e madame Durand ia dando as explicações necessárias. A's quatro e meia tomaram alguns refrescos e recomeçaram a sua visita. Foram aos leões, aos tigres, aos pássaros e em cada um deles se fazia uma paragem de alguns minutos. Os garotos, excepção feita, claro, dos três mais pequenos, estavam muito interessados no que viam e já prometiam ir contar tudo aos seus colegas da escola no dia seguinte. Assistiram a uma verdadeira batalha entre os macacos que só terminou quando um senhor lhes atirou alguns amendoins.

— E se nós fossemos agora ver a girafa?

— Sim, sim, vamos lá, gritaram os miudos que nunca a tinham visto senão em fotografia.

Quando chegaram, porém, junto do espaço reservado á girafa, ela não estava lá.

Madame Durand disse a um guarda:

— Nós queriamos ver a girafa.

— Sim, sim, queremos ver a girafa, clamaram os garotos todos em coro.

— Sossegue os seus meninos, mas isto já é muito tarde. Só se pode ver a girafa até ás cinco e meia e já são seis horas.

— O quê? — exclamou a senhora; então eu venho aqui com os meus treze filhos para lhes mostrar a girafa e o senhor diz-me que a não podemos ver. Já é pouca sorte!

— O que é que a senhora diz? — clamou o guarda. Mas efectivamente os treze meninos são todos seus?

— Pois com certeza.

— Oh! Mas então o caso muda muito de figura — respondeu o guarda. Esperem um pouco, que eu vou buscar a girafa. E' absolutamente necessário que ela veja isto!

* ANEDOTAS *

LADRÃO VAIDOSO

*** Era muito vaidoso aquele gatuno. Entrou no gabinete do tesoureiro do jornal, amordaçou-o e roubou tudo o que estava no cofre, menos cem escudos que deixou sobre a mesa.**

— E ainda lhe deixo esses cem escudos com a condição de ter uma notícia de três colunas na primeira página.

NOCTURNO

** Dois namorados no terraço do arranha-céus onde moram:*

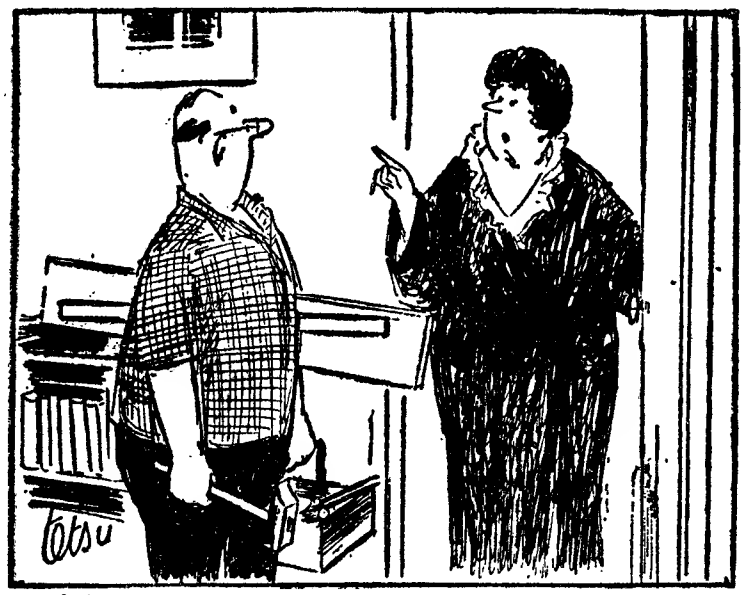
— Maria, a noite está serena e brilham as primeiras estrelas no céu, enquanto canta ao longe um rouxinol; é chegado o momento tão desejado; estamos sós e vamos ler os manifestos clandestinos.

UM CASO DE RUA

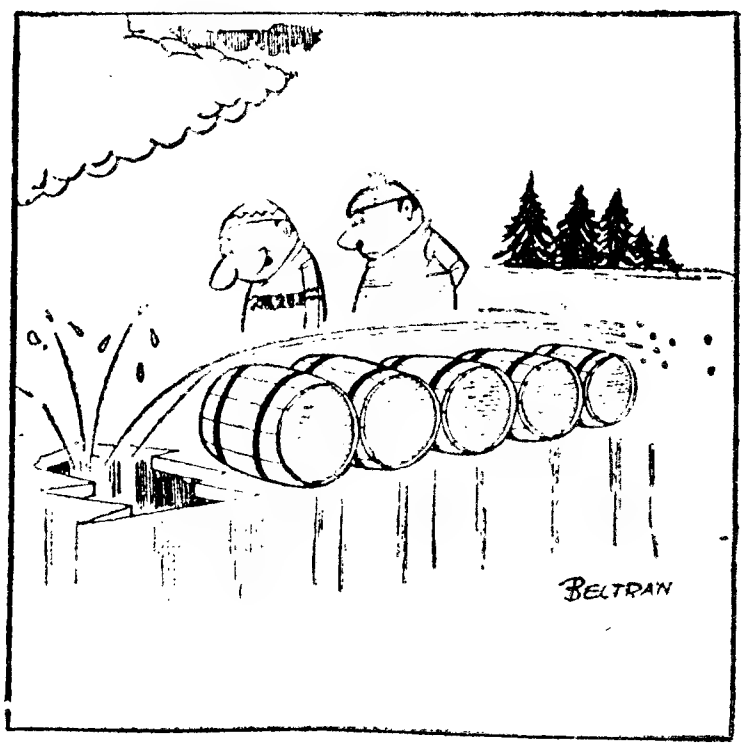
*** Dois meliantes agrediam barbaramente uma pobre rapariga perante a indiferença de dois polícias. Um transeunte indignado clamou para os polícias:**

— Mas então que é isto? Aqueles dois malandros agridem aquela rapariga e os senhores não intervêm?

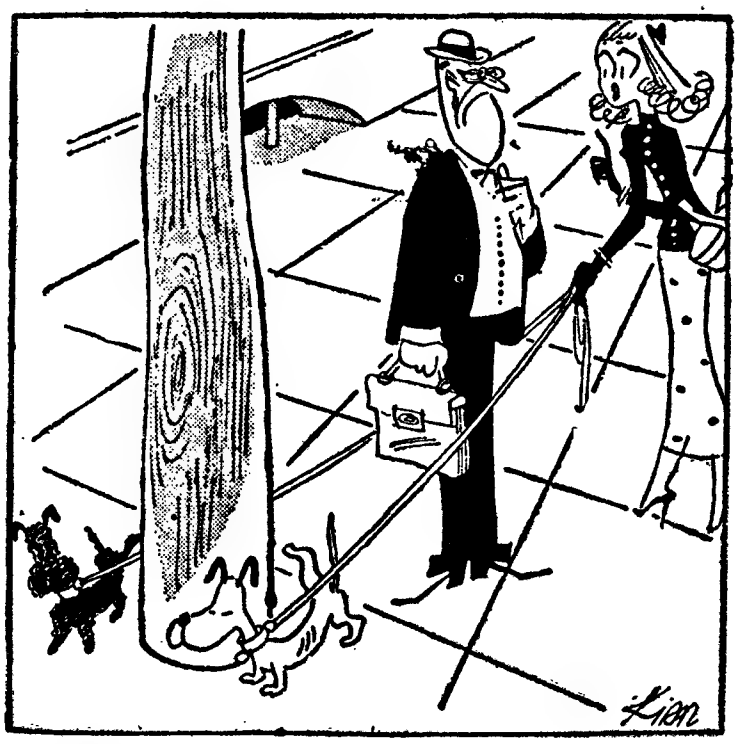
— Não é preciso, eles resolvem bem o caso sózinhos.



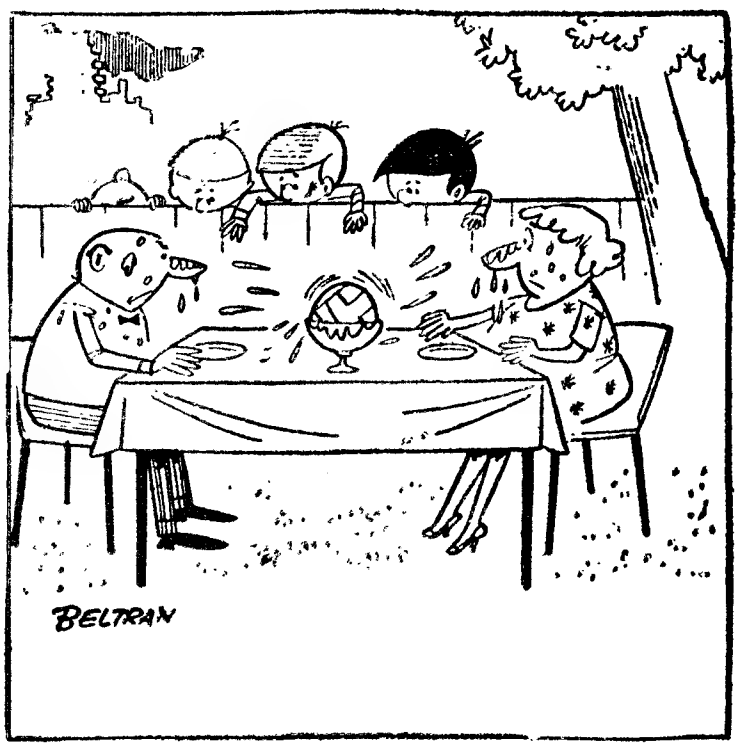
— Antes de começares a pregar o quadro é melhor veres onde está o alcool e o adesivo.



— Finalmente, conseguiu saltar sobre os cinco barris.



— E' só um minuto, cavalheiro.



— O senhor, não viu, por acaso, uma bola de futebol?

ENSAIO GERAL

REVOADA DE GRAÇAS

A SORTE

Todos nós temos no bolso a chave da fortuna, mas acontece frequentemente que a não encontramos como encontramos a chave do ascensor. As mais das vezes somos obrigados a percorrer a pé uma escada que, evitariamos de subir, se tivessemos na mesma corrente com método, ordem e organização a chave do ascensor e a do futuro.

TERRORISTAS

Fala-se muito em terroristas. E você sabe o que são terroristas? Não sabe? Então se quer saber tente tomar um carro eléctrico que já vai cheio.

O PODER DA BELEZA

Estava aquela bela rapariga moderna na paragem do autocarro que não vinha, quando veio um taxi, cujo «chauffeur» muito amávelmente lhe perguntou:

— Minha senhora, quanto quer para eu a levar a casa de taxi?

Vinho australiano —resultado do trabalho dos primeiros colonos

Quando, em 1788, chegaram á Austrália os primeiros colonos, plantando as vides que levavam consigo da França, não pensaram, com toda a certeza que estavam a lançar as raízes duma das mais importantes industrias australianas.

Depressa, os vinhedos ocupavam extensas superfícies, de solo fértil e propício. Venceram os ataques da filoxera, que fez imensos estragos no princípio do século, mas a influência francesa fez-se sentir, cada vez mais, nessa cultura, expandida, extraordinàriamente, pela larga experiência dos colonos.

E' legendário dizer-se que, em 1900, o governador da Austrália encarregou os prisioneiros franceses deportados do tratamento dessas grandes vinhas, que rodeiam, actualmente, a cidade de Sidney.

A febre da plantação da vinha teve a sua voga no ano de 1900 e transformou algumas terras abandonadas em ricas regiões. As cepas da França cresciam e floresciam nos plainos australianos, transformando, pouco a pouco, o país num dos maiores produtores de vinhos e licores, a par com uma outra actividade não menos conhecida e preciosa, que é a da criação dos carneiros merinos, de macia e valiosa lã.

Hoje, lembram-se ainda, com veneração, nomes de homens que devotaram toda a sua vida á cultura da vinha e ao incremento da extracção do vinho e seus derivados. Um, John Mac Arthur, ou um James Busby, da Grã-Bretanha, estão ligados a essa arrancada pioneira, que proporciona, actualmente, á Austrália uma das suas maiores fontes de produção e riqueza, ao mesmo tempo que o apuramento de espécies e qualidades tornou possível o nascimento dum vinho com características próprias, que está a conquistar, mesmo, alguns mercados internacionais. A produção de vinho australiano cifra-se em várias dezenas de milhões de hectolitros anuais.

JARDINAGEM

O HOMEM «COMANDA» a inflorescência das plantas

O ano que findou, ficou assinalado na História da Agricultura por um acontecimento notável: as experiências realizadas em Madison (Estados Unidos) que provaram ser possível ao Homem «comandar» decididamente a inflorescência das plantas.

Foram os horticultores do Instituto Agrónomo da Universidade de Wisconsin que experimentaram novas hormonas que estimulam a floração em 70 variedades de plantas, representando um numero elevado de famílias botanicas.

Essas hormonas, denominadas antogenes ou estimuladores da flor, são substancias gordurosas soluveis em óleo, um tipo geralmente considerado sem actividade fisiológica. A descoberta e o aperfeiçoamento das hormonas representam um dos mais importantes progressos do ultimo ano na ciência agrícola. O Homem poderá, doravante, activar segundo as necessidades do momento o florescimento das plantas e, por consequência, influenciar a produção de frutos, cereais e legumes.

Alguns cientistas, utilizando os novos estimuladores para apressar o desenvolvimento das plantas, aplicaram o tratamento a violetas africanas, e fizeram-nas florescer pela mesma altura em que só se começam a formar os botões da flor. As investigações em curso podem proporcionar grande benefícios a vastos domínios da agricultura num futuro próximo. Os cientistas salientam o facto de que o resultado mais imediato das experiências pode reduzir as despesas dos proprietários de estufas e floricultores. O florescimento prematuro e provocado das plantas causará uma grande baixa no custo da cultura de flores de estufa, por meio da economia feita com o fornecimento do calor, o trabalho e despesas afins.

Foram já isolados, de plantas em várias fases do florescimento, três antogenes separados. Estes dominam três fases distintas do processo de inflorescência. Nas experiências, os antogenes foram preparados sob a forma de suspensão aquosa e borrifados para as folhas de plantas pouco desenvolvidas na altura do começo do florescimento. Os antogenes revelam-se especialmente uteis no tratamento de plantas que levam muito tempo a florescer, como, por exemplo, os crisantemos, as violetas africanas, os ciclaminos e outras espécies.

Os cientistas chegaram á conclusão de que os antogenes, não só estimulam a inflorescência, como também contribuem para o rápido crescimento das folhas. Por essa razão, as plantas tratadas parecem especialmente amadurecidas, mesmo quando florescem numa idade muito menor do que a normal.

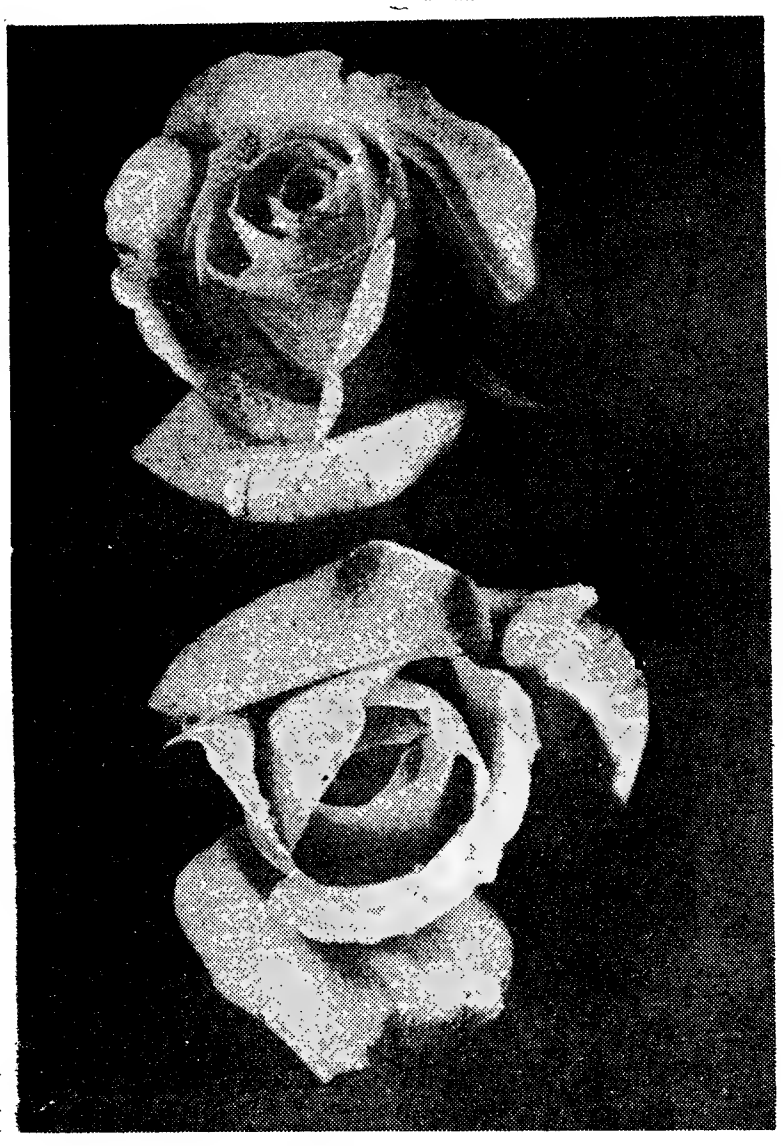
Os antogenes não permitem um comando completo de todo o processo de formação da flor. A planta deve primeiro ter o que se chama «os precursores da inflorescência», antes que os antogenes possam pôr a funcionar o processo de aceleração do crescimento. As experiências revelam também, e por ultimo, que a «fotoperiodicidade» — a reacção da planta a dias de diferente duração — não fornece uma explicação integral do problema de como fazer florescer as plantas. Fornece, como é visível, «o estado de amadurecimento para a inflorescência» necessária antes da aplicação dos antogenes.

É extraordinário

o volume das exportações espanholas de flores cortadas

O volume das exportações espanholas de flores cortadas toma proporções extraordinárias. O seu desenvolvimento coloca-as em concorrência com as produções dos países europeus interessados por este comércio, tais como a França e a Itália.

A Alemanha Federal constitui, de longe, o melhor cliente da Espanha. A seguir, vêm a Suíça, a Bélgica, a Inglaterra, a Suécia e os outros países escandinavos.



As flores são fonte inesgotável de inspiração para o grande artista fotográfico Horácio Novaes, que se serviu destes dois botões de rosa para enviar aos amigos um pouco do calor do seu belo espírito

INVERNIA RIGOROSA? —POIS JÁ HOUVE TEMPO EM QUE OS MARES GELARAM E O VINHO SE PARTIA A MARTELO!

A invernia devastadora, com arrancos ciclónicos, chuvas torrenciais, frios enregelantes, faz sentir os seus trágicos efeitos em várias zonas do planeta. E, atormentados pelas inclemências do tempo, pensamos que os invernos são cada vez mais rigorosos, e irregular a sequente alternativa das estações, que, de há uns anos a esta parte, se nos afiguram em acentuado desequilíbrio, invadindo-se mutuamente, mas prolongando-se em excesso o Inverno. Daí resulta serem os períodos estivais afectados por sensíveis alterações meteorológicas e climatéricas.

Neste aspecto da irregularidade do tempo e relação com a sucessão das estações, há quem admita a sua origem, de certo modo, por influência de elementos perturbadores, cuja acção agrava os efeitos dos fenómenos que, na ordem física, se relacionam directamente com a evolução planetária, quer dizer causas estranhas, tais sejam as explosões atómicas e toda a série de experiências nucleares, tese largamente debatida e aceite por cientistas de incontestável autoridade.

Já quanto aos rigores da invernia, principalmente na variantes de clima, isto é, temperaturas baixas e frios causticantes, a mudança que, de facto, se opera—suscitada por um conjunto de factores naturais, embora intervindo, possivelmente, de alguma maneira, os mesmos elementos estranhos—origina a «invertida compreensão do fenómeno» pela noção errada de que sentimos cada vez mais a aspereza dos invernos tempestuosos e enregelantes. Neste caso, domina, paradoxalmente, a influência da memória ancestral de tremendas invernias em épocas remotas, visto que a lembrança dos efeitos passados, perdurável no subconsciente, avoluma as consequências presentes, ao mesmo tempo que as sensações da acção directa das intempéries nos faz esquecer do que sofreram, em outras eras, os antepassados sob invernais dramáticas, torturantes, devastadoras.

O clima está a aquecer!

Assinalam os cientistas a ocorrência de certos fenómenos que escapam naturalmente á compreensão do vulgo e dos quais resultam, em consequência de alterações na velocidade dos movimentos da Terra e da Lua, diferenças na marcha do tempo, com diferenças na duração dos dias (coisa, aliás, só perceptível na subtileza das avaliações astronómicas).

Estudos científicos, incidindo sobre diversas regiões do Globo, demonstram que os Invernos têm diminuido de intensidade e fazem prever que se tornarão menos rigorosos nas zonas temperadas por efeito da mudança de clima, cuja origem imediata são as alterações nos gelos polares, as quais provocam a subida de temperatura. Assinala-se, por exemplo, que «no litoral do Mar de Béring e do Mar de Kara, na Gronelandia e na Baía Baffin, o nível do mercúrio se vai elevando nos termómetros, de ano para ano, a uma graduação mais tolerável».

Um estudo comparativo das temperaturas médias em cada época, feito pelo cientista norte-americano dr. Kimbal, revela que «o período entre os anos de 1930 e 1939 foi o mais quente da História, pois a temperatura média anual, chegou, então, a 12 graus, o que excede por completo todos os **records** oficiais, sendo a mais próxima a do período de

(Continua na 10.ª página)

artis

Dispõe de oficinas próprias para executarem

MÓVEIS E DECORAÇÕES

modernos, de estilo e comerciais. Projectos e orçamentos grátis

*

RUA MARIA ANDRADE, 64 (aos Anjos) * Telefone 848719

ROMEU, JULIETA E AS TREVAS

romance de

JAN OTCHENACHEK

COLECÇÃO

AUTORES ESTRANGEIROS

«Mas se algum conselho me empenho assim em dar-vos quanto á organização dos vossos sonhos, será o de que comeceis por ler ROMEU, JULIETA E AS TREVAS... pois talvez, seguido o conselho e já fechado o livro, o rumor das obras que são grandes vos ganhe esse duradouro canto que é tudo o que pedimos venham despertar em nós os homens que escrevem. Um bom livro é aquele que, depois de lido, nos faz longamente sonhar e nele repensar. Isto que escrevo é á primeira leitura do segundo romance de OTCHENACHEK. Pela minha parte, não creio que tal livro cedo me abandone.»

(Do prefácio de ARAGON)

UM ÊXITO MUNDIAL

traduzido em 18 línguas, filmado para o cinema e televisão e adaptado ao teatro

UM LIVRO FUNDAMENTAL em qualquer biblioteca

LUÍS DE CAMÕES

estudo crítico por

HERNÂNI CIDADE

COLECÇÃO

A OBRA E O HOMEM

Para um melhor conhecimento da maior figura das letras portuguesas de todos os tempos, mais esta valiosa contribuição, prestada pela reconhecida competência de HERNÂNI CIDADE.

AS ILHAS BRANCAS

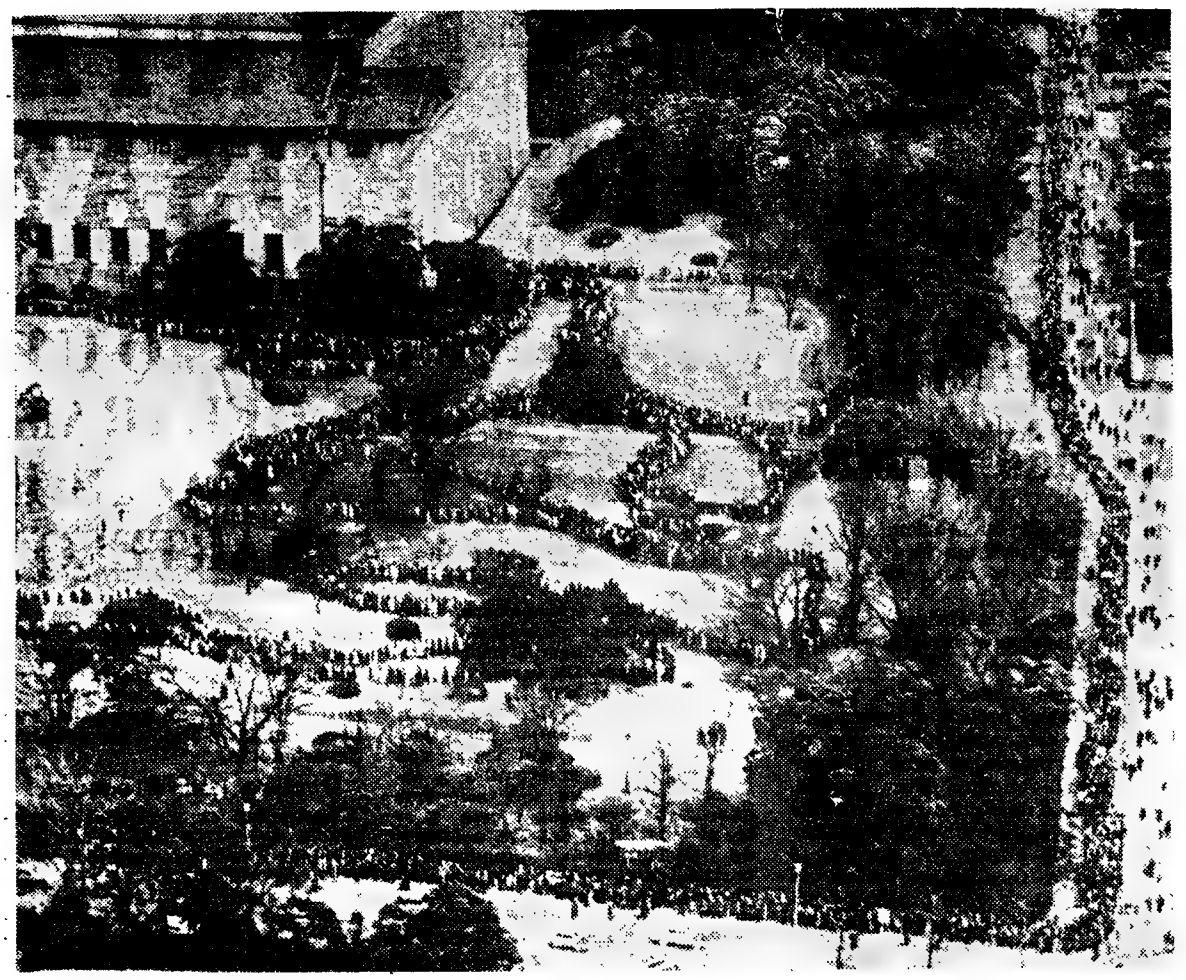
contos de

JORGE FERREIRA DA SILVA

«Artista da palavra, vigoroso e subtil, JORGE FERREIRA DA SILVA afirma-se, nesta colectanea, contista impressivo e denso. Sensibilidade respiratória, o escritor revela-se, sobretudo, no ritmo batido, arterial e por vezes ofegante do estilo.»

DIÁLOGO, Diário Ilustrado, 11 Jan. 962

editora ARCÁDIA limitada — T. S. Paulo. 7-3.º - Lisboa-2



Esta gigantesca e coleante bicha é formada por cinco mil habitantes de Tóquio, que esperam ordeiramente a oportunidade de admirar uma exposição de quadros franceses emprestados pelo Museu do Louvre ao Museu Nacional de Tóquio. Esta exposição esteve patente ao publico durante pouco mais de dois meses, tempo suficiente para ser visitada por mais de setecentos mil japoneses, que continuam a revelar-se excelentes apreciadores da pintura

INVERNIA RIGOROSA?

(Continuação da 9.ª página)

1821 a 1830, quando a temperatura média atingiu 11,6 graus».

Outros estudos e observações desenvolvidos sob a direcção do professor da Universidade de Yale, dr. Edrsworth, demonstram, também, que «o clima tem sofrido diversas alterações, oscilando (em ciclos de cinco anos) entre o tempo bom e quente e húmido e fresco». A essa periodicidade cíclica se deve a irregularidade de prolongadas canículas e invernias desabridas, intermitentes, em desconcertantes alternativas, para além das épocas normais.

As conclusões de estudos semelhantes, feitos pelo Departamento Metropolitano de Climas e Colheitas dos Estados Unidos, habilitaram o respectivo director, dr. J. B. Kincer, a afirmar que «o clima está, de facto, a mudar e para mais quente», opinião confirmada pelos meteorólogos europeus, segundo os quais o fenómeno influirá para tornar os invernos menos ásperos, «principalmente menos frios, á parte os naturais insistências de intensidade tempestuosa e da sua periocidade irregular, devido a factores estranhos», nestes incluindo os que ficam apontados.

A ilusão das rigorosas invernia»

De facto, quando sentimos os efeitos do Inverno, que se tornam enervantes e insuportáveis, não nos lembramos do que sofremos em anos onteriores, nem de longe do quanto foram atormentados os antigos. «Os nossos avós não estavem enganados — diz o dr. Kincer —, e são absolutamente certas as suas afirmações sobre os duros invernos da sua infancia».

Remontando ao século XIII, verifica-se através das crónicas de fidedignos narradores coevos terem sido tão rigorosas as invernias «que as chuvas faziam lembrar o diluvio» e tão intenso o frio «que gelavam as águas dos grandes mares». Naquele tempo, e também em épocas posteriores atravessava-se o canal da Mancha a pé sobre o gelo. Em 1236, o Danubio manteve-se gelado, pelo espaço de um mês, o que se repetiu em 1438, ali acampando «na face do rio soldificado» um exército de 40 000 homens. No ano de 1289, já a romper a Primavera, gelou, também, o Reno na Suíça, assim se mantendo durante todo o mês de Março.

Não menos agreste e violento foi o Inverno no ano de 1305, pois o mar no litoral da Flandres e da Holanda gelou até á distancia de três milhas, verificando-se o mesmo fenómeno, em 1400, nas costas do Norte da Europa e, decorridos otito anos, na zona marítima entre a Noruega e a Dinamarca.

Em 1364, a invernia foi devastadora na Europa, principalmente na França e o gelo no Ródano chegou a atingir a espessura de quatro metros e meio.

Até as pedras gelavam de frio!...

No século XVI, houve três invernianas excepcionalmente tormentosas e tão frígidas que o rio Pó, cujas cheias, nos ultimos anos, têm sido demolidoras, coalhou de forma a permitir, em 1503, a passagem sobre o gelo de um imenso exército com armas e bagagens.

Em 1541, por toda a Europa «até as pedras gelavam de frio» e em Paris o vinho, cortado a podão, vendia-se aos pedaços, o que aconteceu, igualmente, em 1594, quando o mar gelou em Veneza e Marselha. Aqui os taberneiros também vendiam ao quilo o vinho que, tornado sólido, tinha de ser partido á martelada, assim como em 1709, gelou nos toneis por essa Europa fora, toda ensopada de chuva e enregelada sob espessa camada de neve.

Por várias vezes as aguas amenas Mediterraneo também gelaram, e em 1603 foram tão abundantes os nevões que, em Pádua muitas casas desabaram sob o peso excessivo da neve acumulada nos tlhados.

Já no sécvulo XIX, precisamente no ano de 1831, uma onda de frio varreu a América do Norte, com efeitos terríveis. Então, a temperatura desceu até 40 graus negativos — ou seja o ponto de congelação do mercurio.

Depois disto, e se exceptuarmos as ciclicas ou imprevistas ocorrências catastróficas — inundações, fúrias ciclónicas, ocasionais e trágicas derrocadas —, não se pode dizer que as invernias sejam agora mais atormentadoras. Verdadeiramente, o Inverno vai-se tornando menos agreste, embora mais irregular na sua periodicidade, pela tumultuária inconsistência das estações, de onde a ilusão dos seus rigores impertinentes. E, para dissipar a ilusão, apontam-se os dados fornecidos pelos meteorólogos que «confirmam a mudança climática, com tendência para temperaturas mais elevadas».

ATENÇÃO CARECAS: — JÁ HÁ REMÉDIO PARA A FALTA DE CABELO

APESAR de tantas e tão prodigiosas conquistas da Medicina, ainda não foi possível desencantar o remédio eficaz para a cura da calvície. Mas surge agora uma promissora esperança para todos os carecas — a menos talvez para aqueles que estimam a libertação da torturante cadeira do barbeiro. Trata-se de uma espécie de elixir maravilhoso, resultante de um mero acaso, que é, quase sempre, a origem das grandes descobertas, um líquido por meio do qual, com simples fricção, a careca mais polida e luzidia se adorna de forte e exuberante cabeleira.

Quando apareceu a notícia sensacional, essa acalentadora esperança foi logo dissipada pela deprimente desilusão, pois o descobridor do remédio mágico e infalível esquecera-se da fórmula que o possibilitara. Intervieram, contudo, os químicos e, ao cabo de afanosas pesquisas, estava reedescoberto o segredo do tónico ideal para o rejuvenescimento capilar. E, se as experiências definitivas confirmarem os surpreendentes resultados iniciais, será lançado no mercado, em Inglaterra, dentro em breve, o produto extraordinário que não só conservará o cabelo, revitalizando-o e evitando a sua queda, mas, principalmente, fá-lo-á nascer de novo aos que o tenham perdido por completo. «Umas quantas gotas do líquido milagroso espalhadas por massagem no couro cabeludo, tanto bastará para todos os carecas do Mundo se exornem de abundantes e revoltas cabeleiras á maneira dos poetas romanticos».

A maravilhosa descoberta de um pequeno alquimista

Segundo a desenvolvida narrativa do acontecimento retumbante, feita pelo «Daily Mail», a coisa, devida a um capricho do acaso, teve a sua origem nas atabalhoadas experiências de um garoto de treze anos, Robert O'Brien, com decidida vocação de químico, o qual na sua casa em Durham se entretinha á mesa da casa de jantar em complicados ensaios sobre uns premeditados efeitos da mistura de certos ingredientes de sua invenção. Um pano de que ele se servira para limpar o tampo da mesa e se embebera de pequena porção do líquido entornado quando desarmava o engenho da sua extravagante alquimia ficara ali por natural descuido — ou por obra do acaso. E foi também por capricho do acaso que o pai do rapaz, o mineiro Cecil O'Brien, agarrou no trapo e com ele, distraidamente, limpou a sua reluzente calva, tão lisa como uma bola de bilhar.

Começou a nascer-lhe o cabelo e, uma semana depois, o velho O'Brien verificava com alvoroçado e assombroso contentamento que já não era careca, pois se lhe ia adensando uma abundante e viridente cabeleira. Naquele breve espaço de tempo, o cabelo atingira oito centímetros de comprimento.

Surpreso e intrigado, deu o homem voltas ao miolo para descobrir a origem do «milagre», até que, ainda por intervenção do acaso, a rodilha de pano com a qual limpara a cabeça, lhe caiu outra vez debaixo dos olhos. Logo, por subita inspiração divinatória, associou o prodígio ao líquido resultante da mistura química com que o filho se entretivera nas suas absorventes experiências e do qual se impregnara o trapo que servira para limpar a nódoa da mesa e ele passara pela careca.

Pressentindo a importancia excepcional da descoberta, e querendo certificar-se dos seus efeitos surpreendentes, o mineiro instigou dois camaradas, também calvos, a repetirem a experiência com o mesmo produto — e os resultados foram também formidáveis: as veneráveis e opulentas carecas dos amigos converteram-se em «vicejantes jardins capilares».

«Não haverá mais carecas!»

Não restava duvida de que o pequeno Robert O'Brien, com a mania das experiências químicas, misturando esta e aquela substancia para conseguir um produto da sua invencionice, lograra descobrir aquilo que, nos laboratórios científicos, os investigadores há tanto tempo procuravam em vão — o remédio seguro contra a calvície.

Entretanto, surgira um obstáculo a contrariar o êxito que o pai do rapaz antevira para a sensacional descoberta, pois o inventor espontaneo esquecera-se por completo das substancias empregadas e do seu doseamento no ensaio do qual resultara o produto mágico.

Contudo, a publicidade dada ao caso pelo «Daily Mail», e não obstante aquele dificultoso contratempo, várias empresas interessadas estabeleceram contacto com os O'Brien. O tal e outros resíduos do líquido misterioso originado pelas experiências do garoto foram submetidos a pesquisas por vários químicos que conseguiram decompor a substancia maravilhosa e encontrar a fórmula precisa.

Não quer dizer, contudo, que esta «panaceia capilar» se possa adquirir de um momento para o outro como se compram comprimidos nas farmácias. Tornam-se indispensáveis certas provas rigorosas, laboratoriais e por meio de experiências directas, que garantam ser o produto inofensivo; e depois ainda a licença do Ministério britanico da Saude.

Cumpridas tais formalidades, será lançado o «remédio infalível que faz nascer o cabelo», acompanhado pelo «slogan» de fascinante sugestão, já atirado pela publicidade com retumbante eco mundial: — «Não haverá mais carecas».

QUESTÕES DE LINGUAGEM

O acento grave

Um nosso correspondente e, como se verifica, assíduo leitor desta secção, na carta que nos dirigiu no dia 15 do corrente mês, escreveu o seguinte: «No artigo *Questões de Linguagem* da *Magazine* (ora aqui está um termo que não conheço no nosso vocabulário) do *Diário de Lisboa*, de sábado último, vem a construção final dum passo do texto: «quanto á respectiva significação», com acento agudo no *á*. Mais adiante, noutra frase, outro *á*, também com agudo.

«Já tenho visto, em escritores consagrados, em casos idênticos, o costume de grafar o *á* assim.

«Ora, pondo de lado a hipótese de erro tipográfico, aliás inverosímil, vem a propósito... perguntar se há, com efeito, algum preceito que exclua o emprego do acento grave?»

Não, não há, pois o acento grave é um dos mais úteis sinais auxiliares da escrita portuguesa. Para mais, a sua existência e o seu emprego estão reconhecidos e regulados nas bases XXXIII e XXIV do Acordo Ortográfico de 1945. A segunda delas ocupa-se mesmo da forma que deu origem à carta do nosso correspondente que assina a sua carta, mas pede-nos que não divulguemos o seu nome. Prevendo, porém, a hipótese de imperiosa referência, solicita-nos o emprego do pseudónimo Zé Pacóvio.

Esclarecido o uso do acento grave, temos agora de esclarecer o seguinte: algumas das máquinas de compor não estão infelizmente munidas daquele sinal gráfico (pelo menos). Os nossos leitores, se se derem ao trabalho de examinar a ortografia de alguns dos nossos periódicos, verificarão que este caso (pelo menos) não se circunscreve apenas a um deles. Tal caso não é só de agora, se bem que a presença do acento grave na nossa escrita seja antiga.

Trata-se de deficiência que urge remediar, mas cuja presença não sei explicar concretamente.

*

Registamos com agrado o comentário do nosso correspondente a respeito do anglicismo *magazine*.

Diminutivo

Um aluno apresentou-nos o recorte de jornal onde recentemente se escreveu este passo: «*Vamp* é um diminuitivo (*sic*) de vampiro...»

Mostrou estranheza, pois sempre ouvira dizer que o tal *diminuitivo* é palavra inexistente. Na verdade, no passo transcrito está, como em todos os outros casos em que ela aparece, em vez da forma correcta e exacta que é *diminutivo*.

Na verdade, *diminuitivo* não tem qualquer justificação, pois nem mesmo pode ser derivado do verbo português *diminuir*, pois, a tratar-se de forma desenvolvida em português, sê-lo-ia antes de *diminuto*, o que também implicaria *diminutivo*. Também não lhe podemos encontrar uma causa no vasto campo dos galicismos, pois a forma correspondente em francês é *diminutive*.

Diminutivo é mais um elemento da nossa terminologia gramatical importado directamente do latim, onde havia *diminutivus* (ao lado de *deminutivus*), documentável em diversos textos de gramáticos latinos, particularmente de Prisciano.

Diminutivus (ou *deminutivus*) liga-se ao verbo *diminuo* (ou *deminuo*), «diminuir, enfraquecer; tirar, retirar; alienar».

JOSÉ PEDRO MACHADO

A MISSÃO DA O. A. S.

O rapto, perto de Paris, no princípio da semana, do deputado gaullista Paul Mainguy, por membros da O. A. S., atraiu as atenções, mais uma vez, para a famosa organização, que, nos ultimos tempos, tem intensificado a sua actividade terrorista e de propaganda tanto na Argélia como em França.

Fundada por brancos da Argélia, numa reunião secreta em Madrid, em Fevereiro passado, para servir a causa da «Argélia Francesa», a Organização do Exército Secreto fez sentir desde logo a sua acção. Nascida da aglutinação de pequenos grupos das direitas, os mais decididos defensores da conservação da Argélia como território francês, a O. A. S. recente-se dessa origem. Daí o seu carácter fascizante, e, como uma coisa está necessàriamente ligada á outra, o espírito de cruzada anticomunista de que é animada.

Para os adeptos da O. A. S. a luta contra a independência da Argélia e a luta contra o comunismo estão íntimamente ligadas e toda a sua propaganda é feita nessa base. Permitir que a Argélia se torne independente será deixar que se comunize — alegam eles, criticando a intenção do presidente de Gaulle de conceder a autodeterminação ao povo muçulmano argelino. E, embora o seu argumento não demova o chefe do Estado francês de levar por diante uma política que admite uma nação argelina independente, encontra bastante eco na população europeia da Argélia, que sente ameaçada a sua posição de minoria privilegiada e procura desesperadamente um pretexto, que não seja o dos seus interesses egoistas, para resistir á presente evolução. Instalados numa terra que ainda é francesa, mas que vai deixar de o ser, vêem-se perante o dilema de partir ou de se adaptarem ás novas condições. Tal é o drama dos franceses residentes na Argélia, em numero de um milhão.

Não é difícil imaginar o estado de espírito desse milhão de pessoas e compreender a razão do sucesso da O. A. S. junto da população europeia do território, uma minoria cuja posição privilegiada, nomeadamente nos campos económico e político, está a ser disputada pela maioria muçulmana, com o seu peso de nove milhões de almas. Para esse estado de espírito contribui ainda a sensação de abandono por parte da metrópole, originada pelo facto desta ter reconhecido a inutilidade da luta para conservar a Argélia francesa.

Evidentemente que, desde o início da sua actividade, a O. A. S. esteve convencida de que sem a metrópole não seria possível alterar a marcha dos acontecimentos. Por isso, para impedir a independência da Argélia tornar-se-ia necessário que o Governo francês a ela se voltasse a opor. Mas, devido ao fosso cada vez mais largo entre o general de Gaulle e os que mais contribuiram para a sua subida ao Poder — os partidários do princípio da «Argélia Francesa» — uma mudança da política governamental só poderia dar-se com uma mudança radical de... Governo. Portanto, o que haveria a fazer seria derrubar de Gaulle. E foi o que a O. A. S. decidiu fazer estendendo á metrópole a sua actividade terrorista e de propaganda.

Por outro lado, a situação tem evoluído muito e é evidente o crescente poder do G. P. R. A., o «Governo» rebelde no exílio, sobre as massas muçulmanas. Hoje, não restam duvidas de que qualquer solução do problema da Argélia tem de ser aprovada pelo G. P. R. A., para poder vingar.

Que esperanças restam á O. A. S. de impedir a independência da Argélia? Aparentemente, nenhumas. Após mais de sete anos de luta, os rebeldes muçulmanos estão prestes a obter a independência do território e o próprio Governo francês reconhece a inevitabilidade dessa independência. A causa dos residentes europeus na Argélia está, assim, perdida, o que a O. A. S. parece actualmente reconhecer, ao dar crescente importancia á luta contra o comunismo, pondo-a acima da luta contra a independência da Argélia. Estando esta práticamente perdida, a Organização do Exército Secreto não dá por finda a sua «missão», limitando-se a definir um novo objectivo supremo — a conquista do Poder em França. O problema argelino é agora uma questão marginal.

De uma semana para a outra

DIA 20

EM PORTUGAL — Morreu, na sua casa em Cascais, o prof. dr. Vieira de Almeida, alta figura intelectual e de grande relevo na sociedade portuguesa. ✲ Abandonou, a seu pedido, as funções de secretário de Estado da Industria, o eng.º Carvalho Fernandes. ✲ Grandes nevões no Norte do País, atingindo a neve a expessura de meio metro na Serra da Estrela.

NO ESTRANGEIRO — Anunciam de San Domingos que vão ser julgados o ex-presidente da Republica Dominicana, Balaguer, o ex-ministro das Forças Armadas, general Echavarria. ✲ Demitido do cargo de vice-presidente do Conselho do Congo, Antoine Gizenga, ficou em Leopoldville, sob detenção domiciliária. ✲ O ex-rei Simeão II, da Bulgária, casou-se com uma jovem espanhola, pleibeia, Margarita Gomez Acebo y Cejuela.

DIA 21

EM PORTUGAL — O Chefe do Estado presidiu, na Base Aérea da Ota, á cerimónia do juramento de bandeira pelos recrutas da Força Aérea. ✲ Na Universidade de Coimbra, com a tradicional solenidade, foram impostas ao dr. Azeredo Perdigão as insígnias de doutor «honoris causa» pela Faculdade de Direito. ✲ Chegou a Lisboa um grupo de portugueses que foi autorizado a sair de Goa.

NO ESTRANGEIRO — Houve violentos recontros, na capital da Pérsia, entre polícias e estudantes, partidários de Mossadegh. ✲ Anuncia-se que a Grã-Bretanha forneceu aviões militares á Indonésia. ✲ Em Washington aguarda-se para breve um acordo pondo fim á guerra na Argélia.

DIA 22

EM PORTUGAL — Ruiu um prédio de cinco pavimentos, em construção na Cova da Piedade, morrendo sob os escombros um pequenito de 5 anos, Armando Claudino, filho do guarda, que foi salvo a custo. ✲ Inaugurou-se o restaurante da Cidade Universitária, em Lisboa, onde podem ser servidos 1800 alunos. ✲ Foi celebrado o Dia de São Vicente, padroeiro da capital.

NO ESTRANGEIRO — A O. N. U. propôs a cooperação militar Adoula-Tschombé contra as tropas congolesas dissidentes. ✲ Foi revogado de comum acordo o tratado de defesa anglo-nigeriano. ✲ Foi adiado o lançamento no espaço do astronauta norte-americano John Glenn.

DIA 23

EM PORTUGAL — Foram nomeados governador e vice-governador do Banco de Angola, respectivamente, o dr. Carlos Moreira Rato e o eng. Fernando Correia Pessoa. ✲ Intenso nevoeiro isolou milhares de pessoas na margem sul do Tejo, onde houve incidentes. ✲ O secretário de Estado do Comércio falou á Corporação da Industria sobre problemas económicos.

NO ESTRANGEIRO — Saiu ileso de um atentado o rei do Nepal. ✲ Houve manifestações violentas a favor de Cuba em várias cidades sul-americanas. ✲ Repetiram-se os tumultos na capital da Pérsia.

DIA 24

EM PORTUGAL — O ministro do Exército visitou o Grupo de Companhia de Trem-Auto e a Escola Prática de Admitalações da Fundação Sain. tro da Saude visitou as instalações da Fundação Eain. ✲ A situação dos portugueses espalhados pelo Mundo foi apreciada na Assembleia Nacional.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Kennedy ofereceu-se como medianeiro na questão de Caxemira. ✲ O governador do Estado de Minas Gerais defendeu o regresso ao Brasil do antigo presidente Janio Quadros. ✲ Decorre na Imprensa espanhola violenta campanha contra os Estados Unidos da América do Norte.

DIA 25

EM PORTUGAL — Chegaram ao Estoril a rainha Frederica, da Grécia, e suas filhas Irene e Sofia, esta noiva do príncipe espanhol João Carlos de Bourbon. ✱ Chegou a Lisboa, procedente de Goa, um grupo de 54 refugiados. ✱ Faleceu o prof. dr. Adelino Costa, notável figura da Medicina portuguesa.

NO ESTRANGEIRO — O presidente dos Estados Unidos pediu autorização ao Congresso para negociar um acordo económico com a Europa Ocidental. ✱ A Bélgica anuncia que concederá a independência ao Ruanda-Urundi, em Junho ou Julho. ✱ Começou em Lagos (Nigéria) a conferência dos chefes de Estado africanos.

DIA 26

EM PORTUGAL — O ministro do Exército visitou, em Mafra, a Escola Prática de Infantaria e o Centro de Edubros do Governo o comendação Física e Desporto Militar. ✲ Avistou-se com membros do Governo o comendador Avelino Fernandes Laje, presidente das associações portuguesas no Brasil. ✲ Entraram em circulação os selos do VIII centenário de Tomar.

NO ESTRANGEIRO — O Governo francês anunciou providências especiais contra a O A. S. ✲ Discursando na O. N. U., Stevenson manifestou-se a favor da moção afro-asiática sobre Angola. ✲ A Russia pediu a convocação urgente do Conselho da O. N. U. por motivo da situação no Congo.

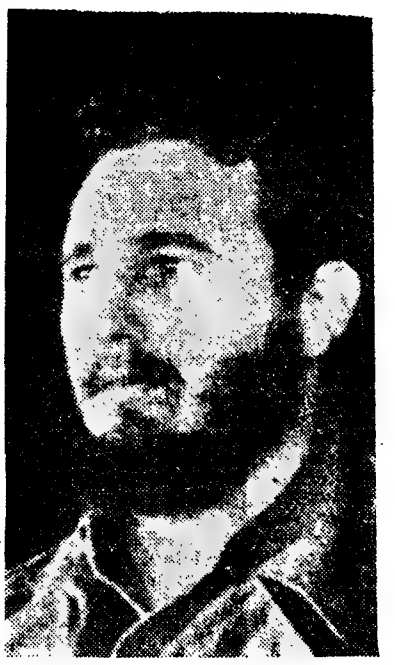
Noticias ainda não publicadas

■ **Há uma explicação para o facto do presidente francês, de Gaulle, não estar a combater com muito ardor as pretensões dos rebeldes argelinos sobre o Sahará. O valor do deserto é medido em petróleo e, embora as reservas sejam vastas, o custo da obtenção do produto está a ser muito elevado. Em consequência disso, a França ainda obtem a maior parte do seu petróleo do Médio Oriente — a preço bastante inferior ao do Sahará.**

■ Tal como nos dias de Dag Hammarskjoeld, os representantes soviéticos na O. N. U. queixam-se de que o secretário-geral da organização não os mantem ao corrente dos seus planos. Exemplos: (1) U Thant enviou o americano Ralph Bunch ao Congo e não o russo Arkadiev, ambos secretários adjuntos; (2) o secretário-geral mostrou um plano militar da O. N. U. para a Katanga a Adlai Stevenson, chefe da delegação dos E. U. A. nas Nações Unidas, mas não a Valerian Zorin, chefe da delegação da U. R. S. S. Os círculos da O. N. U. crêem que as queixas são um preludio de uma tentativa da União Soviética para se ver livre de U Thant.

■ **A troca dos prisioneiros em poder de Fidel Castro por tractores voltou á baila. Parentes dos prisioneiros formaram um novo grupo e, com 300 mil dólares (cerca de 8700 contos), iniciaram uma campanha na Imprensa para obter 2 a 3 milhões de dólares (58 mil a 87 mil contos), como primeiro pagamento dos tractores pedidos por Fidel, cujo valor atinge 21 milhões de dólares (609 mil contos). Um fabricante ofereceu-se para fornecer os referidos tractores facilitando o pagamento por dez anos.**

FIGURA DA SEMANA



Fidel Castro

A decisão dos Estados Unidos de incluir na agenda de trabalhos da Conferência da Organização dos Estados Americanos, que decorre em Punta del Este, de 22 a 29 do corrente, a discussão do regime cubano, contra o qual pediram um programa de acção conjunta que, inclusivamente, previa medidas concretas com vista ao seu extermínio, veio pôr de novo em causa a pessoa de Fidel Castro, que se tornou o chefe e mentor do regime que instaurou em Cuba.

Recentemente, Washington publicou um novo livro branco, de 12 000 palavras, sobre a situação naquele país, que intitulou de «O regime de Castro em Cuba» e que teve em vista reforçar os pontos de vista que os Estados Unidos vigorosamente defenderam em Punta del Este.

Nesse documento, o Governo norte-americano acusa Havana de querer destruir o sistema interamericano, de utilizar técnicas e processos totalitários para cimentar o «controle» ditatorial sobre o povo cubano. Acrescenta que as forças cubanas de terra são agora maiores que as de qualquer outro país da América Latina e que oitenta por cento do comércio cubano é feito com os países da cortina de ferro, segundo acordos de troca. E termina afirmando que o regime de Fidel Castro representa uma ameaça grave para a segurança individual e colectiva das Repúblicas americanas.

Fidel Castro anunciou a decisão de realizar uma grandiosa concentração na capital do país, durante a qual seria feita «uma segunda Declaração de Havana» para responder ás críticas de que o regime foi alvo em Punta del Este (a primeira Declaração foi feita em 1960, protestando contra a conferência da O. E. A., realizada em S. José da Costa Rica).

Os Estados Unidos, contràriamente ao que esperavam, pelo menos aparentemente, viram os seus planos contrariados pois alguns dos países-membros da Organização propuseram o adiamento de decisões concretas contra o Governo de Havana. A Argentina e o Brasil, cuja opinião não pode deixar de ser considerada na proporção da sua importancia no Continente Americano, haviam já manifestado a sua repulsa pela aprovação de sanções para acabar com o actual regime cubano.

Será difícil, depois das medidas militares tomadas por Fidel Castro para defender pela força das armas o regime dos seus poderosos inimigos e perante a relutancia de alguns países latino-americanos de aprovar medidas coercivas para o eliminar, prever o resultado efectivo, a prazo maior ou menor, da iniciativa norte-americana na Conferência de Punta del Este. Efectivamente, trata-se de mais um triunfo da acção constante e obstinada do chefe cubano ou e, pelo contrário, o começo do desbordar de uma tentativa temerária e descabida?

SINTRA ESPERA-O

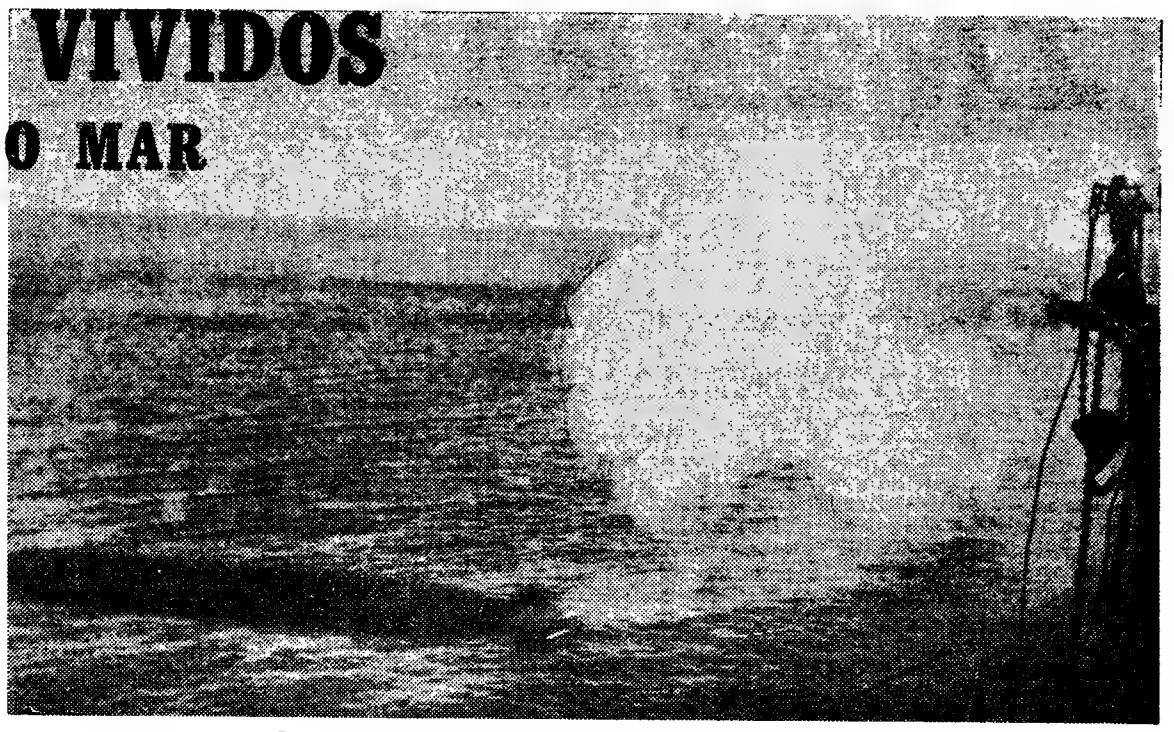
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os

COMBOIOS ELECTRICOS

TRÊS EPISÓDIOS VIVIDOS SOBRE AS ÁGUAS DO MAR

por MAURÍCIO DE OLIVEIRA



Quando o torpedo partiu ninguém esperava o que iria passar-se...

Reservei para este «Magazine» três episódios ocorridos a bordo de navios de guerra portugueses — três histórias vividas e nunca até hoje contadas aos meus fieis leitores das coisas navais.

Passaram-se há muitos anos. Talvez por isso mesmo têm já o sabor das velharias que o tempo faz esquecer Os três navios em que se deram, de há muito foram abatidos ao efectivo. Dos oficiais a referir, dois deles, infelizmente, já não pertencem ao numero dos vivos. Uma lembrança piedosa para os seus nomes e uma afirmação de sincera saudade, quero deixar aqui expressas, em recordação respeitosa da amizade que nos ligou.

Um torpedo brincalhão

Estavamos em pleno Verão no ano de 1930. Uma flotilha efectuava manobras na costa e «pernoitava» geralmente em Setubal ou em Cascais. Certo dia, a bordo do contratorpedeiro «Tamega», comandado pelo capitão-de-fragata Vieira de Matos, houve exercícios de lançamento de torpedos, uns com o navio a navegar outros com a unidade parada. Foi precisamente com um lançamento, na ultima daquelas situações, que se deu este episódio pouco vulgar e que uma grande sorte evitou que se transformasse num tremendo desastre.

Com o «Tamega» a pairar muito fora da ponta de Santa Marta, regulou-se mais um torpedo. Quando tudo estava a postos, soou a voz de «fogo» e um dos oficiais procedeu ao disparo. No meio da clássica nuvem de fumo amarelado, o engenho partiu com o ruido característico, mergulhou nas águas quietas — como as de um lago — para atingir a profundidade prevista e seguiu na sua carreira veloz. Percorridas umas três milhas, como também estava previsto, o torpedo veio á tona da água e uma pequena chama, que se acendia ao contacto do cilindro com a atmosfera, revelou a presença do torpedo, bolando como uma pequena baleia morta. Sucedia sempre assim. Nada de anormal portanto. Partiu imediatamente um gasolina para o «pescar» e trazer novamente para bordo enquanto se preparava outro engenho para idêntico exercício de treino.

Foi neste momento que uma praça do «Tamega» gritou: — Sr. comandante! Sr. comandante! O torpedo vem ali contra o nosso navio!...

Estava muito mar e o torpedeiro balançava medonhamente

E era verdade. As corrente marítimas tinham-no virado na direcção do «Tamega» e, por qualquer motivo o maquinismo de propulsão voltou a trabalhar, impelindo o torpedo na direcção do navio. Natural sobressalto a bordo. E vinha tão bem apontado o engenho, que passou precisamente por debaixo da quilha do «Tamega» na altura de meia nau... Teria sido um grande tiro. Não trazia ogiva de combate (mas de exercício e, portanto não explosiva) pelo que, se atingisse o casco, não lhe faria mais de que um rombo, obrigando a compartimentagem estanque a entrar em acção. Nem isso foi preciso, porque o «Tamega» tinha pouco combustível e pouca água, e consequentemente, encontrava-se muito aliviado. O comandante Vieira de Matos, que conhecia a profundidade a que vinha o engenho e as condições do seu navio, não se alarmou muito com o incidente e, debruçado na balaustrada, limitou-se a esperar que o «torpedo brincalhão» passasse. Depois quando o «bicho» já era visível do outro bordo, comentou com um sorriso:

— Tu viste este «tipo»? Tínha-nos arranjado um sarilho se o navio não está tão aliviado...

Eu, que estava nesse tempo na minha iniciação nas coisas navais, é que não achei graça nenhuma a este invulgar episódio. E nunca mais o esqueci, mas só agora o conto.

A tenacidade de um jovem tenente

Passou-se este episódio antes daquele que atrás referi. eDsta vez coube-me embarcar no pequeno torpedeiro «Ave», comandado pelo então tenente José Rodrigues Cosme. Iamos para o Norte, em exercícios de flotinha. Estava mau tempo. Vento forte, mar cavado, com vaga de cachão á mistura. Naqueles pequenos torpedeiros, tais condições de tempo tornavam a vida um inferno. De quarto — das oito ao meio dia — estava na ponte o imediato, um jovem 2.º tenente. Como quase todos os restantes componentes da guarnição, incluindo marinheiros antigos, o imediato ia enjoado, mas aguentava com rara tenacidade tão incómoda situação. O comandante propô-lhe que recolhesse ao camarote, pois substitui-lo-ia de bom grado até ao fim do quarto. Não aceitou dizendo que em qualquer circunstancia permaneceria ali até ao meio dia...

Mas o tempo piorava e o estado do imediato também. Em dado momento, o jovem mas perseverante oficial, começava a vomitar sangue. O comandante alarmou-se e quase que lhe fêz uma imposição:

— O imediato vai-se imediatamente embora da ponte. Não consinto que esteja aqui neste estado! Vomitar sangue é grave. Vá-se deitar um bocado...

O oficial, porém, pediu licença para não acatar a ordem: — Falta uma hora, comandante, para concluir o quarto. Tenha paciência, mas não saio...

E só ao meio dia se foi embora amarelo como cidra. Com o treino do mar, o enjôo acabou por lhe passar, como passou ou passa a tantos outros. O jovem tenente, de rara tenacidade e de insuperável firmeza, é hoje contra-almirante e chama-se Henrique dos Santos Tenreiro. Manteve pela vida fora essas qualidades que desde tão novo revelara.

Uma série de banhos forçados

Quando veio para Lisboa a urna com os restos mortais do ultimo rei de Portugal — D. Manuel II — o Governo prestou-lhe as honras devidas a um Chefe de Estado que se mostrou português e patriota acima de todas e quaisquer convicções políticas.

Uma força naval foi ao largo do cabo Raso, esperar o cruzador britanico «Concord», que transportava a urna c dar-lhe escolta até ao Tejo. Estava, como se costuma dizer um «bocado de mar». Tinha eu embarcado no torpedeiro «Liz», do 1.º tenente, hoje contra-almirante, Vasco Lopes Alves. Tive a triste ideia de ir precisamente para o bico da proa, para sentir «melhor» o pequeno navio a «caturrar» teimosamente. Quando dobrámos o cabo Raso, o mar piorou e, de quando em quando , o espectáculo que eu desejara admirar melhor, transformava-se num suplício bastante humido... O mar galgava o navio encharcava-me da cabeça aos pés e lá ia a espraiar-se pelo castelo da proa. Fugir dali numa «abertа», com a chapa de ferro da tolda perigosamente escorregadia, era uma temeridade sobre um navio tão pequeno e tão estreito. Que fazer, se ainda havia tanto que navegar?

O 1.º tenente Lopes Alves, munido do megafone, resolveu avisar-me e anular qualquer tentativa imprudente que eu encarasse naquela emergência. Parece-me que estou a ouvir a sua voz sonora e bem timbrada: — Você não saia daí agora porque vai parar ao mar...

O comandante tinha razão. Bem agarrado ao pau do «jack» aguentei-me, suportando as vagas que passavam e que quase me queriam levar. A' desagradável sensação que se experimenta de sentir a «roupa toda» colada ao corpo enregelado, acrescia a noção do prigo em que me encontrava. Surgia entretanto o «Concord». Iamos finalmente mudar de rumo para formar a escolta. Com o mar pela popa, tudo mudou. Caminhei tntão molhado até aos ossos, para o camarote do 1.º tenente Lopes Alves, onde me foi possível — por «subscrição nacional»... porque cada um emprestou uma peça de roupa...— mudar de trajos, enquanto as minhas roupagens ensopadas iam para a cozinha em regime de prolongada secagem...

Também se me gravou na memória este singular episódio. O caso, de resto, não foi para menos...

EDIÇÕES DE LIVROS DO BRASIL

O MITO DE SÍSIFO
de ALBER CAMUS
colecção ENCICLOPÉDIA L. B. L.

FIM DE SEMANA
romance de
ROGER VAILLAND
a última e mais discutida obra do célebre escritor francês
colecção DOIS MUNDOS.

OS INADAPTADOS
romance de
ARTUR MILLER.
Volume ilustrado com fotos do filme interpretado por Marilyn Monroe, Clarck Gable e Montgomery Clift.

REVELAÇÃO DO FUTURO
por RICHARD LEWINSOHN
colecção
VIDA E CULTURA

A VIDA QUOTIDIANA DOS MUÇULMANOS NA IDADE MÉDIA
obra magistral de reconstituição histórica, pelo maior especialista desta época, ALI MAZAHÉRI.

Grafologia

(Continuação da 4.ª página)

ção qualquer. porque no fundo tem receio de que, estando inactiva, venha a compreender que afinal com o seu temperamento meigo nasceu para o casamento. Além disso é de vontade muito fraca e precisa de um braço forte que a ampare pela vida fora. Você quer dar a impressão, mesmo a si própria, que é feliz — mas não é. Há traços na sua letra que revelam descontentamento e uma ansia de qualquer coisa que não sabe definir e que se chama desejo recalcado de felicidade.

TONKUI — Inteligência, óptimo carácter, compreensão rápida e raciocinio acertado É dinamico e impulsivo, toma resoluções rápidas e não perde tempo com futilidades. Dá a impressão de uma pessoa com grande prática da vida, quando afinal tem só 20 anos! Ansia de triunfar, de ser alguém, o que, com certeza, deve conseguir se continuar com as mesmas ideias e a mesma maneira de proceder. Força de vontade bem vincada. Aptidões para governar, dirigir qualquer empresa. Devendo, porém, reter os seus impulsos violentos de comando. Confiança absoluta em si próprio. Muita sensibilidade e um poço de ternura, mas que ainda não foi revelada por não ter encontrado quem a mereça. A conquista fácil não lhe interessa, para a sua maneira de sentir a parte espiritual tem no amor papel muito importante.

UMA HISTÓRIA SEM IMPORTÂNCIA

(Continuação da 6.ª página)

Nem me deixa ser egoístamente generosa. Ela começa a desvendar-se e a avisar-me que outros mais fortes sorriem, sorriem... E é ela, a vida, a vida que aquele mendigo ama, que se lê naquele corpo nervoso, nos olhos a quem ela ofereceu o amor, aquela que eu possuo no meu corpo jovem... No café parece adormecida. Os amorosos, a mulher, o empregado que, encostado ao balcão, se curva cada vez mais baixo... Só o dono tira os «braços postiços», substituindo-os para outra tarefa, talvez acariciar uma mulher.

Eu é que mudei. Levanto-me rápida, deixo sobre a mesa a minha esmola e ainda o vejo. Lá está ele, cambaleando com as mãos longas.

A vida venceu-o!

Qual dos dois caminhos eu preferirei? Sorrir e curvar-me para o chão, ou de olhos suplicantes estender, também, as mãos longas?

Os dois são a vitória da vida!

Mas tem de haver outra, deve haver outra...

Procurarei!!

MARIA VITÓRIA ROCHA DE SOUSA

(16 anos)

«O TINTEIRO»

(Continuação da 4.ª página)

to alto — senão o maior — da sua brilhante carreira. Um bravo a Armando Cortês.

O amigo, «que não serve para andar entre os homens», fica bem a Fernando Gusmão que se mostra sempre seguro.

Costa Ferreira, em Frank, o «Chefe do Pessoal», aquele homem que á custa de vénias arranja boa posição, merece também nota alta.

Carmen Dolores é «Pilar», a mulher de Crock, que quando compreende a grandeza de sentimentos de seu marido, já é tarde. Segura, á vontade, no papel de uma mulher de aldeia e para mais esposa de um Crock. Muito bem, mesmo.

Rogério Paulo nas duas personagens que interpreta, demonstra a sua real valia. A sua encenação é aceitável (e consegue «explicar» por si própria), se levarmos em conta as dificuldades das quais uma das maiores é o palco ser de cinema e não de teatro. Os cenários tinham de ser fácilmente montáveis e desmontáveis, uma vez que seriam utilizados entre duas sessões de cinema.

Nicolau Breyner, Tomás de Macedo, Rui de Carvalho, Maria Schulze e todos os outros, não destoam.

Bem haja pois o Teatro Moderno de Lisboa pelo bom teatro que nos ofereceu! Todo o publico saberá compreender a vossa iniciativa, e corresponderá!

Avante, pois!

CORTÊS MESQUITA DA TRINDADE

LEÃO TOLSTOI

romancista e dramaturgo

(Continuação da página anterior)

lho deturpadamente preceituado, em decalque, do evangelho cristão. Foi, escreve João Gaspar Simões, «a fase derradeira da sua existência, o longo, penoso e angustioso drama do homem que depois de ter amado a vida e a arte com todo o calor do seu fogoso coração, quer obrigar o homem a renunciar ao irresistível desejo de se perpetuar pelo amor, pela arte ou por qualquer dessas formas temporais em que a vida, afinal, teima em ser maior do que a morte». Explodira a fase do homem «que» — considera, ainda, Gaspar Simões— «a partir de certo período da sua vida renegara por completo a sua obra de artista admirável».

Antes de abandonar o lar e os seus, onde e com quem vivera aproximadamente meio século da sua vida, e de se pôr, quanto antes, a caminho e ao encontro do fim, aliás, de qualquer modo, já próximo, pediu ele: «Não me procurem. Eu tenho necessidade de me retirar do Mundo e de tudo o que me perturba. Essas eternas visitas, esses eternos solicitadores da minha pessoa, esses representantes de cinematógrafos e de gramofones que me assaltam, em Iasnaia Poliana» (onde nasceu a 28 de Agosto de 1828 e onde viveu), «envenenam-me a vida. É urgente que eu me retire. Devo isso á minha alma e ao meu corpo de pecador que viveu oitenta e dois anos neste vale de misérias. Durante trinta anos, suportei as mentiras mundanas, a do luxo e do conforto. Estou cansado de tudo isso e quero acabar na nobreza a minha vida infeliz».

E, conclui alguém: «Como o fim de um pesadelo, o fecho do drama de Tolstoi» e, com ele, a sua libertaçãodefinitiva «deste vale de misérias».

ASAS DE VENTO

Agigantam-se em mim
Palavras de vento.
Infância em que fui
Amarfanhou esperanças.
Risos de primavera
Perdem-se em lágrimas.
Parede que se ergueu
Nega beleza.
O rosto da vida
Ergue olhar bom.
Asas de morcego
Fogem ao longe.
Não te podemos negar
—Poesia amor.
Vida verdade
Realidade.

MARIA EDUARDA DOS REIS COLLARES — (17 anos)

Diario de Lisbôa

N.º 247

27 I 62

JUVENIL

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

Leão Tolstoi, romancista e dramaturgo

2.º prémio de ensaio atribuído a Rodrigo Emílio D'Alarcão Melo

Ora, «Guerra e Paz» veio a ser fruto concebido e consumado pelo desejo, da parte de Leão Nikolaevitch Tolstoi, de realização de uma obra ampla onde deixasse largamente assinaladas, além da sua maestria estilística e verbal, uma ideologia exacerbadamente nacionalista, eminentemente eslava e apologista dos grandes ideais do povo russo. Escolheu, para ambiente histórico, o período da invasão da Russia pelos exércitos de Napoleão Bonaparte. E, dentre o imenso friso personagístico, há duas figuras simbólicas cuja selecção se nos impõe: Kutuzov, general ao serviço de Alexandre I, que assume o comando das tropas russas. É ele o símbolo do fatum, essa infalível determinante histórica que, subjacente á vontade humana, conduz, irremediável como irrecusávelmente, os povos, e André Bolkonski, membro de uma das duas famílias — a família Rostov e a Bolkonski — que o genial romance debate, simboliza, aos olhos do leitor, a angustia da morte e, com essa angustia, a inteira compreensão da morte como complemento, mais, como verdadeira realização da vida, até mesmo como além-vida que, desde que elançada ao além, passa a desprezar, para todo o sempre, os liames que tudo lhe significavam enquanto aquém. E é com esta exaltada como exaltante mensagem de anarquismo cristão que «Guerra e Paz» — sintetizada toda uma e qualquer vida, desde logo, nos dois substantivos componentes deste título grandioso — termina.

«Lamentando que Tolstoi tenha sobrecarregado a sua «Guerra e Paz» de tanta coisa adicional, em verdade dispensável, não pode a crítica acusá-lo de não ter sabido resolver como romancista o objectivo que se impusera: fazer viver objectivamente factos e figuras, famílias e instituições, povos e exércitos, princípios e crenças, paixões e virtudes, num quadro susceptível de persuadir o leitor de que está assistindo ao desenrolar da própria vida» — afirma-no-lo o ilustre crítico João Gaspar Simões. Assinala, ainda, o mesmo tão isento ensaísta: é, «Guerra e Paz», «romance tão complexo e tão íntegro que por assim dizer não acaba: perpetua-se nas vidas que continuarão depois de o leitor voltar a ultima página da obra».

É também desta segunda fase da vida literária de Leão Tolstoi, todo o seu contributo dramaturgico que se reduz ás quatro peças teatrais: «O poder das trevas», «O cadáver vivo», «A luz que brilha nas trevas» e «Os frutos da ciência». Ainda que tão limitado, a leitura de todo o pequenino peculio teatral de Tolstoi, indispensa-se ao estudioso do que foi o teatro realista, no derradeiro quartel do século que passou.

A primeira das peças atrás enumeradas ganhou, em originalidade, com a audácia que houve na transposição, para a ribalta, do viver escuso, inferior ao mediano e quase nulo de aspirações, das classes menores da Russia e, como nos diz Luís Francisco Rebelo, «preparando, assim, a transição das comédias naturalistas de um Ostrovski para o realismo psicológico de um Tchekhov, e social de um Gorki». «A nobreza encontrou o seu pintor genérico em Griboiedov, os funcionários foram imortalizados pelas cores violentas das comédias de Gogol, os comerciantes viveram em cena graças ao pincel de Ostrovski, mas foi com Tolstoi que os camponeses ascenderam ao tablado» — isto, diz-no-lo Luís Francisco Rebelo, ter sido escrito por um crítico russo, «numa rápida mas exacta síntese da evolução do teatro russo oitocentista».

«O cadáver vivo» e «A luz que brilha nas trevas» são, como «O poder das trevas», igualmente, peças teatrais de tensão espiritual.

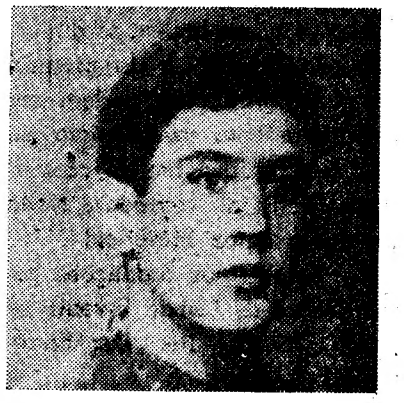
«Os frutos da ciência», trata-se de uma crítica satírica.

Como Tolstoi, também Tchekhov soube traduzir, com verdadeira genialidade, o monótono ramram do dia-a-dia, o entendimento da vida — através dos seus extraordinários silêncios — é ele, indubitávelmente, o maior criador do silêncio dramático —, grávidos de significados latentes que nos assaltam interrogativamente; e com o seu poder de, muito fácilmente, preencher os vácuos,

(Continua na 7.ª página)

UM JOVEM AO ACASO

— *Como se chama?*
— Armando Manuel Mora de Oliveira.
— *Que idade tem?*
— 16 anos.
— *Quais são as suas habilitações?*
— Estudo o 7.º ano dos liceus.
— *Pratica alguma arte?*
— Sim, escrevo poesia. Mas, para ser exacto devo dizer que me contento em tentar compreendê-la.
— *O que pensa da vida?*
— A vida é a epopeia da liberdade e da morte. É tudo aquilo que queiramos que ela seja. É viver e ter consciência disso.
— *Quais são as qualidades que mais admira?*
— A sinceridade a bondade.
— *Quais são os defeitos que mais abomina?*
— A vaidade e o egoismo.
— *Aponte alguns nomes que considere grandes.*
— Beethoven, Fernando Pessoa, Charles Dickens, Leão Tolstoi, São Francisco de Assis, Camilo Castelo Branco, Cesare Pavese.
— *Que procura na arte?*
— Simultaneamente a revelação integral do homem e a expressão da sua liberdade mais alta.
— *Em que país gostaria de viver se não fosse em Portugal?*
— Em Espanha que deve ser o país mais belo que existe.
— *Aponte três das mais belas palavras da língua portuguesa.*
— Mar, Amor, Deus.
— *Que animal prefere? Porquê?*
— O cão. Porque é generoso ao ponto de perdoar.



— *Que posição deve tomar um jovem relativamente ao problema de paz e de guerra?*

(Continua na 5.ª página)

Jogos Florais da Primavera

Grande iniciativa do Juvenil para comemorar o seu 5.º aniversário

1 — O Suplemento «Juvenil» do «Diário de Lisboa» abre, a partir de agora, os Jogos Florais da Primavera, que constituem uma das fases da comemoração do seu quinto aniversário — o «Juvenil» faz anos a 5 de Março.

2 — Destes «Jogos Florais da Primavera» fazem parte as seguintes modalidades:

Poesia
Conto
Desenho e Pintura.

3 — O conto não deverá exceder 5 páginas de papel de máquina, dactilografadas ou não, respeitando entrelinhas nunca inferiores a dois espaços, para o primeiro caso, a 1 centímetro para o segundo caso.

As produções manuscritas devem ser perfeitamente legíveis.

(Sublinha-se que a extensão, quer na poesia, quer no conto, não influi na classificação).

Para a poesia admite-se um mínimo de 10 poemas por cada concorrente, para uma possível ulterior publicação em livro. O prémio abrangerá o conjunto dos poemas e não um poema.

Não se põem limites às dimensões do desenho e da pintura.

4 — As produções podem ser assinadas com pseudónimo ou com o próprio nome do concorrente. Nada de segredos! Nada de sobrescritos lacrados!

5 — Remeter as produções para: «Diário de Lisboa Juvenil» — Jogos Florais — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa.

6 — Basta enviar um exemplar, apenas. Aconselhamos, porém, os concorrentes a ficarem com uma cópia em seu poder. Os originais não premiados poderão não ser devolvidos.

7 — Limite máximo de idade: 21 anos.

8 — Os Jogos Florais encerram no último dia de Fevereiro. Os resultados serão tornados públicos no decorrer do mês de Março.

Os prémios, bem como a constituição dos júris, serão oportunamente anunciados.

OS MEUS PROBLEMAS

PROBLEMA

Já tenho 18 anos, mas vivi sempre na província, sem convivência, sem estudos, e por isso sou mais ignorante da vida do que uma criança. Para mais, os meus pais nunca me esclareceram sobre muitas coisas que eu gostaria de saber e tantas vezes lhes pergunto, mandando-me calar ou mudando de conversa como se se tratasse de coisas impróprias. Acontece que, há meses, fui viver para longe da minha terra e conheci um rapaz que começou a fazer-me a corte e eu, convenci-me de que gostava dele, e dei-lhe atenção. Alguém teve uma grande conversa comigo, fez-me ver que eu não devia dar atenção ao primeiro rapaz que me aparecesse, que aquele não tinha qualidades para merecer o meu afecto. Reconheci que essa pessoa tinha razão, acabei o namorico e senti que, afinal, eu não gostava dele.

Isto parece que não é nada nem tem importância, mas tem-me feito uma grande confusão. Fiquei sem confiança em mim. Eu quero proceder ajuizadamente; mas, saberei? Se amanhã me aparecer outro rapaz, serei capaz de compreender, por mim só, se ele merece a minha confiança? E se eu julgo que gosto dele e depois descubro que mais uma vez me enganei? Eu quero ser uma rapariga muito ajuizada mas, se o não sou? Tenho medo do futuro, porque a pessoa que me aconselhou agora não continua junto de mim, e eu fico só, longe dos meus pais, que afinal se estivessem comigo também me não ajudariam.

RESPOSTA

Deves ser sensata e prudente, mas sem exagerar ao ponto de criares um problema quando deves evitá-lo.

Foi pena os teus pais não te habituares a conversares com eles sobre as realidades essenciais da vida. Mas como já tens 18 anos e compreendeste essa falta, as consequências serão, para ti, de ordem íntima e serás capaz de as enfrentar e solucionar, como acabaste de provar.

Tiveste, até há pouco, uma superprotecção que te manteve como que dentro de uma redoma. De repente, encontras-te sózinha e num meio totalmente desconhecido. Essa mudança e a falta do apoio que sempre tiveste deram origem ás duvidas, interrogações e receios que expões na tua carta. E' uma reacção natural numa rapariga muito jovem, muito inexperiente, e desejosa de seguir o caminho recto. Pouco a pouco, sem deixares de ser prudente, as tuas actuais apreensões desaparecerão .No dia em que o teu coração se dedicar verdadeiramente a alguém, «saberás» que gostas dessa pessoa. Não tenhas pressa, a tua hora chegará. Nem tenhas receio de gostar e depois deixar de gostar. Ninguém pode fazer previsões a tal respeito. E' um problema delicado e complexo, não podes ter a pretensão de o conhecer totalmente e de adivinhar como se apresentará para ti. O que interessa é que fortaleças o teu carácter e a tua vontade, para que um dia mais tarde, sejam quais forem as circunstancias em que te encontres e os sentimentos que te animem, nunca deixes de ser uma mulher de bem, leal e sincera. Compreendes? E tenho a certeza de que será assim, pois saberás compreender o sentido alto da vida e construir a tua felicidade.

TIÃO

TRÊS POEMAS DE JORGE DA SILVA

AQUELE QUE O DIZ

Sou o que sou, — sobre o que não soou:
— flor de vida que vive de uma morte,
raiz mergulhada num seio a apodrecer, —
que desponta, depois, em pétalas franzidas
de uma rosa dobrada,
— vermelha da cor do sangue!

FUGA

Há uma graça na amora
que me retem o gesto, e contempla
o pôr-de-sol doirado em preces findas.
— Roxa a amora, liso paramento
da madre natureza...
... ...
Busco o som cantado de uma reza
e só encontro, afinal, esquecidos numa bruma
o segredo da Paz e a cor da minha Calma...

DÚVIDA

Repicam os sinos das velhas catedrais
de Florença...
Brilham ao poente, loucos, os vitrais...
Vêm cantando, pelas estradas, os jograis
da província da Provença...
... ...
... ...
Ah! que não chega ninguém
que me desdiga ou me convença...

LEÃO TOLSTOI, ROMANCISTA E DRAMATURGO

(Continuação da 1.ª página)

formulando e pondo sucessivas perguntas, a que não responde, ao íntimo do espectador. Toda a sua personagem (leia-se «Cerejal», «As três irmãs» ou «Tio Vania») vai além de si, do ambiente, do episódio, da sua própria vida. Tchekhov exige, do palco, a profundidade da acção vital. A anedota, os seus movimento e terminologia, são sóbriamente modestos. Mas por detrás da pobreza aparente do diálogo e dos meios, oculta-se a grandiosidade da realidade objectiva, que tão tranquilamente contêm e traduzem. É preciso, ao espectador, saber estar, adquirir a «arte de estar» com Anton Tchekhov. Ao fim e ao cabo, é bom descansar com ele...

Toda a galeria da sua obra teatral é um protesto lançado contra os escritos de Gogol, o escritor eslavo que melhor exprimiu a aridez de um mundo em que já nem o mal existe, mas apenas as ruínas perpetuantes desse mal. Em «As três irmãs», para Tchekhov, o Homem necessita de determinar-se um fim em vista, um casulo que o iniba, o preserve, o isole por completo, de todas as causas que o levam a julgar-se e, por consequência, a sentir-se, infeliz. E esse casulo é, segundo o grande dramaturgo, nessa admirável peça, o Trabalho, que, por seu lado, é ainda um vestígio da passagem do mal por este mundo. Este, um dos muitos princípios que Hegel expôs na sua «Filosofia do Direito».

Tchekhov concebe o Progresso. Epocalmente, segundo ele, vem-se sendo decrescentemente desgraçado. Hoje em dia, é-se menos infeliz do que nos tempos mais remotos. Não sendo felizes, os Homens poderão, não obstante, vir a sê-lo. Todo o mistério está em futurarmos a época da total felicidade e, futurando-a, prevendo-a, participar dela. Pré-havê-la, pré-gozá-la. Enfim: teatralmente, como o de Anton Tchekhov, o realismo integral de Leão Tolstoi.

Mas nascera a terceira e ultima fase da actividade literária do escritor: a doutrinária. «Ana Karenine» é a sua ultima obra, ainda genuinamente artística, embora, cronológicamente, se lhe siga uma novela também artísticamente conseguida: «A morte de Ivan Ilitch». «A Sonata a Kreutzer» é já fruto da grande remodelação ideológica do magistral escritor — verdadeira invectiva contra o matrimónio —, por assim dizer, o anuncio da «Ressurreição» (onde se encerra toda a nova doutrinação evangélica) e também o de «A minha religião» (o preceituário da mesma doutrinação moral de não-violência inspirada na tese da bondade natural do homem apregoada, primeiro, por Rousseau, em «Nouvelle Heloise»), por sua vez, o produto consumado de um «Diário», que, de jovem, vinha escrevendo.

A crise religiosa, muito havia, incubada, degenerou em crise moral e, por seu lado, esta derrocou em revolução, ortodoxamente utópica, de ideias, na base de um novo evange-

(Continua na página seguinte)

UMA HISTÓRIA SEM IMPORTÂNCIA

CONTADA POR MARIA VITÓRIA E ILUSTRADA POR CECÍLIA

Sentei-me nesta mesa de café não sei para quê? Não quero tomar nada, não estou cansada... Não interessa a razão porque o fiz!

Olho em volta. E' um café pacato, sem pretensiosismo a grande renome, café que eu chamaria adormecido. Basta olhar para o homem junto ao balcão. Juraria que é ele o dono. Olhos mortiços, boca desbeiçada, cabelo sebento puxado para trás e umas mãos grossas. O casaco creme com biternes nas mangas dá a impressão de que os braços foram colados ali, e espero a qualquer momento vê-lo desenroscá-los e pô-los em cima do balcão, a descansar.

O interior do café está abafado, como se tivessem espalhado uma droga, e eu sinto-me pesada, embriagada pelo seu efeito.

Só duas mesas estão ocupadas, uma com um par enamorado, a outra, lá ao fundo, como fugitiva encurralada, com uma mulher. Está nervosa! Não, talvez não esteja, que mania a minha de fazer de tudo um drama. Que me importa a mim que ela esteja nervosa, que aqueles estejam enleados, que o homem tenha braços postiços? Que me importa tudo isso?

Um empregado, de sorriso servil, pergunta-me o que desejo. Olho-o e irrita-me! Hipócrita, estupido, porque não dizes e fazes o que queres? Sim, porque não é isto o que desejas. Porque te fechas na tua figura mesquinha e tapas o teu sentir com a bandeja que trazes? Grita, grita!

— Que deseja?

Fico cansada e inutil. Peço qualquer coisa que não beberei.

Olho-o enquanto se afasta, baixo e inclinado para a frente, todo ele se inclina para o chão.

Uma mosca distrai-me e leva-me o pensamento nas asas que a fazem voltear de uma mesa para a outra. Pára ao pé de um pouco de açucar, ignorando o silêncio quente que pesa e ela vence, voando agora para a mesa da mulher nervosa. Esta olha-a aborrecida e não a suporta por muito tempo, a mosca afasta-se dela e volta-se agora para mim. Impávida, espero-a, só os meus olhos a seguem, todo o meu corpo se mantém tremente e rígido de expectativa. Poisa na mesa e avança, ora para ali, ora para acolá, depois sobe para a minha mão. Os nervos lutam contra a vontade, as pequeninas patas movem-se e, naquele momento, esqueço tudo. Aquele bichinho que eu odelo não se curva para o chão, tem medo mas é ousado, sabe que a cobardia não mata a fome ou salva a vida, ela alimenta a morte.

O criado chega e pronto! A mosca fugiu, já não preciso dominar-me.

Mexo no copo com a colher, mexo cada vez mais depressa. Que movimento engraçado! Aumento a rapidez e um pouco de líquido transborda, desilusão! Pensava eu que os remoinhos só engoliam, mas esqueci-me daquele em que todos nos encontramos, o remoinho da vida. Esse engole todos sem perguntar se é isso que eles realmente querem e, depois, cospe-os como se a lotação estivesse esgotada e os outros começassem a protestar.

Eis a causa de parte da minha revolta. Hei-de contrariá-la, não irei, serei forte. Mas se ela me vencer, saberei perder? Saberei perder como os que sorriem com os lábios e odeiam com o coração?

Uma rajada fresca bate-me no rosto. Na porta entreaberta um homem espreita. Magro, andrajoso, de olhos implorantes e mão longas. O fato dança em volta dele, e o vento cola as calças ás pernas frias e magras, fartas, talvez, de viver mas com medo de gelar.

Tímidamente, entra, abro a mala para tirar algumas moedas. Com os olhos a sorrirem, dirige-se para o meu gesto.

Como que acordando de um longo letargo, o dono da pastelaria grita-lhe furioso que está a incomodar os clientes. O homem parece sumir-se pelo fato, quer dizer qualquer coisa, mas as palavras ficaram, talvez, esquecidas e recua sempre com a cabeça inclinada para o ombro, implorando e lutando com os olhos ainda acesos pelo amor á vida.

As minhas mãos abrem-se e abandono-as!

(Continua na 8.ª página)

CONCURSO
Comente esta fotografia

Mais uma «foto» para comentar que põe á prova os dotes literários, de observação e de análise dos nossos amigos.

Que lhes sugere esta criança montada no seu cavalinho de pau, «o terror das cadeiras» como disse o poeta?

Vamos. Papel, caneta... e o comentário que, conforme o regulamento habitual, poderá ter direito a um prémio...

Prémios Regina

A grande fábrica de chocolates Regina oferece para o concurso semanal do «Juvenil» (quer na modalidade «Comente esta fotografia», ou «A nossa Terra») três valiosos prémios, constituídos por três belas caixas de bombons (bem bons...).

Para ter direito aos prémios *Regina* basta enviar as respostas ao concurso em postal ou carta para «Diário de Lisboa-Juvenil», Rua Luz Soriano, 44, Lisboa.

Premiados no concurso «A NOSSA TERRA»

Todos acertaram. Não era difícil. Pode mesmo dizer-se que fazia lembrar o «branco é...». A cidade de Lisboa que todos nós tão bem — ou tão mal? — conhecemos foi apontada a dedo simultaneamente por dezenas de concorrentes.

Feito o sorteio, ficaram contemplados os seguintes amigos:

1.º — Francelina de Jesus — Lisboa

2.º — Maria Albertina Costa de Sousa — Faro

3.º — Madalena Quitéria Lopes

Estes magníficos prémios *Regina* estão á disposição dos contemplados no nosso jornal, até 30 dias a contar de hoje.

ENCONTROS DO JUVENIL

Reuniram-se, no ultimo sábado, pelas 15 horas, no «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44, os amigos do «Juvenil» com o fim de deliberarem sobre vários assuntos referentes ao suplemento.

Convém frisar que não há qualquer discriminação quanto á escolha dos Amigos para esses encontros. Não há convites. A qualidade de Amigo, de leitor assiduo, é bastante credencial. Todos serão bem-vindos — porque o «Juvenil» é «dos jovens, para os jovens».

Vamos dar sucintamente algumas sugestões, criticas e resoluções.

— Quanto aos «Jogos Florais da Primavera» esclarece-se que é ilimitado o numero das produções para cada concorrente. Só seriam admitidas produções inéditas.

— Os amigos do «Juvenil» de Lisboa manifestaram desejo de se corresponderem com os nossos inumeros amigos da Provincia.

— Sugeriu-se a efectivação de entrevistas individuais, a publicar no suplemento, com individualidades de destaque na literautra e nas artes.

— Alvitrou-se a organização de uma festa «em grande» para comemorar o 5.º aniversário do nosso «Juvenil».

— Resolveu-se pedir a cada um dos Amigos que enviem um projecto de cabeçalho para o suplemento, caso não concordem com o actual.

— Sugeriu-se que na secção «Peço a palavra!» se transcrevessem as cartas com interesse evidente.

— Na secção «Entre Amigos» deveria o Companheiro-mor cingir-se mais á critica literária, para que se julgasse o maior numero de colaboradores.

— Foi apreciada a ausência da musica no suplemento. Dolorosa pergunta: «Não há em Portugal jovens que se interessem por musica? Somos nós, portugueses, pobres a esse ponto?».

Outros assuntos de grande interesse foram levantados e discutidos com o maior entusiasmo e, juntamente, com a maior correcção. Todos souberam falar, porque todos souberam ouvir. Desses assuntos importantes em breve daremos noticia.

MUITO BREVEMENTE:

Visita dos Amigos do **Juvenil** á RÁDIO TELEVISÃO PORTUGUESA.

Novo êxito em perspectiva!

FRATERNIDADE de Armando Mora de Oliveira

Não digas que és barco ileso de naufrágios
nem a vela virgem de tempestades
detalhada
mar fora, no cansaço de mil caminhos
vai tua biografia.
Sem que o saibas és uma ilha bloqueada
ao abraço de peixes castanhos
e as chagas dos teus dedos
nunca farão a prece duma âncora.
E sem que saibas nada
nem de ti queiras nada
voltarás ao exíguo oceano
numa longa brisa sem asas
de razão suficiente.
E, então, nesse momento entre todos escolhido
chamarte-ei sómente: irmão.

De mim haverá uma paródia de sonhos
De mim o desgaste dum maço de cigarros.

COMO EU VI «O TINTEIRO» de Cortês Mesquita da Trindade

O Teatro Moderno de Lisboa, composto «por um grupo de actores disposto a realizar um género de teatro infelizmenté considerado pelos empresários portugueses como pouco rendável», já há muito fazia falta. Veio pois preencher uma lacuna no nosso ainda tão inconstante teatro. E, para iniciar a sua carreira, apresentou-nos, na simpática sala do Império, a farsa e tragédia de Carlos Muñiz «O Tinteiro».

Carlos Muñiz, jovem dramaturgo espanhol ainda pouco conhecido em Portugal, deu-nos com esta sua peça, a imagem dum mundo que a pouco e pouco se vai tornando muito frequente. Dramáticamente frequente: um mundo de egoismo, de falsidade, de insegurança, enfim, e segundo as suas próprias palavras ao situar a acção, um mundo «onde há homens, onde predomina o dinheiro, onde a ambição domina os corações, onde não importa que um homem morra.»

E ele prossegue: «E'poca actual. Ou há cem anos. Ou dentro de cem anos se não se lhe puser cobro.»

Toda a peça tem um carácter expressionista. Nota-se o interesse do autor pelos efeitos de som e os de luz, bem como por todo o indefinido ambiente.

«O Tinteiro» mostra-nos toda a tragédia de um homem bom que vive e sofre as injustiças de uma sociedade egoista e falsa. No escritório, o pobre Crock vê-se sujeito a um regulamento que lhe proibe telefonar, fumar, ter amigos, pensar, respirar, ter febre e até morrer!... E tudo isto porque «o sr. director o proibiu no regulamento.» E esse homem apenas tem um Amigo que o compreende, mas que é mais resignado e por isso menos sofredor. Todos os outros, desde o «sr. director» até á sua própria mulher, o olham com um tanto de desprezo e incompreensão pelas suas ideias, por querer rir, e sentir a Primavera...

E o pobre homem no seu sacrifício, vai levando a sua cruz, sempre a pensar nos seus filhos e esposa, e até confiante (pelo menos tenta convencer-se de tal) de que um dia terá dinheiro e poderá viver como os outros. Ele quer que os seus filhos sejam médicos, tenham uma carreira, não sejam como ele... Mas a sua vida vai piorando, ele é doente e ninguém o ajuda. Sofre as injustiças do mundo e fica com a tremenda pergunta a ressoar-lhe (e a ressoar-nos...) nos ouvidos: «Porque há tanta injustiça?» E vê no mar, que nunca viu porém, a paz, a grandeza, a tranquilidade, «um mundo com uma janela muito grande por onde se pode olhar sempre sem nunca nos cansarmos.» E não compreende «porque é que o mundo não há-de ser um mar muito grande, muito tranquilo, muito azul e a cheirar a fresco?» Mas isto é «pedir muito» conforme lhe anuncia o amigo e companheiro na desgraça...

E na 2.ª parte Crock, vestido com um pijama que lembra as vestes de um presidiário, vive ainda outra tragédia: a da mulher que por «não ser de pedra» não pode esperar na aldeia pela visitas semanais de seu marido. Avisa-o do que poderá acontecer. Ele no entanto nada pode fazer, não pode abandonar o serviço. E quando é despedido sente perto o seu fim. Agora nem amigo tem pois foi injustamente enforcado. Mais uma! Vende o seu corpo á Medicina, leva o dinheiro, «bombons para os pequenos» e um presente á mulher. E' a sua sina: «Agora já não me falta experimentar mais nada. Nem sequer o nojo».

Na fantasia final o amigo virá ter com ele, e irão os dois a correr ver o mar...

E' esta a tragédia de Crock. Quantos «Crocks» não haverá no Mundo?...

Duas palavras agora apreciando individualmente os intérpretes:

E' de justiça salientar um nome: Armando Cortês pelo seu Crock cheio de humanismo. Aquele Crock que pensa que «os homens têm direitos» é magistralmente encarnado por Armando Cortês, que tem nele um pon-

(Continua na 8.ª página)

À CLARA LUZ

Rodeio.
Enlaço o espaço que me veio
o duplo que voltou.
Perspecto a geométrica do baú.
Uniformidade no vaso que saltou.
Regulo.
Esbulho o ângulo recto
Esquiva-se o acessório
esforço nulo.

ANTÓNIO CLÍNICO

PARAGEM ZONA

«A ciência fez nascer este perigo (o perigo atómico), mas o verdadeiro problema está no cérebro e no coração do homem. Não modificaremos o coração dos outros homens por meio de mecanismos mas sim modificando os nossos corações e falando corajosamente.

Devemos ser generosos, dando ao Mundo o conhecimento que possuímos das forças da natureza, depois de estabelecermos medidas contra o seu abuso.

Devemos mostrar, não uma mera boa vontade, mas uma determinação activa em nos submetermos a uma autoridade obrigatória necessária à segurança do Mundo.

Devemos saber que não podemos fazer ao mesmo tempo planos para a guerra e para a paz.

Quando o nosso coração e o nosso espírito estiverem libertos, só então encontraremos coragem para vencer o medo que avassala o Mundo».

ALBERT EINSTEIN in Only Then Shall We Find Courage

UM JOVEM AO ACASO

(Continuação da 1.ª página)

— «Si vis pacem parat bellum». Devemos merecer a paz para não merecermos a guerra.

— *Que mais aprecia no povo português?*

— A sua bondade inata e a força de vontade.

— *Vê televisão? Em caso afirmativo: Gosta? Não gosta? Porquê?*

— Vejo, ás vezes. A nossa televisão é um constante improviso.

— *Concorda com os limites impostos na frequência dos cinemas?*

— Não. Acho-os arbitrários e severos de mais para as obras sérias, onde o cinema é realmente formativo. Além disso esses limites estão desnivelados relativamente a outros espectáculos.

— *Qual a sua opinião sobre as viagens interplanetárias?*

— Admiro o épico, o formidável, o categórico, que existe no facto de um homem visitar o Desconhecido. Mas, infelizmente, não acredito nas vantagens daí resultantes.

— *Que profissão gostaria de exercer?*

— Aquela para a qual estudo: advocacia. Acho-a profundamente humana.

— *Qual o género de leitura que prefere?*

— A poesia e a filosofia. Tanto numa como noutra é-me secundário o estilo e a época, a nacionalidade ou mesmo a qualidade, interessa-me sobretudo o depoimento do artista que sente e pensa dentro das suas possibilidades, o caso humano em si.

— *Que mais admira nos seus pais?*

— A sua confiança no futuro.

— *Decerto tem um amigo. Quais são as qualidades que lhe permitem chamar «amigo»?*

— A compreensão que o faz identificar-se comigo, e, ao mesmo tempo, constituir um «alter ego» da minha personalidade — completando-me. Assim num amigo meu admiro o espírito de iniciativa e a alegria.

(18-21 — Perguntas seguidas por Casanova in «Juvenil»-241).

HISTÓRIA SEM HISTÓRIA

Ele, de rosto comprido, ossudo, tisnado, mãos largas, grandes, sentado a um canto, olhava sem ver, silencioso, numa quietude de estátua. Ela, de rosto magro e pálido, de mãos enclavinhadas, chorava baixinho, junto da janela sem vidros. Na enxerga miserável, sobre a laje dura, dorme uma criança, o fruto daquele amor infeliz e desprotegido. Junto á sua carinha rosada, outra carinha rosada também, mas de louça... Era uma boneca, toda a riqueza e alegria da sua vida pequenina e triste. E a criança sonha, sonha com anjos, com estrelas, com nuvens, com flores... Eles, os de rosto triste e grave, choram. Não há pão, nem azeite... Há frio, trevas, solidão e dor, naquela casa nua e humida.

A Lua descobriu-se enfim... Entrou de repente pela janela sem vidros. E um raio de luar atrevido, sentou-se á beira da cama, e foi brincar com a criança adormecida... mas... iluminou a cara rosada, vidrada da boneca... Então ele, o de mãos largas e ossudas, olhou, fitou a filha querida, e chorou... Não tinha sequer pão para lhe dar... Mas estava ali a boneca, uma boneca rica, que destoava naquela casa... A boneca que alguém oferecera á criança, que adormecida, não sentia sequer o frio gélido que bailava naquela barraca...

De um pulo, levanta-se, lança um ultimo olhar á boneca, e sai com ela debaixo do braço. Regressa; e no seu olhar baço, brilha agora uma luz, uma esperança... A boneca ficara lá fora, aquela boneca que era toda a riqueza da vida pequenina duma criança... mas que importava a boneca, se ele trazia pão e azeite? Acende a lamparina, e aproxima-se da enxerga humida e negra onde dormia a sua pequenina... «Minha pequenina, acorda, já tens pão...». Mas a criança de faces rosadas, de mãosinhas tremendamente frias e pálidas, dorme, continuará a dormir, sempre a sorrir, sempre a sonhar... Sonhos belos, de estrelas e nuvens, de flores e de espuma. Do céu puríssimo cheio de estrelas, caem pingos suaves de luar... Um raio de Lua, entrando pela janela, pôs-se ao lado da criança, a chorar...

MARIA LUíSA GARCIA AFONSO
(16 anos)